

O NADA(R) QUE É TUDO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
PROPOSTA DE PERCURSO ARTICULADO POR
PISCINAS PÚBLICAS NO GRAJAÚ

BRUNO AMÁ STEPHAN
ORIENTADORA: MARINA MANGE GRINOVER

ULISSES

O mito é o nada que é tudo
O mesmo sol que abre os céus
É o mito brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo

Este que por aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

(Fernando Pessoa, in *Mensagem*, p. 19)

CADERNO - **PROCESSO**

O NADA(R) QUE É TUDO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
FAU USP 2017

PROPOSTA DE PERCURSO ARTICULADO POR
PISCINAS PÚBLICAS NO GRAJAÚ

BRUNO AMÁ STEPHAN

ORIENTADORA: MARINA MANGE GRINOVER
ORIENTADORA METODOLÓGICA: RAQUEL ROLNIK
BANCA: ANA CAROLINA TONETTI E EUGÊNIO QUEIROGA



SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS	10
2. RESUMO	14
3. INTRODUÇÃO	16
3.1. PROVOCAÇÕES	20
3.2. CORPO: ESTUDOS DE CASO	50
4. PROCESSO	96
4.1. DERIVA	102
4.2. GRAJAÚ E PARQUE COCAIA	108
4.3. EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO	130
4.4. VIVÊNCIA	140
4.4.1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	160
4.4.2. RUGBY FEMININO	178
4.4.3. SILKSCREEN 1/PINHOLE 1	184
4.4.4. DOCUMENTÁRIO “DA CASA À LUTA”	206
4.4.5. SILKSCREEN 2/PINHOLE 2/CARTOGRAFIA	214
4.4.6. OFICINAS DE ESPAÇO COM O GRÊMIO	230
4.4.7. INFLÁVEL “TRANSFORMER”	282
4.4.8. PROJETOS DO GRÊMIO	296
4.5. CORPO APREENDIDO	312
5. ARQUITETURA	318
6. CONCLUSÕES	320
7. BIBLIOGRAFIA	322

1. AGRADECIMENTOS

Isso vai ser longo, mas lá vai...

Agradeço à minha família, Silvana e Rubens, Victor e Fernando. Vocês me aguentaram até agora.

Agradeço à minha orientadora Marina Grinover pelas conversas incríveis, pelo apoio terapêutico e por ser uma das mulheres mais inteligentes com quem já tive o privilégio de trabalhar.

Agradeço aos professores Eugênio Queiroga e Ana Carolina Tonetti por participarem da minha banca.

A toda equipe da Padre José Pegoraro de 2017. A Sônia que me abriu as portas para essa experiência sem precedentes na minha vida. O Carlos Amorim, Diego, Letícia, Alessandra e Marcelo que me deram apoio e voz no colégio. E todos os outros que formaram e formam esse cotidiano duro, mas belo do Parque Cocaia.

Um grande abraço para os alunos do projeto do Grêmio que foram o meu porto seguro na escola e viraram bons amigos ao longo do tempo.

A todos que participaram da Semana de Aproximação na Padre José Pegoraro: equipe do FotoFAU, Gi e Be, Luenne, Hannah, e o time de Rugby Feminino da FAU, agradeço

pela ajuda e pela coragem de arriscar comigo bem no comecinho quando não sabia nada ainda.

Ao Coletivo Infláveis pela nossa experimentação impressionante e divertida na quadra. Obrigado ao time de Futsal Feminino da FAU também, que veio dar uma mão.

Hannah Campos, de novo, obrigado pela ajuda mútua nesse trabalho.

Meus dois times que me deram amparo nessa procura e impediram (nem tanto) que eu ficasse louco: a Natação - agradeço principalmente aqui ao Soninho, o melhor técnico que a USP já viu - e o Vôlei - aqui abro um espaço para agradecer ao Pedro Amorim, minha herança na FAU e ao Victor Martz, o Parabéns, com um papo sempre construtivo e prestativo.

Não deixo de agradecer a AAAFAUUSP, principalmente as gestões de 2012 e 2013, pelos anos intensos e por ser minha casa fora de casa. Sempre foi um lugar em que me sentia acolhido e vai sempre me fazer muita falta. Dentre os participantes eu agradeço muito ao Pirata, meu eterno presidente. Ao William Chinem também, um grande amigo. Também agradeço pelo apoio psicológico da Luenne e do William Valerio sem os quais eu acho que não teria sobrevivido até o final do curso.

Sou grato ao Filé de Borboleta: Fefs, Borba, Hugão, Gennari, Renan e Thi. Vocês me fizeram gostar de projeto.

Principalmente você, Fefs, você é uma pessoa iluminada, de verdade.

Ao Hérico, Adriana, Marina, Caio e Bel: obrigado pela casinha CABUM no exterior naquele ano excepcional.

A Lua Nitsche pela minha primeira experiência profissional de fato.

A Catarina pelas caronas e recomendações musicais.

Ao GTO (Gestão Técnica de Obras) pelo estágio na prefeitura durante um período turbulento para São Paulo e para minha vida. Especialmente os chefes Melina, Vini (chefinho!), Olga, Silvana e Camila. E os amigos Park e Marcão. Dedico parte desse trabalho ao Odilon, que sempre me cobrava um café que eu vou ficar devendo (in memoriam).

Ufa!

Acho que é isso...

2. RESUMO

O trabalho tem como objeto o corpo e a experiência lúdico-sensorial na cidade. Aqui se entende o corpo não apenas na sua dimensão biológica, mas também psicológica e social. O corpo é a interface entre subjetivo e objetivo; efetivamente é a maneira como estamos, existimos no mundo.

A partir de uma leitura do pensamento de Michel Foucault¹, entende-se o corpo ainda como a prisão a que cada indivíduo está condenado a viver a sua vida. O conceito de heterotopia de Foucault, representando a utopia que é realizável, seria a aparente solução para o fatalismo do corpo. Procurou-se, então, através de oficinas e de um processo de projeto participativo na EMEF Padre José Pegoraro no Grajaú, a possibilidade de criação de lugares outros foucaultianos.

Sob essa perspectiva, o objetivo do trabalho é propor o desenho urbano de um percurso de equipamentos públicos (a princípio piscinas públicas, compreendidas como lugar de maior evidência do corpo) nas periferias de São Paulo sob a ótica do lazer e do corpo. O projeto será a conclusão de uma pesquisa metodológica sobre o conceito de corpo segundo Foucault e suas ramificações no campo da arquitetura

1. (FOUCAULT, 2009).

3. INTRODUÇÃO

JORNADA

Esse trabalho não foi uma construção individual.

Embora tenha sido articulado por mim, foi um imenso esforço coletivo e participativo.

Parte de uma imensa crise que se desenvolvera em mim nos últimos anos na FAU USP. Tanto comigo mesmo pelas minhas limitações como indivíduo como com relação ao ofício do arquiteto e do urbanista.

Eu era um ditador, tanto em relação à minha pessoa quanto para com quem supostamente estaria projetando. Com modelos prontos em mente, achava que resolveria os problemas da humanidade e que meu exercício era o de simplesmente fazer os outros enxergarem o mundo exatamente como eu.

Tudo precisava ser perfeito, alvo, rico. Para isso valia a pena sacrificar os ensejos de todos e até o meu próprio corpo, em madrugadas desenhando edifícios e cidades essencialmente ideais.

Era um vício - o de acreditar que minha alma, minhas vontades, meu arbítrio eram uma entidade alhures, a qual o meu corpo somente carregava. Como um fardo por estar inserido no mundo.

Precisava me perder de mim mesmo, apagar minha corporeidade para poder então traduzir no papel as ideias

que possuía da maneira mais magistral. Para além disso, tudo era incômodo.

Não estava conseguindo resultados.

Nunca me destaquei em nenhuma área do meu campo de estudo. Não sou habilidoso em termos manuais, na minha retórica e nem sou particularmente esforçado.

Não alcancei empregos em escritórios de renome como muitos colegas e nem tive experiências extraordinárias na minha vida acadêmica.

Era e sou fundamentalmente medíocre. Humano, afinal.

O caminho não era então o de dissipar minha corporeidade, mas o de aceitar a materialidade das coisas como era. Aceitar que eu era uma pessoa, como todas as outras, fatalmente vinculado a circunstâncias contra as quais poderia lutar, mas que estariam inegavelmente sempre ali. Abandonei a posição de neutralidade que tentara sempre assumir.

Com esse trabalho, como quem mergulha numa piscina, tentei me atirar e me submergir em uma outra realidade, na qual pudesse então descobrir novas maneiras de lidar com esse corpo.

O desenho do professor [Ciriaco](#) - ao lado - mostra minha disposição.

Iniciei então minha jornada que fora tanto de reconhecimento quanto de autoconhecimento.



3.1. PROVOCAÇÕES

ARGUMENTOS

Pensou-se em iniciar o corpo do texto desse trabalho com algumas constatações e pensamentos que permearam todo o pensamento infundido nele.

As postulações aqui feitas serviram como argumentos na metodologia de projeto de toda minha atividade acadêmica ao longo de 2017. Penso que me auxiliaram na proposição de uma arquitetura mais tática, e menos estratégica.

São antes de tudo provocações para mim mesmo. Ideias mais ou menos soltas. Instigaram o raciocínio que foi o fio condutor do projeto como um todo.

PODER

O que está em jogo é a própria vida.

Em *Império*, Michael Hardt e Antonio Negri colocam que, embora superado o projeto imperialista, existe uma superestrutura, uma meta-narrativa que de certa forma domestica os indivíduos e sistematiza e organiza o mundo social. É o projeto secular de uma civilização unívoca que coincide com a própria empresa histórica. Assim, “não só administra um território com sua população, mas também cria o próprio mundo que ele habita”

¹. Prosseguem: “Não apenas regula as interações humanas como procura reger diretamente a natureza humana. O objeto de seu governo é a vida social como um todo” ². O que os dois autores chamam de “Império” será uma forma contemporânea, industrial, em um sistema-mundo capitalista do que Castro Gomez virá a chamar de projeto

1. (HARDT & NEGRI, 2001, p. 15).

2. Idem.

moderno, ou estruturalista – a “tentativa fãustica de submeter a vida inteira ao controle absoluto do homem sob a direção segura do conhecimento” 3. Em termos gerais, um esquema organizador, não só do saber, mas de todas as coisas. A modernidade é o projeto que se supõe ser o gênio da civilização.

Coloca-se que:

“(…) quando falamos da modernidade como ‘projeto’, estamos referindo-nos também, e principalmente, à existência de uma instância central a partir da qual são dispensados e coordenados os mecanismos de controle sobre o mundo natural e social. Essa instância central é o Estado, que garante organização racional da vida humana” (GOMEZ, 2005, p. 88).

Tendo o Estado como centro organizador da modernidade, era necessário garantir a sua legitimidade política, e é justamente dessa necessidade que se desenvolvem as supracitadas ciências sociais. Estas seriam uma plataforma, um aparelho tecnológico, para se criarem identidades culturais, de validação cientificamente embasada dos valores e características de cada nação. Nas palavras de Gomez:

“(…) as ciências sociais ensinam quais são as ‘leis’ que governam a economia, a sociedade, a política e a história. O Estado, por sua vez, define suas políticas governamentais a partir desta normatividade cientificamente legitimada” (Idem).

3. (GOMEZ, 2005, p. 87).

Assim, o conhecimento científico e o Estado moderno têm uma relação retroalimentar e uma função primariamente disciplinar.

Em sua dimensão disciplinar, normativa, o projeto da modernidade é uma máquina de produção de alteridades. Definida a norma, logicamente, define-se também o que é contrário à norma. Define-se o outro. Muito além de um simples ocultamento de identidades culturais de maneira abstrata e arbitrária, esse acontecimento é uma construção social que se dá no âmbito material e simbólico realizada por instituições modernizadoras (instituições, importante notar, baseadas na escrita, como constituições e manuais de comportamento) com o objetivo de instaurar e manter em voga o seu propósito visto como civilizatório e se dá vinculada ao estabelecimento do colonialismo e início do processo de globalização no século XVI. Os processos de inclusão e exclusão social sistemáticos nas colônias eram baseados em um sonho modernizador das elites europeias – o de se criar cidadania. O grande desejo era o de estabelecimento de um “sujeito de direito”, um campo de identidades homogêneas na qual se validasse a governamentalidade do projeto moderno. A invenção do outro é análoga, portanto à invenção da cidadania, e é essencialmente um processo taxonômico, e, nas palavras do autor, uma prática de “submissão dos instintos, a supressão da espontaneidade, o controle sobre as diferenças. Para serem civilizados, para formarem parte da modernidade, para serem cidadãos (...), os indivíduos não só deviam comportar-se corretamente e saber ler e escrever, mas também adequar sua linguagem

a uma série de normas”⁴. Só o indivíduo homem, branco, heterossexual, católico e são, entre outras inúmeras classificações, configuraria os primeiros cidadãos, portanto, embora o processo se propusesse de homogeneização.

Vê-se que a construção da modernidade e seu projeto só se tornaram possíveis a partir de um sistema de exploração. Ao se colocar que o Estado-Nação moderno agia como uma máquina produtora de alteridades que deveriam ser necessariamente disciplinadas é impossível para Gomez que isso não se dê no que chama de sistema-mundo moderno/colonial. Dessa forma, os Estados-nações e seus desdobramentos modernizantes não teriam surgido de maneira autônoma no contexto europeu, mas sim teriam sido frutos de um sistema global de colonialidade do poder. Este conceito é dissimulado e reproduzido por todos os Estados-nações e trata, em termos amplos, da legitimação da espoliação através do estabelecimento de um imaginário de diferenças incomensuráveis entre colono e colonizador. A definição da figura de um outro seria aqui fundamental porque é apenas definindo a barbárie que pode se justificar e legitimar as políticas disciplinares. Tais poderes disciplinares exercem um duplo papel, uma dupla governmentabilidade, isto é, instauram relações de poder jurídicas distintas para dentro (na tentativa de homogeneização de um sujeito específico) e para fora (na

4. (GOMEZ, 2005, p. 90).

criação de alteridades), assim traçando os limites e fins numa atividade projetual.

Cabe aqui a definição foucaultiana de poder disciplinar:

“O poder disciplinar é (...) um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. ‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios” (FOUCAULT, 1987, p. 195).

A disciplina não se coloca apenas através de grandes gestos, mas de maneira tênue, inconspícua e paulatina através de dispositivos que, de uma maneira ou outra, compõem o cotidiano dos indivíduos. Essa denominação se torna fundamental para a posterior compreensão desse trabalho.

Com efeito, ao se observar como é jusnaturalizada a modernidade, percebe-se que nada mais é que uma utopia. É uma utopia, retomando a temática de Império, que se diz de “paz perpétua”. O moderno uniria em si o ético e o jurídico. Dentro de suas fronteiras há paz, há unidade, há garantia de justiça para todos. Cria-se “um poder unitário que mantém a paz social e produz suas verdades éticas”. Nesse contexto, tal arranjo “exaure o tempo histórico,

suspende a História, e convoca o passado e o futuro para dentro de sua própria ordem ética. Em outras palavras, (...) apresenta sua ordem como algo permanente, eterno e necessário” ⁵. Na busca historicista de estabelecer sua soberania e ordem pacífica interna de maneira definitiva e inexorável, para se mostrar um imperativo, à ação modernizante se oferece a força para realizar a violência, a eugenia.

Contudo, se o plano global civilizatório só se torna possível se apoiando em uma entidade centralizadora, hoje se vê um arrefecimento da influência e da capacidade disciplinar dos Estados-nações. Paradoxalmente, a capacidade de domesticação da meta-narrativa social global contemporânea permanece mesmo com o progressivo desmantelamento de diversos dispositivos que eram essenciais para o estabelecimento da disciplina. A modernidade enquanto sistema continua viva, mas “não necessita já de um ‘ponto arquimediano’, ou seja, de uma instância central que regule os mecanismos de controle social. Poderíamos falar inclusive de uma governamentalidade sem governo para indicar o caráter espectral e nebuloso, às vezes imperceptível, mas por isso mesmo eficaz, que toma o poder em tempos de globalização” ⁶. Para se entender essa aparente contradição, se faz preciso compreender o papel do pós-estruturalismo nesse quadro.

Nessa crítica pós-moderna, o entendimento do trabalho de Michel Foucault é peça nevrálgica. Sua colocação seria a do fim da sacralização da técnica como ponto ideal da empresa humana. Advoga pela negação da posição de

5. (HARDT & NEGRI, 2001, p. 29).

6. (GOMEZ, 2005, p. 92).

neutralidade dada às ciências físicas e das grandes universalidades apresentadas pela filosofia tradicional.

O pensamento de Foucault e seus escritos sobre o corpo se tornaram a peça-chave para o desenvolvimento desse trabalho, mas por ora basta sinalizar o alcance que assinalou no início de sua carreira com *História da Loucura*. Foi quando coloca pela primeira vez que os saberes talvez não pudessem ser considerados um espelho da realidade. Amigo próximo de Foucault, Paul Veyne coloca como “Foucault não crê nesse espelho”, e prossegue: “o objeto, em sua materialidade, não pode ser separado das molduras formais por meio das quais o conhecemos e que ele (Foucault), com uma palavra mal escolhida, chama de ‘discurso’. Tudo está aí” ⁷. A “verdade” então não possuiria correlação com o “real” – a verdade seria fruto de uma ideologia, de uma trama de relações sociais e individuais específica de um período e de um sujeito.

Traçando perfis de loucura – a possessão divina, a desrazão, a demência - e principalmente seus lugares e práticas de tratamento ao longo do tempo, vê-se como todas estão vinculadas ao “programa” das ciências médicas e terapêuticas. Coloca-se aqui que Foucault não duvida da existência da loucura ou a considera como mera ideologia - muito pelo contrário, considerava-a insuportavelmente real. A preocupação de Foucault é na patologização dos comportamentos considerados desviantes. Com essa atenção, a loucura é um terreno sensível para discutir práticas do corpo que divergem do projeto modernizante por colocar uma problemá-

7. (VEYNE, 2011, p. 16).

tica extremamente específica: quais são as fronteiras da loucura?

“Quando creio ter um corpo, posso ter a certeza de possuir uma verdade mais sólida daquele que supõe ter um corpo de vidro? Sem dúvida, pois ‘são loucos, e eu não seria menos extravagante se seguisse o exemplo deles’. Não é a permanência de uma verdade que garante o pensamento contra a loucura, assim como ela lhe permitiria desligar-se de um erro ou emergir de um sonho; é uma impossibilidade de ser louco, essencial não ao objeto do pensamento mas ao sujeito que pensa. É possível supor que se está sonhando e identificar-se com o sujeito sonhador a fim de encontrar uma ‘razão qualquer para duvidar’: a verdade aparece ainda como condição de possibilidade do sonho. Em compensação, não se pode supor, mesmo através do pensamento, que se é louco, pois a loucura é justamente a condição de impossibilidade do pensamento: ‘Eu não seria menos extravagante...’” (FOUCAULT, 2012, p. 46).

A raiz da loucura jaz justamente na epistemologia de pensamento. Não se deseja aqui traçar um parâmetro complexo do que seria a loucura, basta levar em conta uma suposição: se a loucura é, por definição, pertencente ao campo dos pensamentos impossíveis e doravante indeterminados, como tratá-la? Como classificá-la? Por que o uso do termo tratamento e classificação?

Suponhamos (como já se indaga que seguramente deve ter sido feito diversas vezes) que fosse determinado um componente genético e fisiológico das diferentes formas da loucura por meios científicos, empíricos e experimentais. Como coloca Veyne: “And then what?”. Seria isso o

suficiente para justificar a criação de uma instituição que agisse de forma a intervir na genética e na fisiologia dos indivíduos loucos? Por muito tempo, as colocações dessa natureza foram, de fato, motivo para a criação de um aparato disciplinador que corrigisse os desvios causados pela loucura. Retomando as constatações do início do texto, veem-se as maneiras de agir do projeto civilizatório. O louco é desviante porque foge da razão, então é preciso desenvolver uma explicação objetiva do como e do porquê de tratá-lo, que, por sua vez, justifica a ação impositiva da modernização em nome da paz.

Diz-se que os discursos de cada época sucessivamente se implicam “nas leis penais, nos gestos, nas instituições, nos poderes, nos costumes e até mesmo nos edifícios que o põem em funcionamento o que Foucault chama de dispositivo”⁸. É o que aconteceu com o tratamento da loucura. O louco, que escapa ao processo civilizatório, foi sumariamente declarado como degenerado, e assim gerou-se toda sua taxonomia e alteridade - o discurso de domesticação do louco.

O discurso nada mais seria que a forma mais sucinta e nua da descrição de uma determinada época. O que de fato a confere individualidade, sua *differentia ultima*. O ofício do filósofo seria realizar a genealogia dos discursos que nos perpassam. Os discursos, nossas verdades, são, quando analisados a fundo, todos igualmente arbitrários, mas inevitáveis. Somos filhos de nossos condicionamentos, afinal.

Desses primeiros conceitos delimitados por Foucault, é possível extrair dois aspectos importantes para

8. (VEYNE, 2011, p. 20).

definir a mudança de paradigma no projeto civilizador. Primeiramente, é importante se debruçar mais uma vez sobre o papel das leis e das ciências - agora nas obras *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder* - como articuladores das relações de poder: de que forma afinal o poder se exerce efetivamente sobre os indivíduos?

A resposta para Foucault é clara: o poder age sobre nossos corpos. Tema esse que se tornou o princípio para esse trabalho e depois será mais bem definido.

Em *Vigiar e Punir*, afirma:

“Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo. Estudaram-no no campo de uma demografia ou de uma patologia históricas; encararam-no como sede de necessidades e de apetites, como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos, como alvos de ataques microbianos ou de vírus: mostraram até que ponto os processos históricos estavam implicados no que se poderia considerar a base puramente biológica da existência; e que lugar se deveria conceder na história das sociedades a ‘acontecimentos’ biológicos como a circulação dos bacilos, ou o prolongamento da duração da vida. Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1987, p. 29).

O poder tem uma forma, tem materialidade e se dá nas relações com os corpos dos indivíduos. Corpo este que não se coloca no mundo apenas como mera existência biológica, mas como todo impregnado de sentido. Como

afirmaria Marcel Mauss em *As Técnicas do Corpo*, existe no indivíduo uma dimensão também psicológica e social para além da mera física, mecânica. “É o tríplice ponto de vista, o do ‘homem total’, que é necessário”⁹.

Em um primeiro momento, é suficiente assinalar somente que, para Foucault, os poderes sobre os corpos não se colocam apenas de maneira negativa, através da ação punitiva ou de sanção, mas podem ser exercidos também de forma positiva, incentivando certas práticas do corpo. Através dessa especialização do corpo, se define a política, o território. Em *Microfísica do Poder*, coloca:

“(...) creio ter descoberto o que no fundo procurava: as relações que podem existir entre poder e saber. Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz seus efeitos. Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território. E o termo político-estratégico indica como o militar e o administrativo efetivamente se inscrevem em um solo ou em formas de discurso. Quem encarasse a análise dos discursos somente em termos de continuidade temporal seria necessariamente levado a analisá-la e encará-la como a transformação interna de

9. (MAUSS, 2003, p. 405).

uma consciência individual. Construiria ainda uma grande consciência coletiva no interior da qual se passariam as coisas” (FOUCAULT, 1985, p. 158).

Vê-se nesse trecho a grande originalidade da busca de Foucault. As relações humanas ganham corporeidade, lugar, passam a ser uma rede de acontecimentos do momento, e entendê-las passa a ser um trabalho de diagnosticá-las no presente. A procura passa a não ser por uma verdade que está sempre alhures, por uma tentativa de traçar constantes “naturais” no tempo em vão – a verdade está diante de nós em uma rede, um jogo de poderes que incide diretamente sobre nossas vidas.

À política que se dá sobre a vida dos indivíduos, Foucault conferiu o nome de *biopolítica*. Voltando à obra de Hardt e Negri, estes colocam justamente: “Biopoder é a forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e a rearticulando”¹⁰. Para os dois autores, a definição de biopoderes seria imperativa, pois na gerência do sistema-mundo contemporâneo passamos do que seria uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle. Enquanto, como já esboçado, a primeira usa diversos dispositivos para traçar seus limites civilizatórios, estruturando seu terreno social, prescrevendo de maneira mais ou menos transparente os comportamentos hegemônicos e os desviantes, na segunda, há, de certa forma, uma maior “democratização” e difusão dos mecanismos de comando. A aceleração dos processos de globalização, assinalada por Gomez, e a criação e fortalecimento de poder e capital supranacional, indicada por Hardt e Negri, leva à necessidade de um controle igualmente maleável e incerto. O poder está em

10. (HARDT & NEGRI, 2001, p. 43).

toda a parte, destilado nos chamados *micropoderes*, que, por via de regra, são velados e mutáveis.

“Os comportamentos de integração social e de exclusão próprios do mando são, assim, cada vez mais interiorizados nos próprios súditos. O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro (em sistemas de comunicação, redes de informação, etc.) e os corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas, etc.) no objetivo de um estado de alienação independente do sentido da vida e do desejo de criatividade. A sociedade de controle pode, dessa forma, ser caracterizada por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normatização de disciplinaridade que animam internamente nossas práticas diárias e comuns, mas, em contraste com a disciplina, esse controle estende bem para fora os locais estruturados de instituições sociais mediante redes flexíveis e flutuantes” (HARDT & NEGRI, 2001, p. 42-43).

CETICISMO

Retomando a primeira frase do trabalho, o que está em jogo é a própria vida. Sua produção e reprodução.

O contato com a obra de Foucault é, a princípio, extremamente elucidativo e libertador. O ceticismo foucaultiano é uma lição que nos torna mais aguçados perante a qualquer discurso que tente se passar como universal. Passamos a pensar nas relações humanas e na própria vida sob outro ângulo. Após segunda análise, porém, percebe-se que, assim como o autor colocava que a verdade é verdade ao longo do tempo e nunca é total, também seu trabalho

não é absoluto, e traça um panorama extremamente paralisante do nosso estar no mundo. Aqui se encontra o segundo aspecto da obra de Foucault que define a crítica do pós-estruturalismo: a morte irremediável das universalidades e o advento do extremo individualismo.

Como coloca Veyne, embora o trabalho de Foucault definitivamente não tenha essa intenção, o fim das transcendências postulado em seu trabalho poderia e foi considerado “um solvente niilista que corrompe a juventude” ¹¹. Os escritos de Foucault seriam uma armadilha: puxam o tapete que as estruturas sociais nos representam sob os nossos pés e desnudam nossa condição errante humana. Diria ele que “a vida culminou, com o homem, num ser vivo que nunca se encontra inteiramente em seu lugar, num ser vivo que está destinado a errar e a enganar-se” ¹². Tem-se um nó górdio que representa talvez o grande impasse da nossa época – uma vez abandonada a ideia historicista de um progresso e de uma essência ou natureza humana que caminha à paz eterna, à perfeição, para onde iremos? Será tudo vão, supérfluo?

Essa condição de incerteza e de impossibilidade de uma totalidade que, em um primeiro momento, representa a maior das liberdades, nos reduz a estranhos ao mundo. E toda significação que podemos atribuir a essa realidade perde o peso de ser a partir do ponto que se assume que existem apenas subjetividades. Resta-nos a apatia.

11. (VEYNE, 2008, p. 195).

12. (FOUCAULT, 2000, p. 364).

O ceticismo foucaultiano não acrescenta nada ao nosso cotidiano.

Ao mesmo tempo, qualquer possibilidade de retorno aos ideais modernizantes, que colocavam o progresso como necessário, se torna liquidada a partir do ponto que se assume que não existe uma culminação da história – um fim da história.

Existem apenas as subjetividades. É a partir daqui que Gomez traça sua crítica da crítica pós-estruturalista. A impossibilidade de se atingir a totalidade não significa que não existam esquemas totalizantes. Os estudos pós-modernos, herdeiros de Foucault, tendem a abandonar as meta-narrativas como esquemas transcendentais que de nada servem para enquadrar a complexidade humana. Volta-se para os pequenos relatos, as relações estritamente pessoais como as mais autênticas. Como exemplo, Gomez cita o problemático pensamento da obra de Jean-François Lyotard.

Para Gomez:

“O caso de Lyotard parece-me sintomático. Afirma com lucidez que o meta-relato da humanização da Humanidade entrou em crise, mas declara, ao mesmo tempo, o nascimento de um novo relato legitimador: a coexistência de diferentes ‘jogos de linguagem’” (GOMEZ, 2005, p.92). Similarmente a Foucault, Lyotard abandona as grandes narrativas históricas para se focar nas redes que compõem o presente. Na contramão desse ideal, o que Gomez coloca é que “o problema com Lyotard não é que tenha declarado o final de um projeto (...). O problema reside, isto sim, no novo relato que propõe. Pois afirmar que já não existem regras definidas de antemão equivale

a invisibilizar – quer dizer, mascarar – o sistema-mundo que produz as diferenças com base em regras definidas para todos os jogadores do planeta” (GOMEZ, 2005, p.93).

Na teoria de Lyotard, o sistema-mundo se encontraria ausente da representação, e, assim seus estudos culturais estariam incompletos por nunca nomear uma totalidade, como se ela fosse inexistente.

Como já observamos, o projeto civilizatório possui contornos definidos e age de maneira específica. Sem o uso de esquemas totais, traçá-lo seria impossível. E justamente as dimensões impositivas dele é o que aqui queremos combater, a princípio. Em suas vicissitudes, na realidade o que sucedeu foi que a modernidade devorou o pós-moderno e hoje o usa para se enraizar como sociedade de controle. Isso ocorre porque na ótica pós-moderna, as relações de poder não teriam mais um caráter disciplinar, mas sim libidinoso, na medida em que a ausência de uma instância moderadora permite ao indivíduo criar sua própria subjetividade sem se opor ao sistema, assim tornando a diferença não apenas aceita como também incentivada e estrutural. Como o Estado não possui mais de todo o direito sobre a economia, por exemplo, ocorre um aumento no número de mercados especializados, situação na qual a fragmentação social é necessária, e a produção, em oposição à supressão, de mudanças passa a ser desejada. A visão modernizadora sobre as alteridades se encontra em processo de modificação, portanto.

Procurando estabelecer o nosso grande impasse em um espectro, teríamos de um lado as metanarrativas, os esquemas globais, o projeto civilizador em seus

momentos mais fúnebres, a eugenia e o apagamento total do indivíduo em prol de um coletivo. Do outro lado veríamos a verdadeira nudez da nossa existência, a ausência de significado, o puramente subjetivo, o fim de qualquer projeto de civilidade. A grande narrativa global bebe de ambas as fontes para criar sua dominância. É nesse contexto que o trabalho tenta se construir. É nesse contexto que teremos que nos construir.

ARQUITETO

Na grande crise atual causada pelo pós-estruturalismo, onde se encontra a figura do arquiteto? Evidentemente, sendo um profissional técnico, o arquiteto e o urbanista estão inseridos nos jogos de verdade entre técnica, poder e sociedade. Através da organização das unidades e espaços vazios conformados, desenhando o plano planialtimétrico das cidades. São capazes de projetar.

Usaremos a teoria de Guy Debord rapidamente para definir a maneira como o ofício arquitetônico se insere no grande impasse contemporâneo. Em específico, precisamos sublinhar a sua definição de *espetáculo*.

Enquadrando os escritos de Debord nos de Hardt e Negri, poderia se definir a sociedade do espetáculo como aquela em que o sistema-mundo pós-globalização exerce sua influência máxima. Seria o quadro já divulgado e temido pelos dois autores de Império: a vida completamente dominada pela estrutura mundial do capitalismo tardio, o estado de alienação completa e supressão da criatividade. O mundo do espetáculo seria aquele em que apenas interessa a imagem ideal e perfeita das coisas. Todos os bens que podem ser adquiridos, quando transformados em mercadoria já são pré-selecionados na sua produção,

que é dependente das grandes estruturas globais. Toda a fenomenologia dos acontecimentos e a vida em si são virtualmente apagadas e as relações sociais se tornam efetivamente também produto ao serem submetidas ao controle remoto. Como coloca Debord: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens” ¹³.

“O espetáculo é o herdeiro de toda a fraqueza do projeto filosófico ocidental, que foi um modo de compreender a atividade dominado pelas categorias do ver; da mesma forma, ele se baseia na incessante exibição da racionalidade técnica específica que decorreu desse pensamento. Ele não realiza a filosofia, filosofiza a realidade. A vida concreta de todos se degradou em universo especulativo” (DEBORD, 1997, p. 19).

Percebemos como, na criação de dispositivos de controle, cada vez mais indistintos, o novo projeto moderno imporia todas as imagens que serviram para a delimitação de suas fronteiras. Lança suas imagens de alteridades sobre a população, que passam a ser a nova realidade no lugar da vida cotidiana.

Não só o sistema-mundo projeta o seu modo de ver sobre os indivíduos como também o coloca como elemento social neutro, corroborando para justificar a si mesmo e assim construir sua aceitação inquestionável. Nas palavras de Debord:

“O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório. É o autorretrato do poder na época de sua gestão totalitária

13. (DEBORD, 1997, p. 14).

das condições de existência. A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre homens e entre classes: parece que uma segunda natureza domina, com leis fatais, o meio em que vivemos” (DEBORD, 1997, p. 20).

O arquiteto, o urbanista, o planejador, dentro da sociedade do espetáculo entra como reificação, reafirmação do status quo. Um agente especulativo por todos os ângulos. Nas palavras de Debord:

“A sociedade que modela tudo que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário” (DEBORD, 1997, p. 112).

O trabalho de planejamento não só fixaria as imagens que apagam a práxis cotidiana, mas também seria especialmente perverso por criar o espaço onde se produzem e reproduzem o espetacularizado.

Debord ainda acrescenta:

“O urbanismo é a realização moderna da tarefa permanente que salvaguarda o poder de classe: a manutenção da atomização de trabalhadores que as condições urbanas de produção tinham perigosamente reunido. A luta sempre travada contra todos os aspectos dessa possibilidade de encontro descobre no urbanismo seu campo privilegiado” (DEBORD, 1997, p. 113).

O desenho, o projeto, pode promover não a união e o encontro, mas o desencontro, a desagregação. É uma forma de biopoder, incidindo diretamente sobre a vida dos indivíduos. Não se trata apenas da produção de objetos arquitetônicos ou urbanos.

Para Manfredo Tafuri, esse triste panorama da profissão do projetista era inevitável. Para ele:

“(…) acontece que perante a atualização das técnicas de produção e a expansão e racionalização do mercado, o arquiteto produtor de ‘objetos’, o arquiteto passa a ser uma figura inadequada. Já não se trata de dar forma a elementos isolados do tecido citadino, nem, no limite, a simples protótipos. Individualizando na cidade a unidade real do ciclo de produção, a única tarefa adequada para o arquiteto é a da organização desse mesmo ciclo” (TAFURI, 1985, p. 74).

Fatalmente, a própria existência da figura do arquiteto é colocada em cheque – completamente vinculado a uma superestrutura que opera através da especulação e da dominação; o arquiteto é o vilão.

MORTE

Antes de encerrar essa introdução, se faz necessário inserir um último conceito. Além da dimensão biopolítica e especulativa da nova superestrutura, existe um outro aspecto que a define – a morte.

Toda construção de uma superestrutura de dominação global pode ser entendida como a tentativa do homem de escrever na realidade sua consciência perante uma existência em progressiva degeneração com um fim inde-

terminado, mas certo. A morte é o fim da cadeia produtiva, do progresso, por isso deve ser recalcada e combatida.

O sistema-mundo atual consideraria a morte o derradeiro fracasso, o lapso do discurso que afirma que sempre há o que fazer, da rentabilização das coisas. Discurso ao qual pertence a figura do arquiteto. Também o arquiteto está submetido à degeneração e à morte. A morte é a maior das alteridades, por isso é colocada em um lugar outro, fora do tempo, fora da cidade, onde deve ser esquecida e apagada.

Como arquiteto:

“(…) participo da mentira que localiza a morte alhures, no hospital ou nos momentos derradeiros: eu a metamorfoseio na imagem do outro; identificando-a com o moribundo, transformo-a no lugar onde não estou. Pela representação, exorcizo a morte, colocada no vizinho, relegada num momento do qual postulo que não é o meu. Protejo o meu lugar” (DE CERTEAU, 2014), p.269).

Por certo, o projeto modernizador existe em oposição à morte, existe sempre em relação à morte, que é fragmentada, velada e colocada como a completa antítese da vida. Para Michel de Certeau:

“Assim a ruptura que opôs à morte um trabalho conquistador, e a vontade de ocupar por uma administração econômica e terapêutica o imenso vazio dos campos do século XVII – região da infelicidade, nova terra dos mortos-vivos – organizaram o saber numa relação com a miséria. Uma institucionalização do saber médico produziu a grande utopia (...) abrangendo, da escola até o

hospital, todos os meios de lutar contra o jugo da morte no espaço social. Uma transformação geral em poder deu aparência ‘médica’ a uma administração encarregada de curar e, mais ainda, de organizar a ordem em prevenção. Essa campanha sanitária devia preencher todas as brechas por onde o inimigo se insinuava. Inscrevia até a escola como um setor particular de uma ‘polícia médica’, invadia regiões da vida privada para encher, por medidas sanitárias, todas as vias secretas e íntimas que se abrem ao mal; instituía a higiene como problema nacional em uma luta contra a infelicidade biológica. Esse modelo médico de uma política se referia simultaneamente à ambição ocidental de um progresso indefinido do corpo (...) e à obsessão de uma surda e permanente degenerescência (...)” (DE CERTEAU, 2014, p.270-271).

A morte é o grande e invencível inimigo da conquista, da modernidade. A escrita, aqui entendida como a possibilidade de compor um espaço como se deseja (ou seja, um projeto) é o único meio de combatê-la. A condição de vitória é, contudo, pírrica e impraticável. Michel de Certeau coloca:

“A escrita (...) se articulava com o corpo em cima de uma página móvel, opaca, fugidia. Dessa articulação o livro se tornava a experiência em laboratório, no campo de um espaço econômico, demográfico ou pedagógico. O livro é, no sentido científico do termo, uma ‘ficção’ do corpo escrevível: é um ‘cenário’ construído pela prospectiva que visa fazer do corpo aquilo que uma sociedade pode escrever. Doravante, só se escreve sobre o corpo. O corpo deve se transformar em escritura. Este corpo-livre,

relação da vida com o que se escreve, foi tomando aos poucos, da demografia até a biologia, uma forma científica cujo postulado universal é a luta contra o envelhecimento, considerado ora uma fatalidade ora um conjunto de fatores controláveis. Essa ciência do corpo transformado em página em branco onde uma operação escriturística pode indefinidamente produzir o avanço de um querer-fazer, um progresso” (DE CERTEAU, 2014, p. 271).

Nota-se aqui como o trabalho do “escritor” aqui colocado é análogo ao ofício do arquiteto.

IMPASSE

Frente à condição ambígua de ser com a capacidade de modificar o ambiente habitado, mas ao mesmo definhante e em paulatina dominação e domesticação por um sistema capitalista tardio, parece inútil a concepção de qualquer projeto. Por que se há de se projetar sendo que a totalidade da realidade, a universalidade é impossível de se atingir? E ainda frente à ação degenerante do tempo, frente à ideia de nossa própria morte? A revelação dos micropoderes, da arbitrariedade dos discursos e, por outro lado, da força espetacularizante quase inexorável da atitude do arquiteto coloca à profissão um obstáculo que é aparentemente intransponível. Há a possibilidade de que o próprio trabalho do arquiteto tenha atingido sua obsolescência.

Nas palavras de Tafuri:

“A crise da arquitetura moderna começa no preciso momento em que seu destinatário natural – o grande capital industrial – supera a sua ideologia de fundo,

pondo de parte as superestruturas. A partir desse momento, a ideologia arquitetônica vê esgotados os seus próprios objetivos. A sua obstinação em querer ver realizadas suas hipóteses torna-se, ou numa mola para a superação de realidades retrógradas ou em incômoda perturbação” (TAFURI, 1985, p. 92).

Afrontado com o impasse, contudo, na realidade há apenas uma possibilidade que nos resta.

No ensaio *Projeto e Destino*, Giulio Carlo Argan descreve a dicotomia entre um futuro projetado pelo homem, representado pela arte e artesanato, e aquele já fornecido a priori por uma tecnologia, uma cadeia de produção, que se desenvolve em proporções alarmantes sempre com máxima da sua própria superação a cada iteração. A tecnologia, que já se desenvolveria quase autonomamente, representaria um destino historicista no qual o livre arbítrio, a criatividade e a empresa histórica do homem não existiriam mais.

“Não tenho condições de fazer uma análise, de formular um diagnóstico da situação tecnológica atual, mas bastarão algumas observações gerais. É evidente que não se pode falar de desenvolvimento tecnológico autônomo ou de executar projetos feitos pelo homem segundo modelos ou esquemas ainda não estritamente tecnológicos. Se a máquina pode substituir as operações manuais, não só de um indivíduo mas de um grupo, nada impede de pensar que possa substituir algumas (como já faz) e finalmente todas as operações mentais, realizando em poucos instantes o trabalho que centenas de

especialistas não fariam em um ano. Posso também imaginar máquinas capazes de corrigir os próprios erros” (ARGAN, 2001, p. 25).

Estariamos caminhando para o fim da nossa fase da história. A nossa própria utopia tecnológica estaria passando por um processo autofágico ao se realizar – “Na utopia a sociedade cresce por absurdo, trepando-se em seus próprios ombros e sem progredir um só passo”¹⁴.

Segundo Argan:

“(…) o modo de pensar utópico é simples e, na aparência, ingênuo. Isola-se do contexto histórico um caráter, que se crê mais significativo, e fantasia-se o seu desenvolvimento in vitro, sem obstáculos ou contrastes do tipo: toda utopia tem a sua cor, é religiosa ou jurídica ou econômica ou filosófica. Mas é muito raro que a utopia tenha o motivo moral do desejo: o utopista é um ser cansado da vida histórica. Sente-se ultrapassado pelo seu devir e, não podendo detê-lo, gostaria ao menos que seu movimento fosse regular e previsível; hipotetiza um processo histórico nítido e linear, já sabendo que um percurso sem obstáculos, falhas e quedas não seria histórico. Em suma, aplica à história uma lógica artificiosa, que evita até mesmo a concatenação das causas e dos efeitos” (ARGAN, 2001, p. 10).

14. (ARGAN, 2001, p. 10).

Posteriormente, enquadra essa definição na ideia de tecnologia:

“O tipo de progresso técnico ou mecânico é idêntico ao do pensamento utópico: cresce sobre si mesmo sem obstáculos, com um ritmo regular e aparentemente lógico, como o das séries numéricas; e como elas, tem os seus valores imaginários e irracionais. Tal como não se pode pensar num número sem que se possa pensar imediatamente num maior, também não se pode pensar numa invenção tecnológica que não seja imediatamente superada por outra melhor. Mas, tal como se pode continuar fracionando um número sem jamais atingir o seguinte, a quantidade não pode gerar a qualidade. Não há lugar para uma intervenção crítica que conclua a série quantitativa e imponha o salto qualitativo: a máquina se supera, portanto se critica, automaticamente” (ARGAN, 2001, p. 11).

Este último trecho parece descrever uma relação análoga àquela entre as ciências e o ideal de progresso.

Na verdade, o panorama traçado por Argan parece ser muito similar aos quadros já compostos por Hardt, Negri, Gomez, Debord, Tafuri, de Certeau e Foucault. De fato, considera-se aqui o domínio pela máquina mais uma face do poder de controle da superestrutura global, que na sua preocupação de estender e validar a vida, apaga a própria natureza da vida, por isso aqui não se deterá na hermenêutica do texto de Argan. Porém, mais uma vez, chega-se

ao mesmo cenário pessimista e paralisante no qual parece que a própria figura do humano está ameaçada.

Contudo, “a filosofia não tem o poder de desesperar a humanidade”¹⁵. O trabalho de Argan é importante porque parece colocar uma primeira diretriz para se seguir na complexidade traçada nesse trabalho até esse ponto.

Coloca Argan que:

“Dir-me-ão que (...) como esta fase teve um princípio que não coincide com o princípio da humanidade, também terá um fim que não coincidirá necessariamente com o fim da humanidade. É como dizer que, tendo nascido, deveremos morrer. Devendo morrer devemos pensar na morte, mas pensar na morte não significa que estejamos morrendo e não nos reste outra coisa a fazer senão morrer. Há momentos na vida em que o pensamento na morte é mais assíduo e insistente ou em que, como escrevia Michelangelo, não nasce em nós pensamento em que não esteja esculpida a morte. Mas justamente essa imanência da morte caracteriza-os como momentos de vida”.

A capacidade de projetar pode estar sendo progressivamente apagada, mas até o seu fim, precisaremos do projeto:

“Pode ser triste que, neste ponto de seu caminho, a civilização histórica pareça mortal, moritura, morrente; mas tudo que podemos concluir é que essa angústia é ainda um sinal do nosso pensamento histórico. Se o fim advirá realmente, se o impulso tecnológico anulará o impulso histórico, de tal

15. (VEYNE, 2011, p. 196).

fim não poderemos mais falar como historiadores,
tal como mortos, não falaremos mais da morte”
(ARGAN, 2001, p. 15).

O pouco que podemos fazer é o único caminho a ser
tomado. O nada que é tudo.

“Assim vai a vida. Com ou sem niilismo” ¹⁶.

16. (VEYNE, 20011, p. 71).



3.2. CORPO: ESTUDOS DE CASO

FOUCAULT

“Mas, todas as manhãs, a mesma ferida; sob os meus olhos se desenha a inevitável imagem que o espelho impõe: rosto magro, costas curvadas, olhos míopes, careca, nada lindo, na verdade. Meu corpo é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado” (FOUCAULT, 2009, p. 7 - 8).

Para Foucault, o corpo é uma prisão.

Em *O Corpo Utópico e a Heterotopia*, reúnem-se duas conferências dadas pelo filósofo que parecem comentar as repercussões de sua própria obra e colocar provocações sobre elas. São textos curtos, mas que lançaram, com efeito, o tema desse trabalho. Foi o trecho acima que me tocou em um primeiro momento, pela identificação pessoal com a própria descrição de Foucault sobre si.

Como já esclarecido, a publicação de *História da Loucura* teve como corolário a criação dos conceitos de *dispositivo* e *discurso* foucaultianos. Posteriormente, em *Vigiar e Punir* Foucault delimita o meio de agir dos discursos e como funcionam os dispositivos de controle, não só aqueles que se colocavam negativamente (o suplício, a sanção, etc.), mas também positivamente (a vigilância, o trabalho, etc.). Viu-se como o poder discursivo se incidia não sob as almas dos indivíduos, sob sujeitos sem materialidade, sem nome, sem subjetificação. Ao revés, como denotado em *Microfísica do Poder*, as relações de domínio se dão justamente através da própria

vida material, corporificada e fenomenológica dos indivíduos, no que chamamos de biopolítica.

Mas, afinal, o que Foucault entende especificamente como o corpo? Comentou-se a definição de Mauss, que entende o “homem total” como algo para além dos processos puramente biológicos. O que essa ampliação da noção de corpo acrescenta especificamente para esse trabalho?

Como mencionado, em um primeiro momento, em *O Corpo Utópico*, Foucault descreve o corpo como o nosso condicionamento na realidade. Uma fatalidade inescapável, e ao mesmo tempo a nossa única forma de conhecer a realidade. Diz ele sobre o corpo:

“(…) não posso me deslocar sem ele. Não posso deixá-lo onde está para ir a outro lugar. Posso ir até o fim do mundo, posso me esconder, de manhã, debaixo das cobertas, encolher o máximo possível, posso deixar-me queimar ao sol na praia, mas o corpo sempre estará onde eu estou. Ele está aqui, irreparavelmente, nunca em outro lugar” (FOUCAULT, 2009, p. 7).

Para cada indivíduo, seu corpo é o limite de sua existência, seu mundo. Como ele se articula e constrói sua própria noção de subjetividade. “Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo” ¹. Trata-se da moldura invariavelmente pequena através da qual conheceremos os fenômenos objetivos. É precisamente o fim de todas as

1. (FOUCAULT, 2009, p. 7).

utopias, que são - como já esboçado - afastadas propositalmente da história, do tempo, da vida.

Novamente uma condição de um nada (um corpo humano, limitado e efêmero) que é tudo (ao mesmo tempo, corpo que compõe toda nossa existência).

Assim, sabendo precisar melhor o significado de habitar um corpo específico, Foucault passa então a delimitar a antítese do corpo: a utopia, o local sem corpo. A utopia, o ideal, tem como prerrogativa de existência a definição de uma universalidade, uma norma de perfeição que se deseja atingir, e, para tanto, o anormal é considerado imperfeito. Os corpos são diversos, são impuros, e por isso a utopia precisa apagar o corpo para tentar se efetivar, extinguir aquilo que é anômalo. “Mas, talvez, a mais obstinada, a mais poderosa dessas utopias através das quais apagamos a triste topologia do corpo nos seja administrada pelo grande mito da alma, fornecido desde o fundo da história ocidental” ². A “alma” a qual Foucault se refere não é apenas a ideia alma perenal cristã em si, mas a própria concepção de uma parcela da existência que não tem repercussões materiais, que está alhures, para além dos fatos. Poderia se usar analogamente o conceito de mente, psique, inconsciente ou qualquer caracterização que desvincula o homem da existência corpórea.

“A alma funciona maravilhosamente dentro do meu corpo. Nele se aloja, evidentemente, mas sabe escapar dele: escapa para ver as coisas, através das janelas dos meus olhos, escapa para sonhar quando durmo, para sobreviver quando morro. A minha alma é bela, pura, branca. E se meu corpo barroso

2. (FOUCAULT, 2013, p. 9).

– em todo o caso não muito limpo – vem a se sujar, é certo que haverá uma virtude, um poder, mil gestos sagrados que a restabelecerão em sua pureza primeira. A minha alma durará muito tempo, e mais que muito tempo, quando o meu velho corpo apodrecer. Viva a minha alma! É o meu corpo luminoso, purificado, virtuoso, ágil, móvel, túbio, fresco; é o meu corpo liso, castrado, arredondado como uma bolha de sabão” (FOUCAULT, 2009, p. 9).

A alma é a razão, a essência, e o corpo é burro, um mal necessário.

O fato de que Foucault procurava desconstruir o mito da alma não significa que a ideia de alma seja de todo uma mentira, ou, novamente, que o corpo não exista para além de sua biologia. É, na prática, mais uma aceção de seu ceticismo que gostaria de instaurar nos estudos históricos e filosóficos. Uma tentativa de pontuar como o estabelecimento de uma universalidade como a da alma poderia vir a ser usada para fins de controle.

Em *Vigiar e Punir*, ao definir como os primeiros cárceres tentavam corrigir a “alma” dos prisioneiros, explica:

“Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em tomo, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos (...), sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. (...) Esta alma real e incorpórea não é absolutamente substância; é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual

as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder” (FOUCAULT, 1987, p 32 - 33).

A alma é a própria virtude de uma natureza humana, e se coloca, assim, como o homem de fato. Talvez por isso seja uma utopia tão perigosa, por se situar como ao mesmo tempo natural e externa, em outra parte. Havia a crença que seria possível incidir sobre a essência dos homens sem agir sobre seus corpos.

Foucault vai mais longe:

“Sobre essa realidade-referência, vários conceitos foram construídos e campos de análise foram demarcados (...); sobre ela técnicas e discursos científicos foram edificados; a partir dela, valorizaram-se as reivindicações morais do humanismo. Mas não devemos nos enganar: a alma, ilusão dos teólogos, não foi substituída por um homem real, objeto de saber, de reflexão filosófica ou de intervenção técnica. O homem de que nos falam e que nos convidam a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma ‘alma’ o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo” (FOUCAULT, 1987, p 33).

Vê-se aqui como o projeto progressista se apropriou do entendimento de alma para efetivar seu biopoder, justamente com a justificativa de não estar incidindo sobre os

corpos. Para a modernidade, o homem sempre está em algum lugar diverso.

A alma se sobrepõe ao corpo e nos faz esquecer das nossas condições verdadeiramente humanas.

“E eis que o meu corpo, pela virtude de todas essas utopias, desapareceu. Desapareceu como a chama de uma vela que alguém sopra. A alma, as tumbas, os gênios e as fadas se apropriaram pela força dele, o fizeram desaparecer em um piscar de olhos, sopraram sobre seu peso, sobre sua feiura, e me restituíram um corpo fulgurante e perpétuo” (FOUCAULT, 2009, p. 9).

As utopias seriam então, dispensáveis, cruéis, frívolas?

Na verdade, embora apresentadas em toda sua nudez e perversidade, a criação das utopias é interessante a sua maneira. A colocação seria aqui que é apenas a partir da materialidade fornecida pelo condicionamento de um corpo que se pode imaginar efetivamente uma utopia. Se, como delimitado na introdução desse trabalho, a utopia é, verdadeiramente, um projeto de uma perfeição, a premissa do que é perfeito só pode ser dada a partir de um ponto de imperfeição.

“Não, realmente, não se necessita de magia, não se necessita de uma alma nem de uma morte para que eu seja ao mesmo tempo opaco e transparente, visível e invisível, vida e coisa. Para que eu seja utopia, basta que seja um corpo. Todas essas utopias pelas quais esquivava o meu corpo, simplesmente tinham seu modelo e seu ponto primeiro de aplicação, tinham seu lugar de origem em meu corpo. Estava muito equivocado há pouco

ao dizer que as utopias estavam voltadas contra o corpo e destinadas a apagá-lo: elas nasceram do próprio corpo e depois, talvez, se voltarão contra ele” (FOUCAULT, 2009, p. 11).

A utopia nunca sucederá no *hic et nunc*, mas é fruto sempre da nossa existência material, de nossa corporeidade que se quer exaltar ou combater.

Nossa própria forma de existir que gera a vontade de traçar espaços utópicos. O nosso corpo pode imaginar lugares nos quais seja inexistente, lugares da alma. Mas, também é só a partir do habitar um corpo que podemos ter vislumbres do que poderia ser vir a não habitá-lo. De qualquer maneira, o corpo é o ponto de partida para tudo.

É aqui que Foucault remaneja todo o seu discurso em relação ao corpo. Traça um discurso diametralmente oposto ao colocar que:

“Bobagem dizer, portanto, como fiz no início, que meu corpo nunca está em outro lugar, que era um aqui irremediável e que se opunha a toda utopia. Meu corpo, de fato, está sempre em outro lugar. Está ligado a todos os outros lugares do mundo, e, para dizer a verdade, está num outro lugar que é o além do mundo. É em referência ao corpo que as coisas estão dispostas, é em relação ao corpo que existe uma esquerda e uma direita, um atrás e um na frente, um próximo e um distante” (FOUCAULT, 2009, p. 14).

Da mesma maneira que estamos inevitavelmente vinculados a uma realidade concreta, a percebemos de maneira altamente subjetiva. Estamos, ainda, sempre nos posicionando em relação a ela. O corpo é a maior das nossas singularidades, e é ao mesmo tempo a maneira

como nos definimos e definimos o nosso mundo, num processo errático, incerto, nos afastando ou distanciando de nossas utopias.

“O corpo está no centro do mundo, ali onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo não está em nenhuma parte: o coração do mundo é esse pequeno núcleo utópico a partir do qual sonho, falo, me expresso, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. O meu corpo é como a Cidade de Deus, não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos” (FOUCAULT, 2009, p. 14).

Todos os lugares só existem para nós como subjetividades, portanto o corpo é o grande criador de todos os lugares, reais ou irrealis. Dentro de nossos corpos existem utopias que transbordam – e também existem as chamadas heterotopias.

Adentramos agora o texto *De Lugares Outros*. Se a utopia tem uma relação complexa com o corpo, o que podemos dizer enfim é que elas são, por excelência, inalcançáveis. Seriam “as alocações que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou invertida. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade; mas, de toda forma, essas utopias são espaços fundamentalmente, essencialmente irrealis”³. Dessa forma, qual foi a necessidade de traçar um panorama tão complexo desse conceito?

Segundo o filósofo, toda a utopia parte do corpo, e posteriormente tem uma chance de retornar à existência. Todas

3. (FOUCAULT, 2013, p. 115).

as utopias possuem seu corpo, mas algumas específicas são efetivamente realizáveis e podem adquirir espacialidade. Podem ser descritas em alocações, pontos que são precisados pelas suas relações de vizinhança dadas a partir de sistemas, séries, elementos espaciais enfim.

São elas as heterotopias. Seriam “lugares reais, lugares efetivos que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-alocações, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as alocações reais, todas as outras alocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis”⁴. A heterotopia é onde o imaterial ganha corpo, de certa forma. Um espaço carregado de significado, de uma construção social, no qual aquilo que a princípio pertenceria ao campo da alma poderia finalmente tomar forma, tangível e sensível.

A consideração sobre a heterotopia é a primeira vez na qual parece que Foucault nos fornece uma perspectiva esperançosa, uma fuga, em termos, para a prisão que é nosso corpo. As heterotopias conformam todas as nossas possibilidades de viver enquanto habitantes de um corpo. Em seguida, é, inclusive, proposto o seu estudo, sua categorização:

“Quanto às heterotopias propriamente ditas, como se poderia descrevê-las, qual sentido elas têm? Poder-se-ia supor não digo uma ciência, pois é um termo demasiado desgastado, atualmente, mas uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto, em

4. (FOUCAULT, 2013, p. 116).

uma sociedade determinada, a análise, a descrição, a 'leitura' – como se gosta de dizer hoje – desses espaços diferentes, esses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço onde vivemos: tal descrição poderia ser chamada de heterotopologia” (FOUCAULT, 2013, p. 116).

Vemos renovada a perspectiva futura do ofício arquitetônico. O arquiteto, para além das considerações de Debord e Tafuri, pode ser um estudioso e planejador de heterotopias. Pode materializar e fixar aquilo que se supunha sem corpo, em vez de repetir modelos de uma cadeia de produção capitalista. Tem uma responsabilidade de suma importância, e, aparentemente, seu trabalho é infinito, dado que “não existe uma só cultura no mundo que não constitua heterotopias. Eis aí uma constante de todo o grupo humano” ⁵.

É possível numerar-se diferentes tipos de heterotopia. A biblioteca é a heterotopia do conhecimento e do tempo, por tentar acumular dentro de si todo o saber distribuído ao longo de toda história humana. O espelho é a heterotopia de si mesmo, por possibilitar, ainda que de maneira fragmentada, o indivíduo ver a si próprio, simulando o estar fora de si. O cemitério é a heterotopia da morte. A mesa de jantar é a heterotopia da família. A escola é a heterotopia da disciplina.

“E se se imagina, enfim, que o barco é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e é entregue, ao mesmo tempo ao infinito do mar, e que, de porto em porto, de bordo em bordo, de bordel em bordel,

5. (FOUCAULT, 2013, p. 116).

vai até as colônias buscar o que elas guardam de mais precioso em seus jardins, vocês compreenderão por que o barco foi para a nossa civilização, desde o século XVI até nossos dias (...) a maior reserva de imaginação. O navio, essa é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos definham, a espionagem substitui a aventura, e a polícia, os corsários” (FOUCAULT, 2013, p. 121).

A heterotopia e, por consequência, a heterotopologia não são apenas necessários para a compreensão da sociedade sob a perspectiva do corpo. A tentativa de estabelecer um espaço heterotopológico, arrisca-se dizer, é a única forma de se projetar levando em consideração o corpo dos indivíduos, suas vidas.

A heterotopia foi por não ser existindo. Em existir nos bastou. Por não ter vindo foi vindo - e nos criou.

EXEMPLOS

Vimos, então, como toda a atividade técnica do projetista pode ser enquadrada em um projeto civilizatório secular. Comentamos como, para alguns, o ofício do arquiteto é irrevogavelmente fruto de um sistema-mundo capitalista, no qual todo exercício de desenho da cidade é uma atitude reificadora e especulativa, que procura unicamente criar imagens de perfeição, apagando a vida em sua práxis. Tecemos um contexto no qual o arquiteto é equiparado a um antagonista, e no qual o próprio ato de projetar é infame e pífilo.

Levantamos, entretanto, que, embora projetar pertença ao campo da utopia, que é indubitavelmente normativa, existe a possibilidade de efetivar a utopia, subverter as

regras do corpo sem negá-lo. A heterotopia fornece a alternativa para o arquiteto que não quer simplesmente se render ao papel de agente do espetáculo, apesar de ser impossível a completa dissociação do discurso vigente.

No trabalho em voga, procura-se trilhar um caminho que leve em conta ambos os pontos de vista. Parece-me que as considerações de Debord e Tafuri sobre o desenho arquitetônico e urbano são deveras reais. A maneira de projetar o espaço pode introjetar quase irreversivelmente a sociedade do espetáculo no urbano, o que representaria a morte da vida autêntica e da faculdade criativa do ser humano. Mas de maneira análoga, quando há a preocupação com a corporeidade do humano, um levantamento assíduo e aguçado sobre as pré-existências, sobre as identidades de um território, o arquiteto pode criar espaços nos quais a vida em toda sua autenticidade pode florescer. Espaços de liberdade do corpo-prisão.

Agora, portanto, comentaremos brevemente os escritos de Bernard Tschumi e Lina Bo Bardi em comparação a suas obras. Pensa-se que ambos possuem essa preocupação com o corpo que procuramos. Fornecem formas de agir perante as fatalidades apresentadas até então.

No artigo *O Prazer da Arquitetura*, a opinião de Tschumi é peremptória: “É certo que a arquitetura encontrará meios de salvar sua natureza peculiar, mas somente o fará ali onde se questionar, e negar ou romper com a forma que a sociedade conservadora espera dela. Afinal, se a arquitetura é inútil, e o é de modo radical, essa mesma inutilidade poderá ser sua força em qualquer sociedade onde prevalece o lucro. Mais uma vez, se nos últimos tempos há motivos para duvidar da necessidade da arquitetura, então a necessidade da arquitetura

pode muito bem estar em sua desnecessidade”⁶. Propõe abraçar o lado considerado supérfluo da arquitetura. Investir em uma arquitetura que se imponha para ser absolutamente banal. Se impor ao espetáculo ao se negar a prescrever sempre programas ditados por uma superestrutura que visa à produção e progresso acima de tudo.

De fato, Tschumi traça uma grande provocação, se opondo ao axioma da arquitetura moderna de que projetar é espacializar um programa fechado, funcional e definido. O edifício moderno é um esquema totalizante que cumpre uma função determinada. Caso se negue a cumprir o funcionamento dado, representa o desastre. Por outro lado, se procurar articular um espaço sem definir a fundo seu uso, conforma uma extravagância.

No projeto que se coloca como modernizador, não se pode compreender que o espaço pode ser fonte do mais puro e autêntico prazer. Do encontro humano em toda sua diversidade. O homem deseja ser uma máquina, deseja se aperfeiçoar, e assim, qualquer espaço que não se justifique completamente na cadeia de produção é um capricho, é inútil.

Frente às máximas do projeto progressista na arquitetura, Tschumi tece sua crítica ferrenha:

“Os dogmas funcionalistas da arquitetura puritana do movimento moderno estão na linha de frente de constantes críticas. Mas a antiga ideia do prazer ainda soa como um sacrilégio para a moderna teoria da arquitetura. Durante muitas gerações, todo arquiteto que desejasse ou procurasse sentir prazer

6. (TSCHUMI, 2006, p. 578).

na arquitetura era considerado um decadente. Politicamente, as pessoas conscientes suspeitavam do menor traço de hedonismo no exercício da arquitetura e o repudiavam como uma preocupação reacionária. Da mesma forma, os arquitetos conservadores relegaram aos esquerdistas tudo o que parecesse remotamente intelectual ou político, inclusive o discurso do prazer. De ambos os lados, a ideia de que pudesse haver uma arquitetura destituída de uma justificativa, ou mesmo de uma responsabilidade, moral ou funcional, foi considerada de mau gosto” (TSCHUMI, 2006, p. 575).

Por que seria tão absurdo propor um espaço que fosse dedicado pura e simplesmente ao prazer em sua forma mais libidinosa?

Em seu projeto para o Parc de la Villette, Tschumi tenta reunir o apolíneo e o dionisíaco, reunir a necessidade de projetar à experiência do corpo e dos discursos da forma. O parque é pensado obedecendo a uma grelha, um sistema quadriculado de equipamentos e trilhas que articulam os grandes sistemas urbanísticos de Paris com o projeto. Entretanto, a disposição aparentemente corbusiana, racionalista dos elementos do parque é contestada pela natureza dos espaços em rede. Os equipamentos do parque propostos por Tschumi são uma celebração da forma e não possuem um programa de uso exato.

O prazer da geometria, da organização do espaço em tramas, malhas, é, a princípio, apresentado como a antítese do prazer indizível, o prazer do espaço. Este segundo seria, na generalidade, nebuloso, mas podemos colocá-lo aqui como o júbilo de se estar em um lugar que permite a orientação do corpo, a experiência do corpo.



Fig.01. Parc de la Villette. Vê-se a racionalidade da passarela e do rio retificado em contraposição ao equipamento que celebra a forma. (Fonte: acervo do Archdaily).



Fig.02. Os equipamentos Parc de la Villette são uma experiência do corpo. (Fonte: acervo do Archdaily).

No parque, embora a relação entre os dois permaneça no campo da contradição, é a quebra de expectativa em relação à ordem primeiramente entendida como absoluta que intensifica o regozijo quando se caminha pelas edificações que festejam a total liberdade do corpo.

Eis aqui um belíssimo objetivo: criar uma heterotopia onde o prazer - e não a ordem por si própria - seja o grande impulsionador do projeto. Onde a busca pelo prazer se dá através da libertação das amarras do corpo. Onde o prazer e liberdade possam se tornar sinônimos.

Em um primeiro momento, contudo, me incomodou o fato de que talvez estivesse importando uma crise largamente europeia. Com a exceção de Gomez e Hardt, todos os teóricos citados nesse trabalho até esse ponto são europeus. Para a realidade brasileira, a própria menção do pós-estruturalismo possivelmente não venha nem a fazer sentido. Um lugar da periferia global que foi vítima de um colonialismo e imperialismo pungentes, na qual o projeto progressista muitas vezes era na verdade espoliativo, a ideia de superestrutura não teria sequer se consolidado. Quiçá estivesse repetindo um discurso feito por lugares “prontos”. No Brasil, a dificuldade de traçar qualquer projeto coletivo poderia não permitir nem criticá-los a princípio.

O trabalho de Lina Bo Bardi nesse contexto me chamou a atenção. A temática da liberdade do corpo é tratada com maestria pelos projetos da arquiteta em São Paulo. Seria, ao mesmo tempo, de difícil argumentação afirmar que os edifícios dela tenham apropriação diminuta ou que não se adequam ao *ad hoc* brasileiro.

Sem delongas, a obra de Lina que porventura melhor representou sua preocupação em não apagar os corpos

foi a do SESC Pompeia. O terreno reservado para a construção do complexo era o ocupado pela abandonada Fábrica da Pompeia. Uma opção simples seria encomendar a demolição completa para assim se iniciar o projeto sobre um lote livre, uma tabula rasa, por assim dizer. Ao revés, ao frequentar a gleba aos fins de semana, o que Lina percebia era que o lugar era altamente utilizado pela população local. Crianças, famílias brincavam e passavam o tempo no sítio que era considerado antiurbano e impróprio para qualquer atividade. A alegria deveria ser mantida a qualquer custo.

Assim, os edifícios da fábrica são restaurados e acomodados ao uso idílico que já ali se encontrava. As demais áreas exigidas pelo programa do SESC foram concentradas nos blocos esportivos, aos fundos do terreno, que compõem a única edificação realmente nova do conjunto.

A área do deck, o balneário do SESC, se situa próxima ao complexo esportivo. Analogamente à decisão de Lina de manter os edifícios dos galpões, o projeto desse piso não era uma necessidade propriamente funcional. Acontece que nos fundos do terreno se encontra o Córrego das Pedras Pretas, transformando-os em uma parcela não edificável. A arquiteta decide, em vez de tratar o curso d'água como problema intransponível, convertê-lo em uma via caminhável, mantendo a urbanidade que o local sempre possuiu.

Também a mesma linha de pensamento foi utilizada na concepção do espaço da brinquedoteca. A área não era uma necessidade dada pelo programa fornecido pela instituição. Poderia ser considerado um capricho da arquiteta, mas são justamente esses aspectos que

Fig.03. Balneário do SESC Pompeia. (Fonte: acervo do Archdaily).



Fig.04. Brinquedoteca do SESC Pompeia. (Fonte: acervo pessoal).



estabelecem o SESC como lugar de experiência das possibilidades do corpo.

O SESC Pompeia foi pensado de maneira, novamente, a unir o dionisiaco e apolíneo. O projeto pousa suavemente sobre o pré-existente. Constrói-se nas suas sutilezas. Preconiza a libertação dos corpos e garantir que estes possam viver as possibilidades que aquele lugar oferece.

Escreve ela:

“(…) assim, dediquei meu trabalho da Pompeia aos jovens, às crianças, à terceira idade: todos juntos.

Tudo aquilo que os países ocidentais altamente desenvolvidos – incluímos nesses países também os Estados Unidos – procuram e procuraram, o Brasil já o detém, é parte mínima de sua cultura.

Somente que: o detentor dessa total liberdade do corpo, dessa desinstitucionalização, é o povo, esse é o modo de ser do povo brasileiro, ao passo que, nos países ocidentais altamente desenvolvidos, é a classe média (incluindo nesta classe um tipo de intelectual) que procura angustiosamente uma saída de um mundo hipócrita e castrado cujas liberdades eles mesmos destruíram há séculos.

A importação para o Brasil, deste sentimento de procura estéril e angustiada é um delito que pode levar à castração total. Nas grandes civilizações do extremo Oriente como o Japão e a China, a postura cultural do corpo (o corpo como ‘mente’) e o exercício físico coexistem. No Brasil coexistem também, só não existem na classe

média, e o verdadeiro problema é uma ação para o autoconhecimento de baixo para cima e não de cima para baixo” (BO BARDI, 2009, p. 154).

Para Lina, a preocupação com o corpo estaria longe de ser apenas uma inquietação pós-moderna dispensável na realidade brasileira. Muito pelo contrário, seria justamente aqui que a busca pela libertação seria mais necessária. Justamente por a sociedade espetacular não ter fixado plenamente suas garras no contexto brasileiro, por estarmos na periferia das estruturas capitalistas globais é que conseguimos instaurar a nossa autenticidade, nosso gênio anônimo, que está em risco progressivo de desaparecer completamente.

A desinstitucionalização do corpo na realidade brasileira, o prazer coletivo dos menos abastados já é sinônimo de libertação. Paulo Freire, sobre a liberdade, afirma:

“A liberdade que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos” (FREIRE, 2014, p. 46).

O próprio processo de individuação do indivíduo tem raízes profundas na peregrinação pela liberdade. Os espaços projetados não têm o poder de trazer a liber-

dade aos indivíduos, mas podem ativar nos sujeitos a sua própria vontade de ser livre e de praticar o ato de ser livre.

A liberdade não é uma utopia, é realizável, e se encontra no ato de libertação dos oprimidos. E existem os espaços para tanto. Podemos desenhá-los. Veyne postula: “Em parte alguma podemos escapar às relações de poder: em compensação, sempre podemos, e em toda parte, modificá-las; pois o poder é uma relação bilateral; ele faz parte par com a obediência que somos livres (sim, livres) para conceder com mais ou menos resistência. Contudo, bem entendido, essa liberdade não flutua no vazio e não pode querer qualquer coisa em qualquer época; a liberdade pode ultrapassar o dispositivo do momento presente, mas é esse dispositivo mental e social que ela ultrapassa (...)” ⁷. O poder é inevitável, se edifica a partir dos corpos e sempre existirá. Dito isso, é possível afirmar o mesmo sobre a liberdade. A possibilidade de se libertar está em tudo e em todos. Podemos - e devemos - construir a liberdade que achamos justa.

Como dito pela Internacional Letrista:

“A economia política, o amor e o urbanismo são os meios que seria preciso dominar para se resolver um problema que é antes de tudo de ordem ética. Nada pode obrigar que a vida não seja absolutamente apaixonante. Nós sabemos como fazer” (Texto coletivo da Internacional Letrista, 1954, in JACQUES, 2003, p. 13).

Colocadas todas as postulações sobre o corpo foucaultiano e como esse campo se encaixa na função do arquiteto,

7. (VEYNE, 2011, p. 168).

é preciso entender agora suas dimensões, como o corpo se materializa. Noções de como entendê-lo e estudá-lo.

As maneiras de habitar o mundo, do homem se colocar como sujeito, do corpo se dispõem de duas formas gerais, pode-se dizer.

Primeiramente, o tempo. Argan coloca que todo o projeto é também, em si, um documento, um vestígio da história em relação a qual se coloca. Dessa maneira:

“(…) a constituição de uma coisa qualquer pressupõe uma dupla perspectiva temporal, sobre o passado e sobre o futuro. O primeiro homem que fabricou um copo para beber e, depois de ter bebido, guardou-o para se servir dele novamente tinha a memória da utilidade do copo e previa que voltaria a servir-se dele. Sobre uma experiência passada construiu um projeto para o futuro. Dos mínimos aos máximos fatos, o comportamento histórico se desenvolve num arco temporal que vai da experiência ao projeto: aquilo que é objeto no presente foi projeto do passado e é condição do futuro” (ARGAN, 2001, p. 16).

Todo objeto é uma heterotopia de uma heterocronia, portanto.

Em segundo lugar, o espaço. “A essa primeira coordenada, o tempo, acrescenta-se uma segunda, o espaço. Todo objeto é um ponto, um lugar no espaço; mas também uma mediação entre mim e o outro, entre mim mesmo que estou aqui e o outro que está lá. Há distância e relação. Mesmo um discurso, um grito, um sinal medem uma

distância dentro da qual é possível uma relação”⁸. Todo objeto é uma heterotopia espacial, conclui-se.

Assim, passamos a interpretar a espacialidade e o tempo dos nossos corpos.

COTIDIANO

Citou-se o pensamento de Guy Debord. “Avesse às instituições, sem ser apenas um artista, um intelectual ou um ativista político, (...) é quase inclassificável”. Talvez mais interessante para esse trabalho fosse comentar como sua pessoa veio a ser conhecida, que foi através de sua dita liderança no grupo dos situacionistas. O pensamento dessa equipe e seus métodos de pesquisa sobre a cidade foram o que levou a uma concepção inteiramente nova relativa ao espaço urbano.

O panorama traçado pela professora Paola Berenstein Jacques sobre o situacionismo em *Apologia da Deriva* é extremamente conciso e explicativo.

Debord é aqui figura central. Herdeiro do movimento surrealista, o que desejava em um primeiro momento seria explorar a face social do inconsciente. Realizar a arte da vida, fazer aflorar as imagens recalcadas da psique no mundo banal dos homens.

A verdadeira arte não poderia ser capturada apenas em imagens soltas. Ela se efetiva na vida de todos os dias. Era o que pensava Debord ao reunir os letristas. Estes já

8. (ARGAN, 2001, p. 16).

preunciavam diversas técnicas, práticas e objetivos que posteriormente seriam apropriados pelos situacionistas.

A cidade seria o local onde o homem pretende construir suas utopias, suas paixões, por isso seria o local do inconsciente, onde a utopia transborda e procura se efetivar. Por esse motivo se utilizou o texto da Internacional Letrista anteriormente, por demonstrar essa preocupação com a vida. Talvez o aspecto mais importante do movimento que venha a ser depois reproduzido pelos consequentes situacionistas será a preocupação com as situações urbanas propriamente ditas.

Uma situação seria um momento singular de uma vida se desenrolando no cenário da cidade. Para Debord, seria possível deliberadamente compor esses instantes por meio da ambientação, ou estabelecendo a cidade como um grande jogo de poderes, de instâncias e circunstâncias, promovendo o encontro entre indivíduos em toda a sua diversidade. O situacionista é o teórico e o praticante que se dedica ao estabelecimento desses ínterims no meio urbano.

O que na realidade era uma coligação muito diminuta e inexpressiva de jovens interessados em realizar um projeto artístico ganhou potência sobretudo com as movimentações políticas da década de 60 por todo o território europeu, se enquadrando de certa forma numa atitude de contracultura típica do período. Não à toa trata-se da mesma época em que Foucault inicia a publicação de seus escritos. Mesmo assim, os situacionistas permanecem largamente desconhecidos, embora suas pontuações estejam sendo aos poucos resgatas por pesquisadores como Berenstein possivelmente como meio de criticar e

combater aspectos espetacularizantes da superestrutura capitalista global.

Em relação aos letristas em comparação aos situacionistas, “pode-se notar uma sequência clara de mudança de escala de preocupação e de área de atuação do pensamento situacionista. Se inicialmente eles estavam interessados em ir além dos padrões vigentes da arte moderna – passando a propor uma arte diretamente ligada à vida, uma arte integral – logo em seguida eles perceberam que esta arte total seria basicamente urbana e estaria em relação direta com a cidade e com a vida urbana em geral”. Berenstein prossegue: “À medida que os situacionistas afinavam as suas experiências urbanas, eles abandonaram a ideia de propor cidades reais e passaram à crítica feroz contra o urbanismo e o planejamento em geral”⁹. O que propunham rapidamente deixa de ser arte figurativa e progressivamente se torna uma espécie de antiarte. O artista jamais conseguiria capturar imagetivamente o *hic et nunc* das cidades. A própria tentativa de representá-lo apagaria todo o seu sentido. Por isso os situacionistas se limitariam a mapeá-lo, construí-lo e lutar assiduamente pela sua defesa.

Percebe-se a razão de Debord considerar os projetistas verdadeiros antagonistas da vida autêntica. Duvidava do próprio propósito do desenho. “Os situacionistas chegaram a uma convicção exatamente contrária a dos arquitetos modernos. Enquanto os modernos acreditaram, num determinado momento, que a arquitetura e o urbanismo poderiam mudar a sociedade, os situacionistas estavam convictos que a própria sociedade deveria mudar

9. (JACQUES, 2003, p. 19).

a arquitetura e o urbanismo”. Segundo eles, o arquiteto apagava a vida e deveria deixar de existir.

Logicamente, sendo contra o princípio de planejar a vida com o desenho, impondo uma ordem alheia, os situacionistas não poderiam propor forma alguma com seu trabalho. A sua crítica radical propunha fortes amarras sobre sua capacidade de produção artística. Berenstein nos conta que “o que existiu foi um uso, ou apropriação, situacionista do espaço urbano. Assim como não existiu uma forma situacionista material de cidade, mas sim uma forma situacionista de viver, ou de experimentar, a cidade. Quando os habitantes passassem de simples espectadores a construtores, transformadores e ‘vivenciadores’ de seus próprios espaços, isso sim impediria qualquer tipo de espetacularização urbana”¹⁰. Os situacionistas desejavam que os habitantes do cenário urbano conformassem sua arte, e não que sua arte os conformasse.

Para experimentar a aleatoriedade completa da cidade, os situacionistas se lançavam no ambiente urbano de maneira igualmente sem lógica. Percorriam a cidade sem destino, realizando a chamada deriva. “A duração média de uma deriva é a jornada, considerada como o intervalo de tempo compreendido entre dois períodos de sono”¹¹. Caminhando pela cidade da maneira mais corriqueira e desinteressada o possível, almejavam vislumbrar as situações totalmente singulares que transformavam a cidade em um eterno jogo em atino ou desatino.

A vida seria esse grande esquema que se passa na cidade, seguindo regras arbitrárias, construções sociais

10. (JACQUES, 2003, p. 20).

11. (DEBORD, 2003, p. 89).

totalmente singulares que só são vistas no aqui e no agora. “O que é possível pôr por escrito são apenas algumas senhas desse grande jogo”¹². O espetáculo nunca poderia substituí-lo.

De que maneira esse grande jogo nos abre para nós? Como o percebemos e podemos notá-lo?

Com nosso corpos, mais especificamente com nossos sentidos, que definem para nós os contornos dos fenômenos a acontecer. Existe uma fenomenologia que torna os acontecimentos sensíveis para nós.

Juhani Pallasmaa entende a que “a fenomenologia é de natureza introspectiva e contrasta com o desejo de objetividade do positivismo. A fenomenologia busca descrever os fenômenos recorrendo diretamente à consciência como tal, sem teorias e categorias tiradas das ciências naturais ou da psicologia. Assim, a fenomenologia significa examinar um fenômeno da consciência em sua própria dimensão de consciência”¹³.

Contrariamente a Debord e as situacionistas, Pallasmaa, arquiteto, acredita que, na verdade, essa capacidade sensível pode ser entendida e representada no desenho. Na realidade, segundo ele, a arquitetura só seria possível e aconteceria no nível de um fenômeno sensível. “Como arquitetos, nós não projetamos edifícios primordialmente como objetos físicos, mas como imagens e os sentimentos das pessoas que os habitam. Por isso, o efeito da arquitetura nasce de imagens mais ou menos comuns e de sentimentos básicos associados ao construir”¹⁴. A archi-

12. (DEBORD, 2003, p. 90).

13. (PALLASMAA, 2006, p. 485).

14. Idem.

tetura, quando não se relega a ser uma mera repetição de modelos de uma cadeia produtiva espetacularizante, de imagens prontas, pode construir sua própria apropriação, sua própria identidade fenomenológica.

De certo, Pallasmaa procura justificar seu próprio ofício como arquiteto e deixa de lado a crítica de Debord e Tafuri. Ao afirmar que a arquitetura pertence a um campo sensível do existir, nega parte de todo o antagonismo da figura do arquiteto que é traçado pelos dois autores. Porém, existe verdade no que descreve. A arquitetura que se propõe fenomenológica só pode existir se entende que não é feita por associação de elementos-tipo sem corporeidade. A arquitetura deve se entender como lugares carregados.

“A arquitetura interior da mente que aflora dos sentimentos e imagens de memória baseia-se em princípios diversos dos da arquitetura que se desenvolve a partir de abordagens profissionais. Eu mesmo, por exemplo, não consigo encontrar na memória de minha infância uma única janela ou porta como tal, mas posso sentar-me à janela de minhas inúmeras lembranças e observar um jardim há muito desaparecido ou uma clareira agora coberta de árvores. Posso ainda atravessar as inumeráveis portas da minha memória e reconhecer a escuridão cálida e o cheiro peculiar das salas que estão do outro lado” (PALLASMAA, 2006, p. 486).

A arquitetura, de maneira altamente subjetiva, pode marcar a vida dos indivíduos de sentido. Tem-se aqui,

é possível afirmar, um resgate da ideia de heterotopia foucaultiana.

Nos escritos de Berenstein e de Pallasmaa, de qualquer maneira, percebe-se uma linha de pensamento em comum: o espaço é reciprocamente inseparável do tempo. Quando se coloca que o entendimento do mundo é feito a partir de interiorizações singulares, que constroem situações também altamente singulares, todas corporificadas e materiais, se coloca o tempo como o tempo sensível. Só percebemos o tempo na medida em que percebemos o mundo. Percebemos o tempo fenomenologicamente.

Os espaços, carregados de significado e de um corpo apropriável por meio dos sentidos, definem a massa bruta sob a qual construiremos o nosso ritmo de vida, o nosso tempo. O geógrafo Milton Santos afirma que “no lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum”. Explica:

“Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS 2006, p. 218).

O tempo também é espaço e é o que permite, no fim, toda a qualificação deste.

O cotidiano, a ideia de uma rotina, quadro de atividades distribuídas ao longo de um período, conforma a dimensão temporal do projeto civilizatório global. Divide, organiza os afazeres do homem em torno de um tempo que deve ser sempre aproveitado para algo, para produzir algo, deve ser utilizado em busca do aperfeiçoamento, das utopias. Para o projeto de um cotidiano, o tempo seria pura e simplesmente o meio através do qual se dá o trabalho, um recurso que deve ser sabiamente investido no espaço, que seria o essencialmente local no qual se pode criar, expandir e justificar uma superestrutura mundial.

Enfatiza-se: o tempo possui um corpo, se dá na realidade material. Milton Santos escreve que “na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender” ¹⁵. O poder global, ao se colocar como absoluto de forma inconspícua, cria um cenário na qual a ideia de tempo parece ser absoluta e é concomitante ao ideal de um cotidiano. O poder global necessita, como vimos, de cenários para realizar sua atitude espetacularizante, que justifica a percepção de um tempo do espetáculo, que leva, mutuamente, à criação de espaços para o espetáculo.

O tempo como tempo percebido, entretanto, não seria de forma alguma rematado, integral e global. A separação

15. (SANTOS 2006, p. 212).

de Milton Santos dos tempos rápidos e dos tempos lentos se torna essencial.

O tempo rápido seria o tempo que se afirma global, aquele dedicado ao trabalho e à produção capitalista. Vinculado a uma ideia de eficiência e maquinização dos processos produtivos, ao procurar a máxima de sempre se superar em termos numéricos estaria constantemente acelerando a si mesmo.

O tempo lento, em contrapartida, seria aquele que não teria propriamente um objetivo funcionalista de ser. Seria o tempo das situações que tanto idolatrava Debord. Aquele que é dado pela verdadeira fenomenologia das coisas. Aquele que não é visto como mercadoria, mas sim como possibilitador da construção das subjetividades.

O jogo, na perspectiva situacionista, seria o oposto do cotidiano. A atividade lúdica da cidade, espontânea e efêmera, se colocaria altamente contra a cadeia de produção, contra o sistema-mundo contemporâneo. Seria o tempo lento em toda sua plenitude.

Importante notar que, para Santos, esses dois conceitos existem em um espectro não totalizante. O tempo rápido não anula de inteiro o tempo lento.

“Aqui, estamos falando de quantidades relativas. De um lado, o que nós chamamos tempo lento somente o é em relação ao tempo rápido; e vice-versa, tais denominações não sendo absolutas. E essa contabilidade do tempo vivido pelos homens, empresas e instituições será diferente de lugar para lugar. Não há, pois, tempos absolutos. E, na

verdade, os ‘tempos intermediários’ temperam o rigor das expressões tempo rápido e tempo lento” (SANTOS 2006, p. 180).

A vida se dá sempre em um tempo que jamais é completamente acelerado ou congelado. A rapidez de sua percepção é definida pela maneira como o tempo atinge corporeidade.

A dicotomia entre duas velocidades temporais distintas talvez seja melhor explicitada por uma analogia. Para tanto, a que melhor exemplifica essa contextualização talvez seja a passagem bíblica que conta a história do primeiro parricídio. Segundo a Bíblia, após a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, o homem passa a viver no mundo terreno. Os filhos dos primeiros homens são Caim e Abel, e são eles quem definem as maneiras primordiais de habitar a terra. O primeiro é um lavrador e rentabiliza a terra, é sedentário, sobrevive do plantio. Abel, por sua vez, é pastoreiro, nômade, percorre a terra vazia sem se manter por longos períodos no mesmo local.

Francesco Careri elucida o significado dessa anedota frente ao conceito do tempo dos homens. Escreve:

“Segundo as raízes etimológicas dos nomes dos dois irmãos, Caim é identificável com o *Homo faber*, o homem que trabalha e que sujeita a natureza para construir materialmente um novo universo artificial, ao passo que Abel, realizando, no fim das contas, um trabalho menos fatigoso e mais divertido, poderia ser considerado o *Homo ludens* caro aos situacionistas, o homem que brinca e constrói um efêmero sistema de relações entre a natureza e a vida. Com efeito, ao

diferente uso do espaço corresponde um diferente uso do tempo, que deriva da primeira divisão do trabalho” (CARERI, 2013, p. 36).

O que separa Caim de Abel seria, ao fim, sua relação com a própria vida. Se Caim procura de maneira desesperada seu fixamento ao mundo terreno. Com seu trabalho, deseja não só atingir sua subsistência, mas definir um local onde possa se estabelecer de forma definitiva. Caim deseja estabelecer sua utopia terrena. Abel, por sua vez, percebe a efemeridade de sua existência e vê o mundo como uma grande brincadeira. A terra pela qual caminha é a que se pode sentir e percorrer. Dela deve-se extrair o preciso para se prosseguir vivendo. Somos sempre condicionados pelo nosso corpo, nossa maneira de existir na realidade. Mas, podemos, como Abel, modificar de forma passageira o nosso nicho de existência e assim criar a aventura, realizar nossas paixões. Podemos a partir do nada criar o tudo que é o sentido para nossas vidas.

Os situacionistas parecem querer seguir o exemplo definido por Abel. Nas palavras de Careri:

“Com os situacionistas, a cidade inconsciente e onírica dos surrealistas é substituída por uma cidade lúdica e espontânea. Mesmo conservando a inclinação pela busca do suprimido da cidade, os situacionistas substituem o caso das errâncias surrealistas por uma construção das regras do jogo. Jogar significa sair deliberadamente das regras e inventar as próprias regras, libertar a atividade criativa das constrições socioculturais, projetar ações estéticas e revolucionárias que ajam contra o controle social. Na base das teorias dos situacionistas havia a aversão pelo trabalho e

a suposição de uma iminente transformação do uso do tempo na sociedade: com a mudança dos sistemas de produção e do progresso da automação, ter-se-ia reduzido o tempo do trabalho a favor do tempo livre” (CARERI, 2013, p. 97-98).

São eles um grupo frustrado com a perspectiva de uma vida em uma superestrutura global que teria prometido-lhes a realização de uma utopia de um tempo sem trabalho. Entendendo esses sistema, colocam o jogo como uma forma jocosa de subverter as condições colocadas por essa conjuntura. A deriva situacionista era uma maneira divertida de simular o andar pelo mundo de Abel.

Quando o Senhor exige conferir o fruto do trabalho dos dois irmãos, Ele vê mais valor nos feitos de Abel do que nos de Caim. Cegado pela inveja, Caim mata seu próprio irmão em um acesso de raiva. Pelo seu pecado parricida, Caim é condenado a viver como Abel – a terra para ele não seria mais fértil e ele então seria forçado a caminhar de maneira errante pelo deserto do mundo até o final de sua vida.

A história trágica dos dois irmãos nos leva a repensar nossa relação com o tempo. O fato de Caim ser condenado à errância por seu ato de ciúme é extremamente simbólico. Desejamos efetivar nossas utopias frente a processos temporais que tornam tudo efêmero. Queremos a perfeição de um corpo sem corpo, de um lugar artificial, imutável onde possamos nos instaurar com conforto para sempre. A verdadeira nobreza, como conta o mito, está na aceitação da natureza da leveza da nossa existência, entretanto.

O situacionismo, para além da crítica à arquitetura e ao urbanismo, nos trazem uma lição fundamental: para que

possamos aceitar nossa corporeidade, para que possamos construir sentido em nossas vidas, para que possamos, enfim, aceitar nossa condição como filhos de Caim precisarmos do jogo, do prazer de ser errante.

PAISAGEM

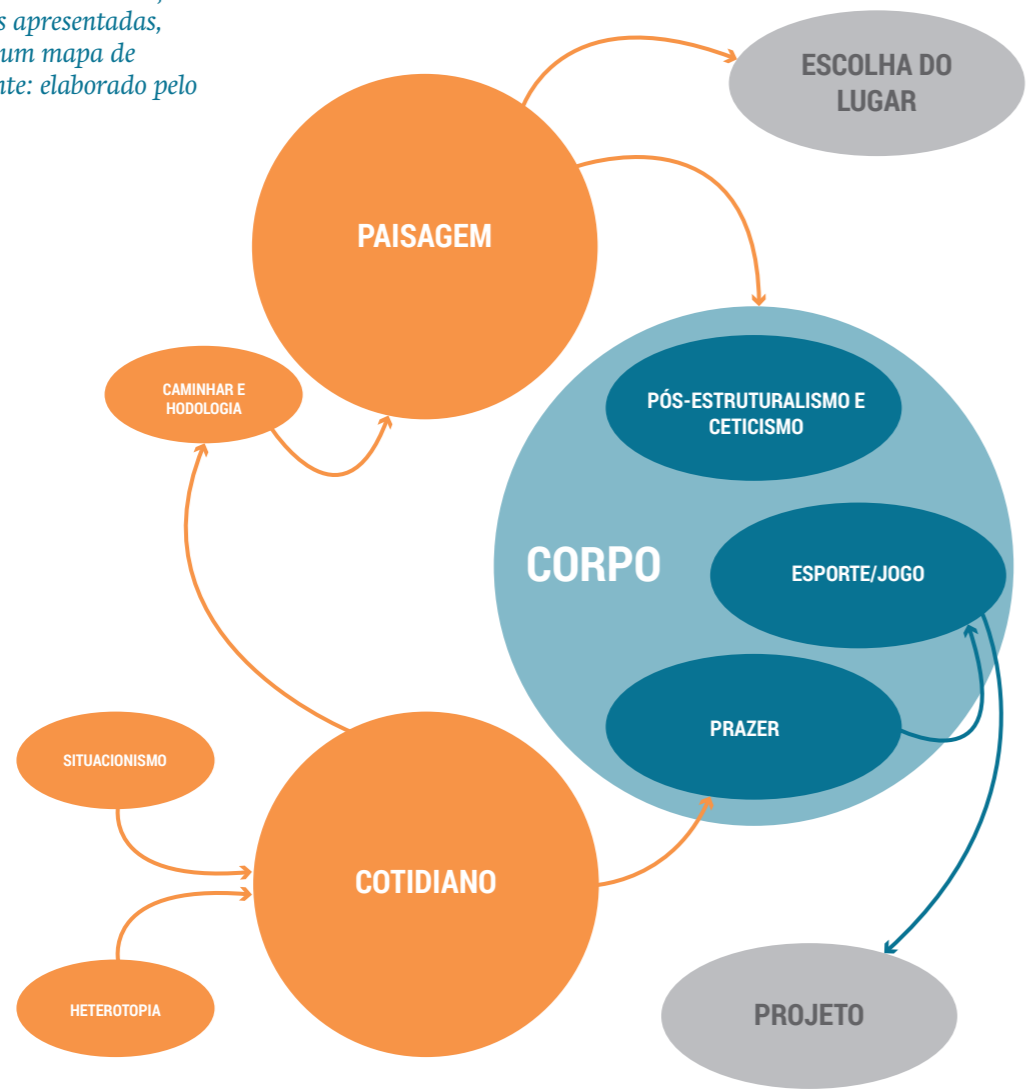
Uma vez estabelecido que o conceito de tempo possui uma face espacial, um corpo, é inevitável que ao se escrever sobre o tema da paisagem, do corpo no espaço, não venha a se traçar relações de analogia entre ambas as ideias.

Pois bem, a paisagem é composta, de maneira sucinta, pela maneira que o homem lida com a materialidade que lhe é dada. Como o homem se coloca frente ao mundo, à realidade que teremos inevitavelmente que habitar enquanto vivos.

A paisagem possui um lado físico, geomorfológico. É a ciência do mundo que vivemos, que pode ser cartografado, possui uma massa e um volume. É material e palpável. A paisagem é geográfica. Está submetida a diversos processos naturais, está sempre se modificando de maneira autônoma e é largamente alheia à condição humana. A paisagem é o que não é humano, em um primeiro momento.

A paisagem é imagem, é pictórica. É uma maneira de representar a existência humana e os modos de habitar que desenvolvemos no mundo. É uma linguagem, uma construção mental. É o campo do conhecimento no qual

Fig.05. Para ilustrar as relações entre as ideias apresentadas, pensou-se em um mapa de conceitos. (Fonte: elaborado pelo autor).



catalogamos os elementos, objetos marcantes do mundo que definem um lugar, um período, uma cultura.

A paisagem é fenomenológica. Existe na medida em que podemos senti-la, em que passamos a entendê-la conscientemente a partir dos sentidos, sentimentos. Por ser largamente o não-sujeito, está sempre “fora” de nós, está, de certa forma, aberta para nossa experimentação. Pode ser experimentada a partir de todos os sentidos, não só a visão.

A paisagem é território. É sobre ela que inscrevemos nossas políticas, nossas relações de posse com a terra. Nossas fronteiras. É a criação de lugares de um coletivo. É a definição de locais que pertencem a uma sociedade, a demarcação de onde e como ela funcionará.

Esses quatro meios de demarcar o conceito de paisagem se articulam, se complementam para abarcar a complexidade e pluralidade das maneiras do humano de habitar o espaço corporificado do mundo, da natureza. Entretanto, talvez o aspecto mais interessante da paisagem não foi ainda exposto: paisagem também é um projeto.

Como já reiterado ao longo desse trabalho diversas vezes, a capacidade de projetar do ser humano é fundamental. O projeto não é somente o erguimento de modelos projetuais, objetos espaciais. Ele pode e deve ser pensado como forma de agregar significado a um espaço. O geógrafo Jean-Marc Besse em *O Gosto do Mundo* recoloca essa capacidade de forma mais específica:

“O mundo é uma totalidade inacabável, mas também um meio no qual vivemos. Aprendemos que a paisagem faz parte da nossa vida, que o horizonte é uma dimensão do nosso estar no mundo. Projetar é,

portanto, primeiramente querer esse inacabamento, e a responsabilidade do projetista, quando se trata da paisagem, talvez resida nisto: é o portador do inacabamento, isto é, das significações em reserva, dos horizontes espaciais e temporais dentro mesmo da localização dos futuros. Um mundo sem horizontes, isto é, sem paisagem, sem cantos do mundo que chamem o desejo, simplesmente deixou de ser um mundo. Se a paisagem é uma obra, no sentido que Hannah Arendt dá a essa palavra, se ela é a abertura de uma duração e, nesse sentido, de um mundo, então ela é uma vontade e uma meditação da vida e não morte, uma meditação sobre o nascimento das coisas e não sobre o seu desaparecimento” (BESSE, 2014, p.66).

A paisagem é uma celebração da vida, que se faz em um mundo material no qual as coisas são efêmeras, mas não por isso devem simplesmente sumir ou continuar incompletas. O projeto é o que pode tornar a paisagem algo humano, afinal.

A paisagem é sempre inacabada, está por se fazer. Vivemos construindo nossas noções de paisagem, espacialidades diversas, em função de culturas diversas. Nesse sentido, como de se esperar, é lógico que a superestrutura global, como o fez com todos os campos do conhecimento, tenha utilizado a paisagem como meio científico de se validar e justificar. Paisagem é política. O meio como o homem se relaciona com o mundo define a maneira como irá desenhar o seu mundo sobre o existente. Portanto, se existe uma sociedade de controle voltada para a produção

capitalista, a paisagem por ela será pensada para controlar e produzir.

Sendo o projeto capitalista, em termos gerais, largamente contra o corpo, ela nega a corporeidade natural da paisagem. Esta, quando construída e levando à validação de projetos globais, de escalas metropolitanas, visando o estabelecimento de sistemas de circulação e distribuição de informações, mercadorias e pessoas é definida como Besse como a *paisagem política*. É o análogo espacial do tempo rápido citado anteriormente.

Onde a vida mais autêntica, local, espontânea prevalece; onde as relações fenomenológicas com o mundo predominam, aquelas voltadas para subsistência sobretudo, diz-se que se criou uma *paisagem vernacular*. O vernacular é onde foram inscritos hábitos de um ou mais sujeitos. Seria análogo ao tempo lento também citado anteriormente.

A paisagem vernacular se difere da ideia de cotidiano estabelecida no item anterior, pois - embora funcione na chave da habitualidade e repetição - não é pautada por uma cadeia produtiva global. A demanda do produtor vernacular é, com efeito, local ou pessoal. A paisagem vernacular não é um ambiente espetacularizado, pelo contrário, é onde há a capacidade criativa do homem. De qualquer forma, o vernacular pode sim ser considerado por muitos uma forma de viver limitada, incipiente, que não abarca em si ainda todas as possibilidades de exploração do corpo.

Nos intermeios urbanos da paisagem política e da paisagem vernacular surge o que Careri define como a cidade difusa. Parecem ser justamente os locais de conflito entre os dois meios de pensar o mundo. São um tipo diferente de paisagem, algo intermediário que

é conformado pelos “rasgos” que a paisagem política realiza ao se impor sobre a vernacular. Coincidem com o que os estudos urbanos tradicionais insistem em chamar de apenas “vazios urbanos”, como se fossem agentes passivos da cidade. Como se estivessem sempre desabitados e rejeitados. São relegados a uma posição periférica, tanto do ponto de vista de seu estudo quanto no seu papel formador do tecido urbano.

Sobre esse tipo de espacialidade, Careri escreve:

“Observando esse novo território crescido em todas as partes, com diversas declinações locais, evidenciou-se cada vez mais que além das novas manufaturas da edificação anônima havia uma presença que, após ter sido o pano de fundo por tanto tempo, tornava-se cada vez mais protagonista da paisagem urbana: essa presença era o vazio. O modelo da cidade difusa descrevia efetivamente aquilo que se formara espontaneamente em torno das nossas cidades, mas ainda analisava o território a partir dos cheios e não o observava de dentro dos vazios. Com efeito, os difusos não frequentam apenas casas, autoestradas, redes informáticas e restaurantes de estrada, mas também os vazios que não foram inseridos no sistema. Efetivamente, os espaços vazios dão as costas à cidade para organizar para si uma vida autônoma e paralela, mas são habitados. É lá que os difusos vão cultivar a horta ilegal, levar o cachorro, fazer um piquenique, fazer amor e buscar atalhos para passarem de uma estrutura urbana a outra. É lá que os seus filhos vão buscar espaços de liberdade e de socialização. Além dos sistemas de assentamento, dos traçados, das ruas e das casas, existe uma enorme quantidade de

espaços vazios que compõem o pano de fundo sobre o qual a cidade se autodefine. São diferentes dos espaços vazios tradicionalmente entendidos como espaços públicos – praças, bulevares, jardins, parques – e formam uma enorme porção de território não construído, utilizada e vivida de modos infinitos e que às vezes resulta absolutamente impenetrável. Os vazios são parte fundamental do sistema urbano e são espaços que habitam a cidade de modo nômade, deslocam-se sempre que o poder tenta impor uma nova ordem. São realidades crescidas fora e contra aquele projeto moderno que ainda é incapaz de reconhecer os seus valores e, por isso, de associar-se a eles” (CARERI, 2016, p.156-157).

Não existem desertos no meio urbano. Existiria todo um público frequentador entre essa cidade erroneamente chamada de vazia entre a urbanidade tradicional e o urbanismo impositivo. Se aproveita da sua característica de alteridade para se tornar um espaço de libertação tanto da utopia incipiente do vernacular quanto do projeto galopante do político. “A periferia urbana é metáfora da periferia da mente, dos resíduos do pensamento e da cultura. É nesses lugares, e não na falsa natureza arcaica dos desertos, que é possível formular novas perguntas e elaborar hipóteses de novas respostas. Não evita as contradições da cidade contemporânea, mas penetra nelas a pé, numa condição existencial no meio termo entre o caçador paleolítico e o arqueólogo de futuros abandonados”¹⁶. Nas cidades cindidas, os espaços difusos se tornam palimp-

16. (CARERI, 2013, p.143)

sestos de elementos e tempos múltiplos, agregando potencial de eclodirem nas mais reais heterotopias.

Como poderíamos explorar essa cidade que é, por definição, fugidia, indefinida, sempre se redesenhando? Não podemos cartografá-la com exatidão, mas podemos vê-la, senti-la. Só poderíamos então atingi-la, de fato, ao percorrê-la.

Qual é a qualidade singular do ato de caminhar? Besse define: “O espaço da cidade vivida pelo viajante é construído pelas suas caminhadas. Para aplicar um qualificativo a essa experiência: ela é hodológica”¹⁷. Não existiria cidade difusa que não fosse hodológica por princípio. Os vazios urbanos só existem como tal em referência a uma urbanidade tradicional que é praticada em torno deles. Besse, sobre isso, acrescenta que “o espaço hodológico é, ao mesmo tempo, experimentado e praticado, é o espaço concreto da existência humana. Mas, para ter acesso a esse tipo de pensamento, é preciso aceitar (...) que não há um tipo único de espaço, uma essência única do espaço, é preciso reconhecer a existência legítima de várias experiências humanas da espacialidade, de várias espacialidades, em suma, é preciso aceitar a ideia da pluralidade das atividades e das culturas humanas”¹⁸. A atividade hodológica é a verdadeira arte de reconhecimento humano. A deriva situacionista poderia ser reconhecida como atividade hodológica. Mas assim como visa entender a práxis da cidade e da humanidade, a hodologia só pode existir quando praticada.

Levantamos, portanto, que, ao final, precisamos, antes de tudo, caminhar. Precisamos encontrar a coragem para

17. (BESSE, 2014, p.184).

18. (BESSE, 2014, p.195).

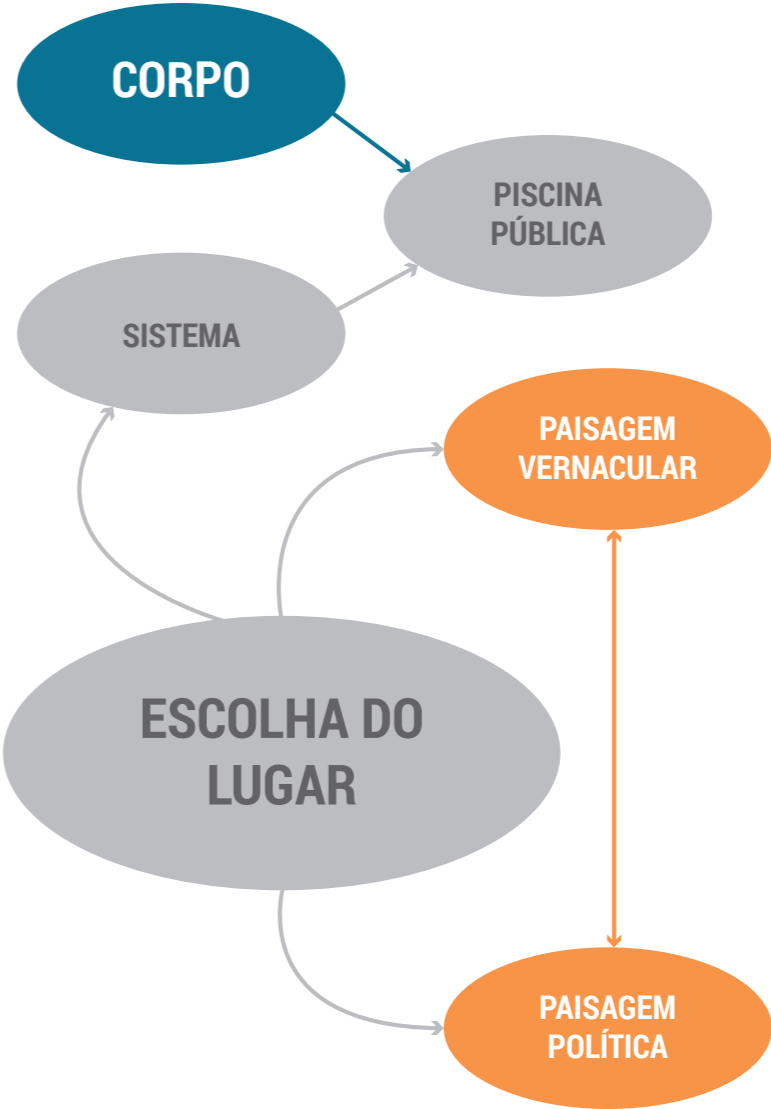


Fig.06. Mapa conceitual indicando o raciocínio desenvolvido para a escolha do local. (Fonte: elaborado pelo autor).

percorrer os caminhos da cidade para assim entendê-la, para entender a paisagem da cidade. O trabalho todo parte de um enorme questionamento teórico sobre a própria natureza do ofício do arquiteto para chegar a um primeiro fechamento muito simples: se vamos projetar, projetemos para nossa realidade. E para conhecermos nossa realidade, vamos ter que andar pelo mundo que a conforma.

Encerra-se o levantamento teórico do trabalho com o seguinte trecho de Francesco Careri:

“Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais. Simplesmente, o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais; quem caminha é um sem-teto, um mendigo, um marginal. Ali o fenômeno antiperipatético e antiurbano é mais claro que na Europa, onde me parece que está apenas em vias de formação: nunca sair de casa a pé, nunca expor o próprio corpo sem uma cobertura, protegê-lo dentro de casa ou no carro, sobretudo não sair depois do anoitecer, encerrar-se, se possível, em comunidades fechadas assistindo a um filme de terror ou viajando pela internet, memorizar os conselhos de compras úteis para quando se caminha em shopping centers. Percebi que, nas faculdades de arquitetura, os estudantes - ou seja, a futura classe dirigente - sabem tudo sobre teoria urbana e de filósofos franceses, acham-se especialistas em cidade e em espaço público, mas, na verdade,

nunca tiveram a experiência de jogar bola na rua, de encontrar-se com os amigos na praça, de fazer amor em um parque, de parar para pedir uma informação a um transeunte. Que tipo de cidade poderão produzir essas pessoas que têm medo de caminhar?” (CARERI, 2013, p.170).

4. PROCESSO

CAMADAS

A minha perquirição no Trabalho Final de Graduação teve, pode-se dizer, *três camadas*.

A primeira, retratada nos itens anteriores, é sobre o processo de construção do *conhecimento*. Com efeito, a hipótese aqui apresentada, é que o saber parte do corpo e retorna ao corpo, e portanto o processo de tomada de consciência das circunstâncias do corpo é essencial para que se possa agir no mundo para modificá-lo e marcá-lo, seja no tempo ou no espaço.

A epistemologia do conhecimento foi definida por autores já amplamente aqui citados como Foucault e Debord. Na prática, foi preciso consultar mais trabalhos para conseguir introduzir esse pensamento no meu local de estudo. Foi então que se tornaram necessários as ideias de Mayumi Watanabe e Paulo Freire.

Em segundo lugar, temos uma leitura do *território*. Será essa esfera que retrataremos nos seguintes capítulos.

Penso que, ainda que com essa incumbência fosse claro que pretendia chegar sempre em alguma forma de arquitetura planejada, o ponto mais interessante foi a construção paulatina, consultiva e participativa do processo de concepção da coisa.

Não poderia ter sido diferente para uma análise que tinha como centro a temática do corpo. Após toda a crítica traçada em relação ao projeto moderno e do apagamento das alteridades, foi somente a partir desse levantamento altamente experimental que foi possível construir uma leitura. A tentativa de abarcar toda a diversidade, como já elucidado, é impossível, mas não de todo fútil, e meu

parecer só foi exequível com uma aproximação de ordem sentimental, mas com viés crítico e analítico.

Por último, temos o projeto, a atividade *projetual*, que só pôde ser construída a partir de todo o processo de interpretação e consolidação de um cotidiano no local de estudo. É a arquitetura, a conclusão e a amálgama da técnica que partiu da minha formação como indivíduo e como arquiteto e dos dados - oriundos de sentimentos, impressões e desejos descritos, percebidos e registrados em um período de vivência de um lugar.

Pensei, ainda, em definir um método de aproximação sucessiva sempre que fosse pensar em me debruçar no território, o qual esse caderno segue, em parte. Primeiro imaginamos o espaço, em suas características mais gerais, no seu corpo, pode-se dizer. Coisa que fizemos nos primeiros parágrafos. Após isso, passa a se estudar a cidade. No caso, estamos sempre nos voltando para São Paulo, onde se passou a pesquisa e onde vivo. Posteriormente, discutimos as dinâmicas de bairro para as quais estamos projetando. E, por fim, se chega à escala do objeto, da arquitetura.

PISCINAS

A vontade sempre presente de um projeto que parte de dentro para fora surgiu de uma frase de Rem Koolhaas em *Nova York Delirante*:

“Um dia, na escola, um estudante desenhou uma piscina flutuante. Ninguém lembra quem foi. A ideia estava no ar. Outros desenhavam cidades flutuantes, teatros esféricos, planetas artificiais inteiros. Alguém tinha de inventá-la. A piscina flutuante –

Fig.07. O esquema mostra o raciocínio de aproximações sucessivas de escala e a divisão de camadas de pensamento. (Fonte: elaborado pelo autor).

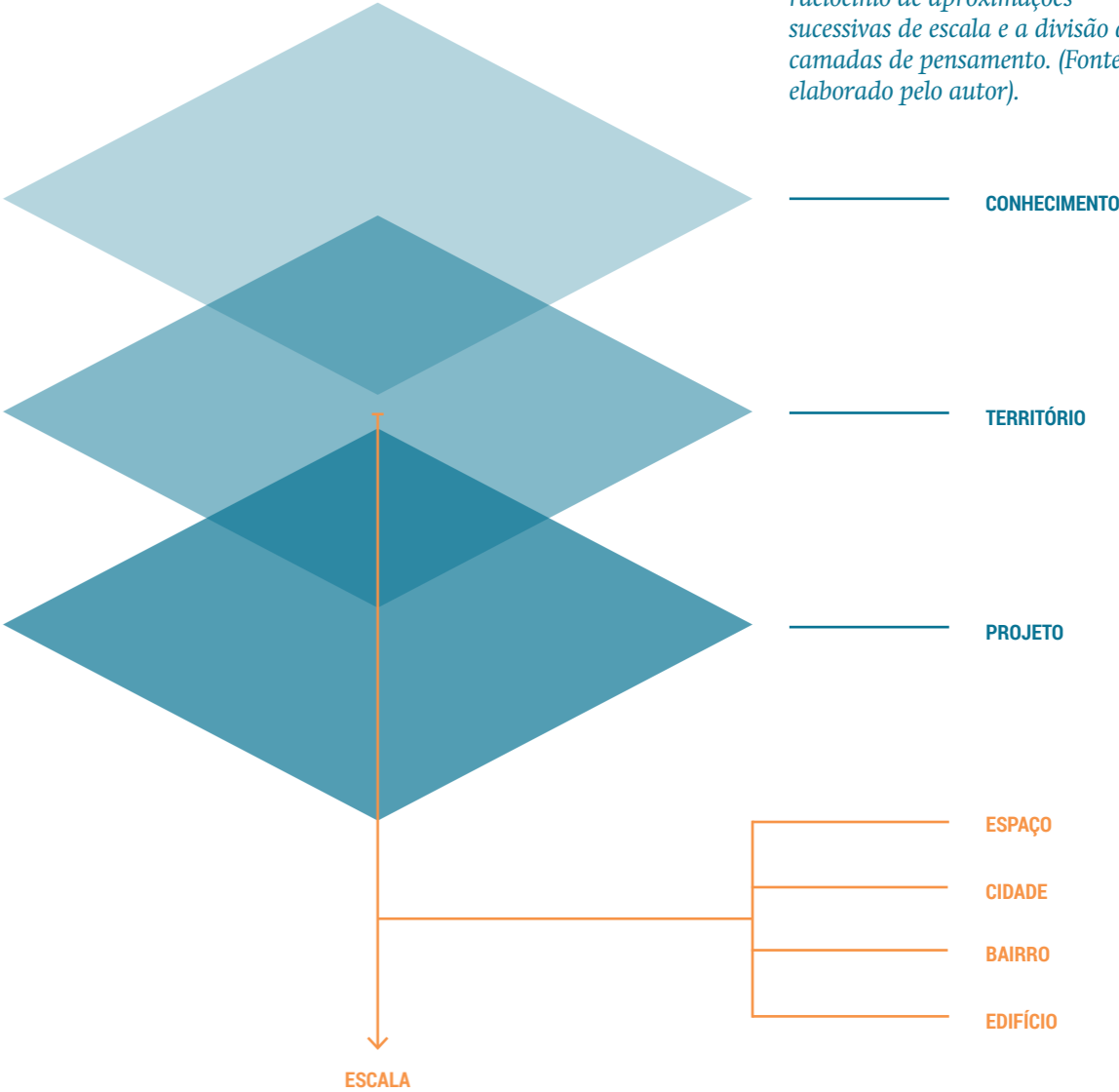
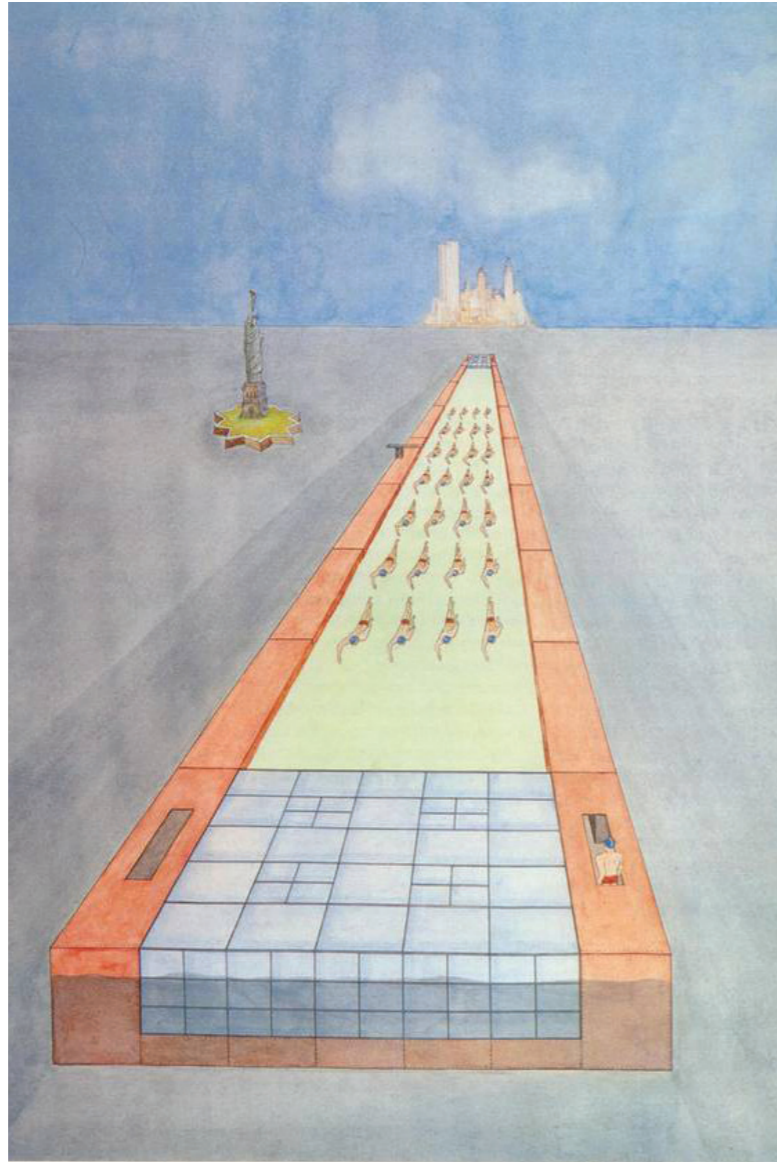


Fig.08. A piscina dos soviets imaginada por Rem Koolhaas. (Fonte: KOOLHAS, 2008, p. 344).



um enclave de pureza num ambiente contaminado – parecia um primeiro passo, modesto mas radical, de um programa gradual para melhorar o mundo através da arquitetura” (KOOLHAS, 2008, p. 345).

A piscina imaginada por Koolhaas em Nova York Delirante foi uma imagem marcante desde o início da pesquisa. Se assemelhava ao barco foucaultiano, o lugar mais heterotopológico.

A partir das inúmeras inquietações levantadas previamente, decidiu-se, enfim, partir para a procura de um local onde pudesse se espacializar a heterotopia que desejamos.

Os nadadores soviéticos, os usuários da piscina de Koolhaas queriam usá-la para atravessar o Oceano Atlântico. Para tal, precisavam nadar no sentido contrário do que pretendiam atingir. Sempre olhando para trás, propunham atingir o futuro. Similarmente, para se colocar frente ao ofício em crise do arquiteto, seria preciso navegar sempre nos intermeios do mundo pós-estruturalista das individualidades, e o modernizador, das utopias em oposição ao corpo.

Queria, dessa forma, usar a piscina para articular um corpo que ainda era desconhecido para mim. E esse quadro permaneceu na minha mente ao longo de toda minha jornada.

4.1. DERIVA

CRITÉRIOS

Levantamos, então, alguns critérios de escolha ao se procurar um território:

1. O projeto deve ser pensado de maneira a construir um espaço outro. Um espaço do jogo, do prazer, da errância. Assim, como Lina e Tschumi pensou-se em um sistema de equipamentos públicos.
2. A primeira ideia seria pensar nesse sistema a princípio como a articulação de diversas piscinas públicas como um percurso construído de uma paisagem.
3. A piscina seria uma analogia da libertação do corpo. O lugar do corpo quase nu, em evidência – tanto o corpo físico (corpos em roupas de banho) quanto o psicológico e social (a piscina pública é o lugar onde o corpo hegemônico se sobrepõe aos corpos desviantes).
4. Além disso, a piscina também seria uma alegoria da própria condição de humano no contexto da crise pós-estruturalista. O lugar do nada que é tudo. Na piscina o corpo flutua sobre o vazio, da mesma maneira que existimos de forma efêmera sobre um mundo que não é humano.
5. Como preconizado por Careri, o projeto deve se dar na cidade difusa. Realizar a ligação entre paisagem vernacular e paisagem política. Assim, procurou-se territórios na periferia de São Paulo, onde a superestrutura global ainda faz seus rasgos.

6. O acercamento do terreno escolhido deveria ser feito através de mapeamentos sensíveis e da atividade hodológica e de deriva, que seria catalogada e passaria a ser o meio como definiremos o programa do nosso trabalho.

7. O projeto deve entrar como meio de intensificação das atividades pré-existentes. Possibilitar todas as formas de vivência do corpo. Se constituir como espaço de liberdade, e não de imposição.

Com efeito, eram regras muito específicas, as quais não conseguiria plenamente seguir durante o trabalho. Entretanto, constituíram uma base de axiomas que me ajudavam a editar os dados adquiridos durante a pesquisa e a construir uma narrativa.

Esse método não me era usual nos meus anos de estudo na graduação da FAU USP. Geralmente não tive o hábito propriamente de ir a campo e interagir com a população local. Muito menos o de criar mapeamentos emotivos a partir das experiências vividas com o intuito de criar fundamentos para o ato de projetar.

Essa grande ressalva claramente foi o primeiro de muitos entraves com os quais iria me deparar ao longo do processo do meu Trabalho Final de Graduação.

Depois de tanto estudar uma bibliografia que me incentivava a caminhar, a conhecer cidades que se afluavam nos espaços intersticiais urbanos, era claro que eu precisava tomar uma ação e definir então um local a ser estudado.

Não foi uma decisão fácil. Como se vê no desenho ao lado, feito por mim ao longo da pesquisa, a minha ansiedade e o medo de iniciar minha hodologia eram constantes e a cada novo passo que necessitava tomar para prosseguir



DESENHO DE MIM PASSANDO
MAL NA REUNIÃO DOS PROFESSORES
NA PEGORARO - 29/07



os meus estudos, decisões mais ou menos peremptórias tinha que ser realizadas.

Minhas primeiras tentativas de uma espécie de deriva foram um caderno nos quais desenhava minhas experiências na cidade de São Paulo - sobretudo nas minhas visitas a equipamentos de cultura feitas com a equipe do Gerenciamento Técnico de Obras (GTO) da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), onde realizava um estágio no começo de 2017.

Eram desenhos e escritos que mostravam laços sentimentais que desenvolvia com os locais que percorria. Desenhos rápidos (ao lado) sem grande acabamento.

Foi uma forma prática de mitigar o medo do vivenciar a cidade e também uma maneira de me obrigar a registrar o que estava sentindo em relação aos espaços especialmente de cultura de São Paulo.

Depois - quando era completamente inevitável que nomeasse um ponto para que fosse o tema do TFG - a lista de preceitos que estabelecera e essa espécie de pequenas derivas desconexas foram grande assistência. Permitiram que não esquecesse do foco altamente humanista ao tentar incidir sobre o território de maneira táctica.

4.2. GRAJAÚ E PARQUE COCAIA

ESCOLHA

O meu primeiro contato com o território para o qual enfim projetaria foi antes de tudo, estratégico.

Elucubrei prolixamente sobre métodos e métodos de estudo sentimental da paisagem, mas o primeiro passo foi pragmático. O mergulho entusiasmado aconteceria um pouco mais tarde.

Pensando no programa de piscinas públicas na periferia de São Paulo, levantei então raios de atendimento dos Centros Educacionais Unificados (CEUs). Em grosso modo, são grandes condensadores sociais localizados nas franjas de São Paulo com intuito de equipá-las com ambientes voltados para lazer, cultura, educação e esporte.

Por possuírem em sua concepção um complexo de piscinas públicas cada, não achei que fosse interessante localizar minha intervenção nas suas proximidades.

As medidas dessas áreas de atuação foram definidas de maneira mais ou menos arbitrária a partir de um entendimento de distância confortável para caminhada.

Diz Jan Gehl em *Cidades para Pessoas*:

"A distância aceitável de caminhada é um conceito relativamente fluido. Algumas pessoas andam felizes por muitos quilômetros, enquanto para alguns idosos, deficientes ou crianças, mesmo curtas caminhadas são difíceis. A maior parte das pessoas está disposta a percorrer cerca de 500 metros. A distância aceitável, porém, também depende da qualidade do percurso. Se o piso for de boa qualidade e se o trajeto for interessante, aceita-se uma caminhada mais longa. Por outro lado, a

vontade de caminhar cai drasticamente se o trecho for desinteressante e, assim, parecer cansativo. Nesse caso, uma caminhada de 200 a 300 metros parecerá muito longa, mesmo que leve menos de cinco minutos". (GEHL, 2013, p.121).

Assim, considere os CEUs como atendendo um diâmetro de cerca de 2 quilômetros a partir de seus edifícios principais.

Percebi que mesmo com a grande quantidade desse tipo de equipamento na cidade, ainda há extensas faixas desatendidas. Ao meu ver, seriam o esboço das fendas que estava procurando.

Nos limites da Zona Sul do município vi um desses poros. Notei, por alto, no distrito do Grajaú, um braço da Represa Billings entre os três CEUs mais próximos (Navegantes, Vila Rubi e Três Lagos). Tratava-se de uma região de mananciais aparentemente desocupada, cortada por uma única avenida (mais tarde viria a saber que tratava-se da Avenida Dona Belmira Marin) conformando uma península peculiar.

GRAJAÚ

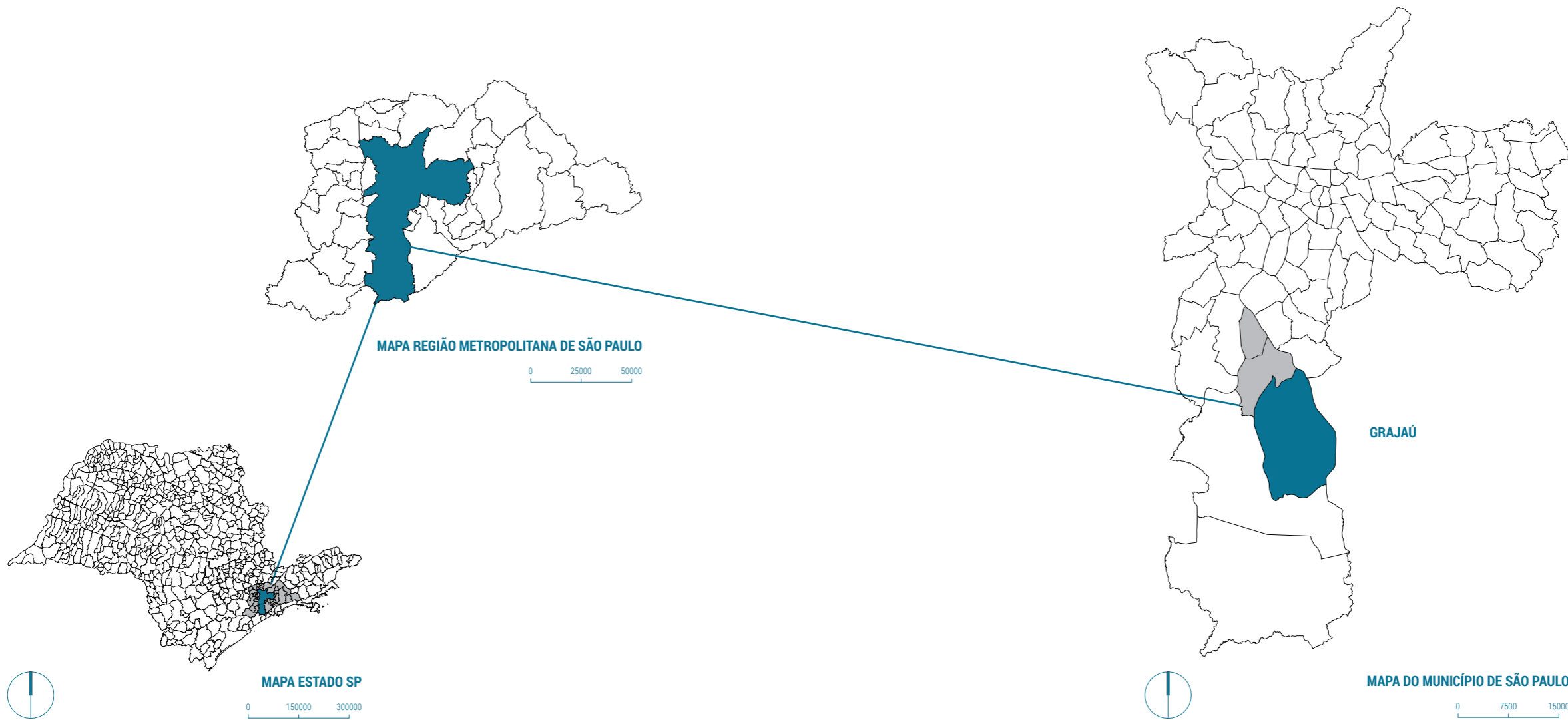
Acredito não ser necessário caracterizar o distrito do Grajaú em pormenores, com dados quantitativos e mapeamentos complexos. Como já explicado, no âmago do meu trabalho, gostaria de vivenciar a região analisada a partir de meu próprio corpo. Assim, todas as informações que foram levantadas sobre o distrito surgiram retroati-



Fig.09. Piscina do CEU Navegantes. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.10. Piscina do CEU Butantã. (Fonte: acervo pessoal).

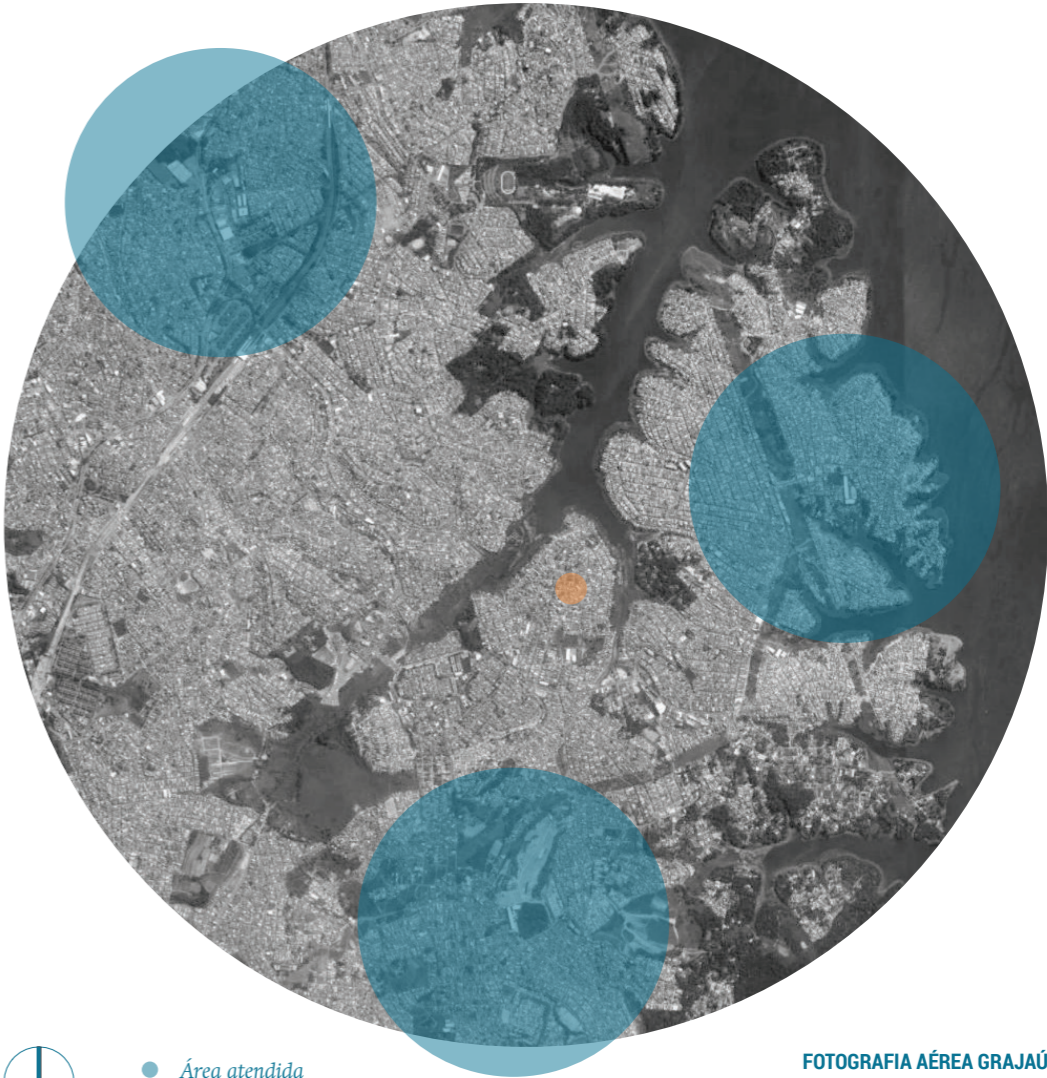


CEU VILA RUBI

CEU NAVEGANTES

PARQUE COCAIA

CEU TRÊS LAGOS



FOTOGRAFIA AÉREA GRAJAÚ

0 500 1000

vamente, já no intuito de qualificar o projeto final e o trabalho de campo.

A maior parte das informações é proveniente do retrato composto por [Angélica Garcia](#) em sua dissertação de mestrado. Conheceria ela devido a sua conexão com o sítio com o qual trabalharia. A sua dissertação se tornou, como comentarei pontualmente, uma referência geral de considerável importância. Entrevistei-a no dia 08/05, na Praça da República. Na ocasião, me incentivou veementemente a mergulhar nas problemáticas do lugar.

Em qualquer caso, rapidamente é imperativo colocar como a população da região, distrito da Prefeitura Regional de Capela do Socorro no município de São Paulo, é composta sobretudo por imigrantes do norte de Minas Gerais e estados da Região Nordeste do país (essa formação histórica seria comprovada pessoalmente a mim pela população residente). São atraídos nas décadas de 50 e 60 pelas oportunidades de emprego representadas pelas indústrias em Santo Amaro. No Grajaú encontram terras ociosas com custos baixos.

Contrastantemente, a lei ambiental é promulgada na contramão do crescimento demográfico entre os reservatórios. Em 1976, com a lei N° 1.172 de Proteção aos Mananciais da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), 90% do perímetro do Grajaú passa a incorporar uma Área de Proteção Ambiental (APA). Com isso, 80% das construções ali localizadas passam a entrar na irregularidade legal ¹.

Mais adiante, considero que o atributo mais solene que tenha apreendido do corpo do Grajaú seja o espírito insur-

1. (GARCIA, 2015).

gente de mudança incutido na população. Nas palavras de James Holston em *Cidadania Insurgente*:

"A ilegalidade das moradias estimulou uma nova participação cívica e uma nova prática de direitos: as condições que criou mobilizaram moradores a exigir incorporação integral a cidade legal, que os havia expulsado, por meio da legalização de suas reivindicações de propriedade e da provisão de serviços urbanos... Embora continuem a sustentar o regime de cidadania diferenciada esses elementos representam também as condições de sua subversão a medida que os pobres urbanos garantiram seu direito à cidade", (HOLSTON, 2013, p.34).

Temos assim uma conjuntura de grande desigualdade e ao mesmo tempo de insurreição latente. Essa dicotomia será o coração da nossa intervenção.

COCAIA

Novamente, é nevrálgico pontuar como o que escrevo agora sobre o Parque Cocaia foi levantado de forma retrocessiva. Assim, será explanado apenas o que se considera pertinente para o projeto e para compreender a pesquisa feita *in loco*.

O Parque Cocaia representa em grande parte a multidão a que Holston se referia. Era perceptível que havia grande dificuldade na mobilidade urbana para os habitantes da região. Como morador de Santo Amaro, já na Zona Sul de São Paulo, enfrentava jornadas de às vezes mais de duas horas para me deslocar até lá.

Me habituei com os discursos reclamando sobre a condução lotada e demorada. Com a visão do Terminal

Fig.11. A Linha Esmeralda da CPTM virou uma visão comum nos meus trajetos ao Grajaú. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.12. Os ônibus que percorrem a Avenida Dona Belmira Marin costumam estar sempre cheios. (Fonte: acervo pessoal).



Grajaú sobrecarregado de transeuntes. Não era incomum que passageiros diversos desejassem matar o tempo papeando comigo durante minhas idas ao Grajaú.

Na escola na qual viria a trabalhar, muitos professores e funcionários eram oriundos de outras periferias de São Paulo, sobretudo da Zona Leste, e colocavam como já incorporavam as suas rotinas um tempo de deslocamento hercúleo para se manter nos horários exigidos.

São dois elementos principais que demarcam o bairro, em uma leitura genérica.

Primeiramente, o acesso ao Cocaia é realizado exclusivamente pela Avenida Dona Belmira Marin. É uma via radial, conectando o Grajaú, ao sul, com o centro da cidade, ao norte.

Quem percorre essa rota passa necessariamente pelo Terminal Grajaú. Não só é um dos pontos finais da Linha Esmeralda da CPTM, mas também abriga uma importante parada de ônibus.

Relata-se que a Avenida Dona Belmira Marin nunca foi vista sem problemas de tráfego de automóveis. De fato, em todas as minhas passagens, a deslocação pelo caminho nunca foi fácil. Em mais de uma ocasião, o ônibus em que estava quebrou ao passar por um buraco no asfalto, o que me causava enormes atrasos.

Mesmo assim, nota-se grande vitalidade ao longo da via. Até enquanto voltava em horários mais avançados da noite, as calçadas eram ativas e os comércios, como me

contariam repetidas vezes, são fartos e possuem preços muito acessíveis.

No mapa a seguir que mostra os usos predominantes do solo, percebe-se a concentração do comércio nessa avenida e na Rua Santo Antônio de Ossela.

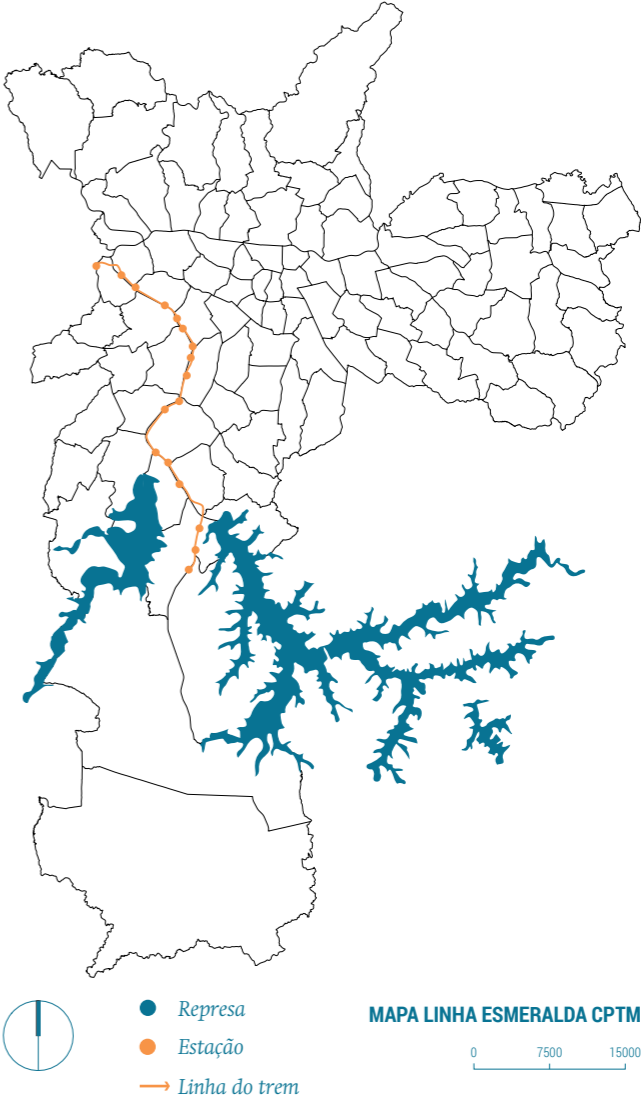
Além disso, como já destacado, a trilha ainda é a única conexão com o transporte de massas, representado no Grajaú pela Linha Esmeralda, ao lado. Para muitos, comporta a ligação singular ao centro da cidade.

O seu papel de costura exclusiva é ainda mais acentuado pelo fato de ser ali a ponte singular para se cruzar os mananciais da Represa Billings, como notara desde o início.

O outro marco claro na paisagem do Cocaia é a COHAB Brigadeiro Faria Lima. Margeando a Av. Dona Belmira Marin, é imponente por notadamente colocar um traçado ortogonal de quadras.

O desenho urbano reticulado se dá em oposição à ocupação do outro lado da avenida, que apresenta lotes mais compridos, com menos esquinas e nenhuma verticalização. Isso influi para que o comércio e a vitalidade urbana, na península da Billings, sejam menos expressivos, conforme se adentra as ruas coletoras. Esse padrão de ocupação culmina nas favelas que se articulam na beira da água, no interior da comunidade.

Seguem alguns mapas-base que pautaram as minhas análises quando decidi, então, frequentar o Grajaú.



AV. DONA BELMIRA MARIN

R. SANTO ANTÔNIO DE OSSELA

COHAB BRIGADEIRO FARIA LIMA



AV. DONA BELMIRA MARIN

R. SANTO ANTÔNIO DE OSSELA

COHAB BRIGADEIRO FARIA LIMA

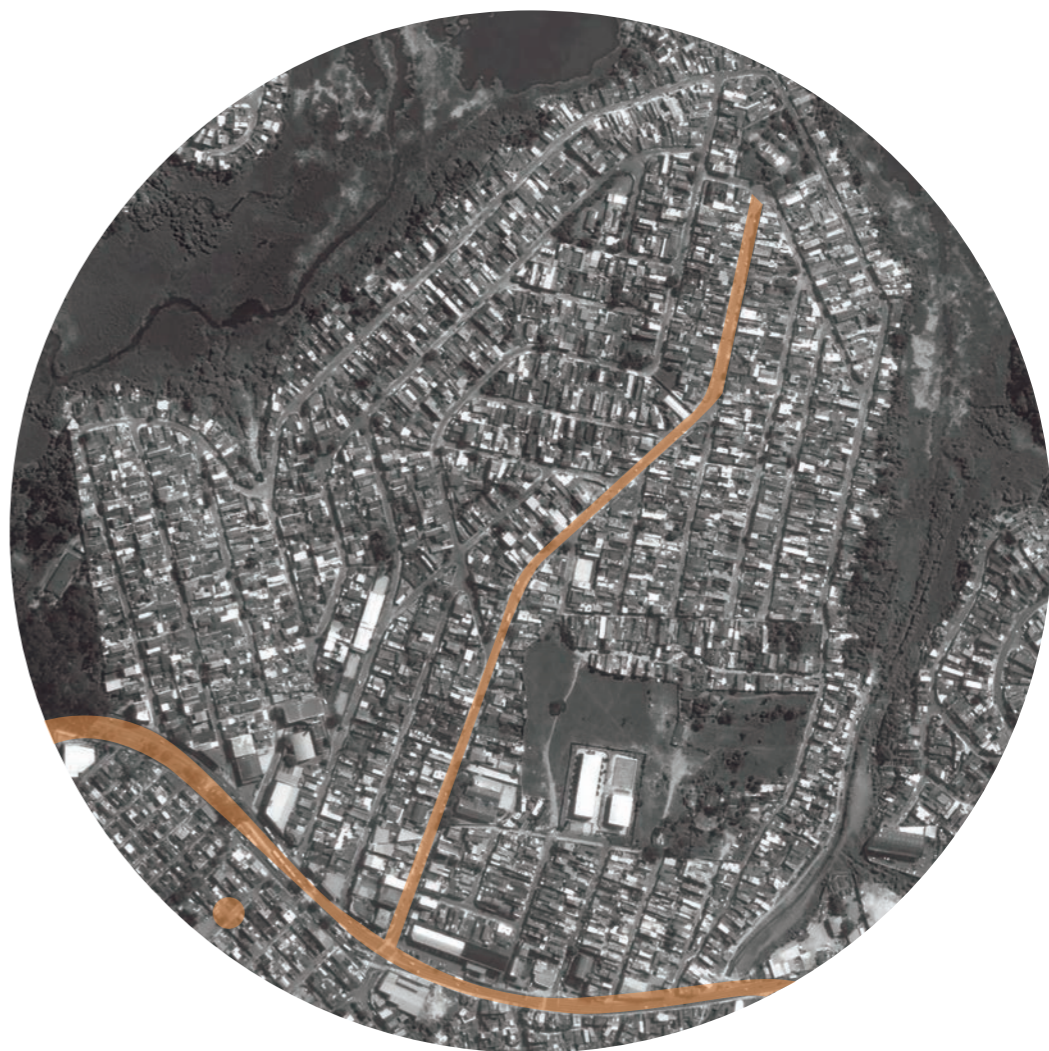
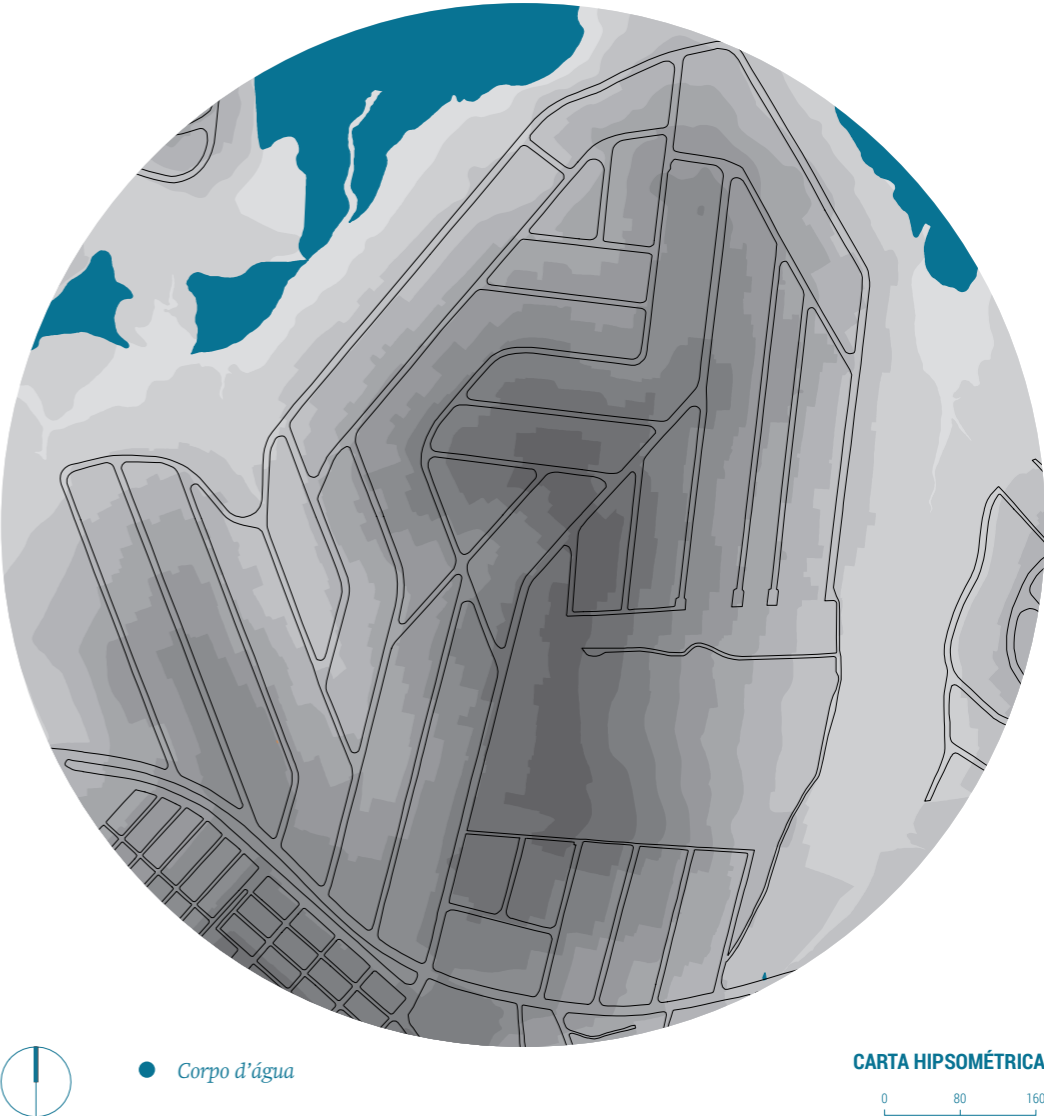
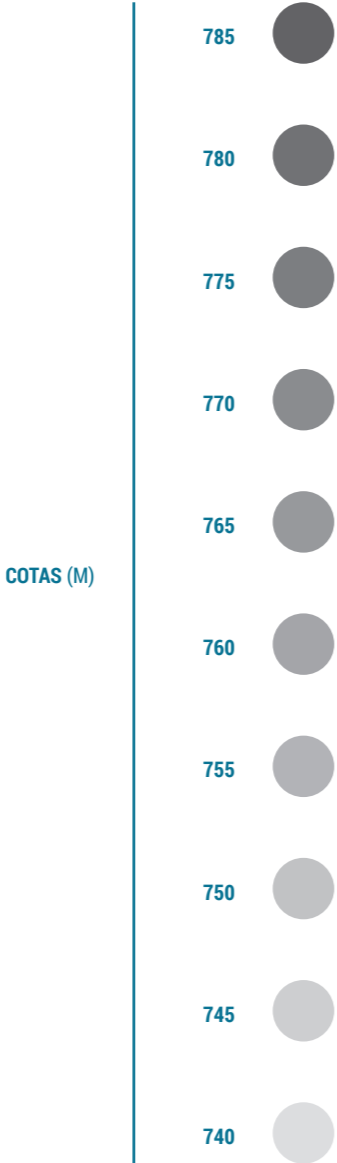
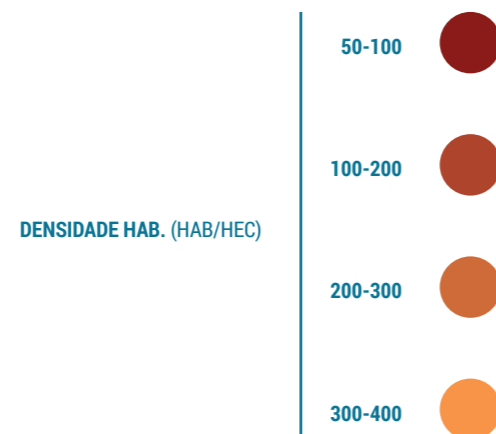


FOTO AÉREA PARQUE COCAIA

0 80 160





USO PREDOMINANTE DA QUADRA

COMERCIAL HOR.



RES. VER. MÉDIO PADRÃO



RES. HOR. MÉDIO PADRÃO



4.3. EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO

COINCIDÊNCIA

O verdadeiro estopim da minha decisão de tomar o Grajaú como objeto de pesquisa não pode ser definido como menos que uma coincidência de muita sorte.

Pesquisando sobre piscinas e sobre o Parque Cocaia baseando-me nos potenciais de desenho urbano que pensava encontrar ali, obtive uma notícia deveras interessante.

Escrita por Livia Machado, *Mulheres do Capão Redondo e Grajaú relatam os desafios de viver em SP* contava as experiências da educadora [Sônia Vieira](#) como mulher periférica no Grajaú. Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Padre José Pegoraro, ela conta no texto como se orgulhava do fato de que as quadras esportivas externas da escola permaneciam sempre abertas para o uso comunitário.

O que precisamente me chamou a atenção na notícia foram dois elementos.

Primeiramente, Sônia comentava sobre o Sarau do Grajaú, que ocorre na rua em que mora. Já havia notado sua localização no mapa da região, logo fiquei intrigado e quis conhecer o evento, que é largamente organizado por professores do colégio e por seus alunos e ex-alunos.

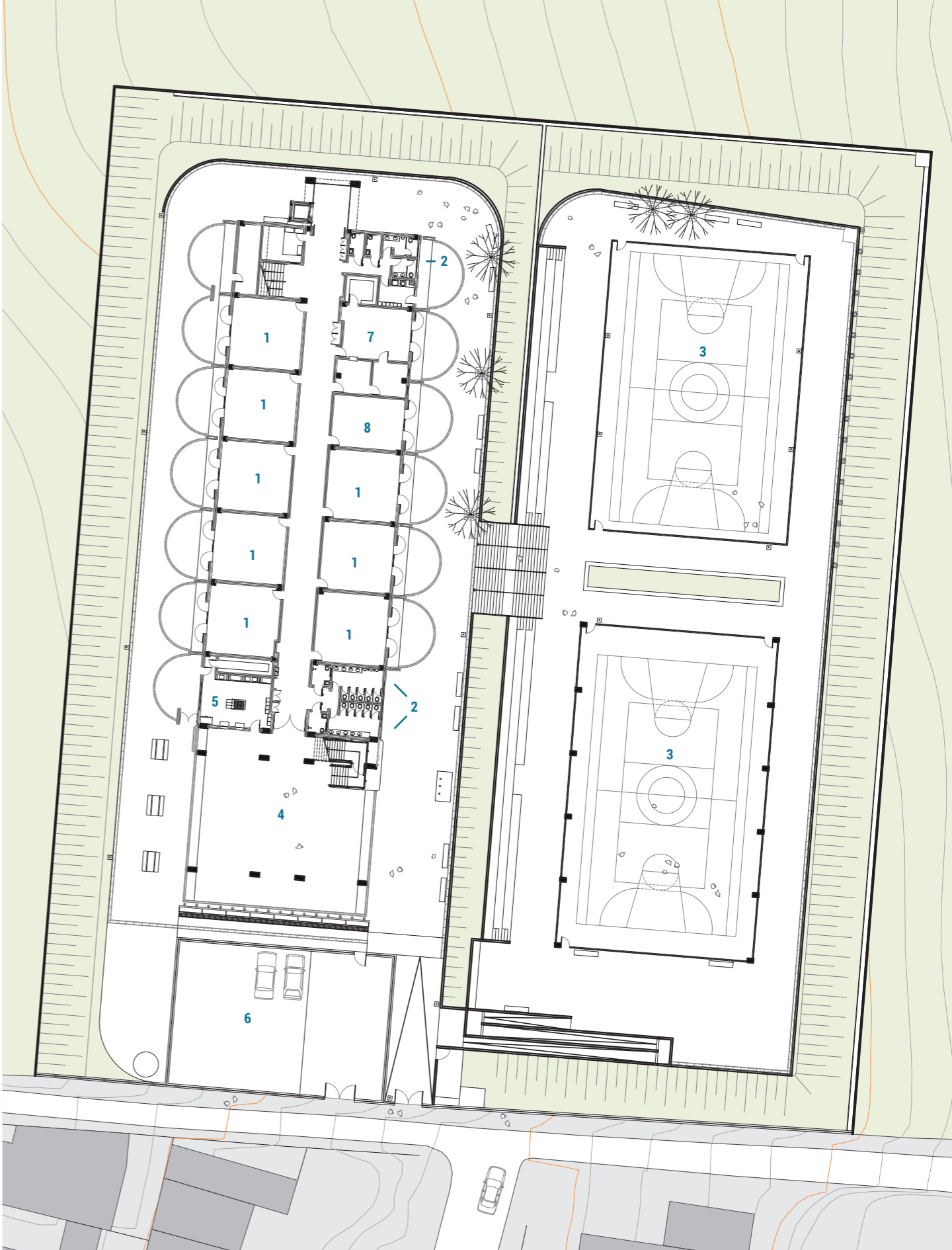
Em segundo lugar, e mais importante, Sônia chega a dizer, na entrevista que a escola “parece um SESC, só falta uma piscina”. Para mim se tratava de uma grande chance para então fornecer justamente o que gostaria com meu projeto suprimindo uma necessidade real, criando qualidade de vida com o espaço do lazer.

Faço, então um breve panorama da escola e sua história.

- 1. SALA DE AULA
- 2. BANHEIROS
- 3. QUADRA EXTERNA
- 4. PÁTIO
- 5. COZINHA
- 6. ESTACIONAMENTO
- 7. ADMINISTRAÇÃO
- 8. COPA

IMPLANTAÇÃO TÉRREO

0 5 10



PEGORARO

A EMEF Padre José Pegoraro se insere inteiramente no contexto de luta social do Grajaú.

Reivindicação de um grupo de mães do distrito, tem sua ordem de construção publicada no Diário Oficial do município em 12 de dezembro de 2000 ¹.

Relata-se que não era incomum, devido à carência de vagas escolares até então, que familiares de adolescentes e crianças dormissem nas portas das instituições de ensino.

O atual edifício do colégio Padre José Pegoraro abriga mais de 900 alunos divididos em 2 turnos, nos Ensinos Fundamentais 1 e 2. Previamente, funcionava na Rua José Júlio Mendes, onde hoje ainda ocorre o Ensino Infantil, na escola conhecida popularmente como "Pegorarinho" (o nome oficial sendo Parque Cocaia 2).

Embora os movimentos sociais clamassem por maior número de possibilidades de estudo para seus filhos desde o início da década, será somente em novembro de 2008 que serão iniciadas as obras, e sua conclusão ocorrerá em julho do ano seguinte.

Certamente o maior estabelecimento educacional do bairro, é um projeto-tipo do escritório Makhohl, implantado pela PMSP. Conta com 18 salas de aula, divididas em 2 andares. Cozinha, copa, área de funcionários, pátio, estacionamento e administração. Também lá há uma ampla arquibancada e duas quadras externas, uma delas sendo coberta por uma estrutura de aço treliçado. Cada sala de aula no térreo conta com um jardim de inverno - hoje em dia, alguns são usados como horta, outros como depósito,

1. (GARCIA, 2015).



Fig.13. Quadras da EMEF Padre José Pegoraro. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.14. Arquibancada da EMEF Padre José Pegoraro. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.15. Corredor da EMEF Padre José Pegoraro. A escola conta com equipamentos para acessibilidade universal. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.16. Área residual ao lado dos muros da EMEF Padre José Pegoraro. Ao fundo se vê a parte ainda usada como pasto de cavalos. (Fonte: acervo pessoal).



embora a maioria esteja ocioso. Há também uma sala de rádio com proteção acústica, naquele momento usada como depósito de material escolar.

A escola se encontra em um terreno deveras curioso. Ela já tem dimensões acima do padrão das demais no bairro, mas, mesmo assim, ocupa uma parcela pequena do terreno em que se encontra. Esse lote está em constante declive, partindo das cotas mais altas do bairro (785) até quase o nível médio da Represa Billings (740). Segundo os professores, tratava-se de um terreno de pasto. As cotas menos elevadas, ao fundo do terreno, mais próximas à represa, ainda são usadas como tal, de fato. Muitos moradores ainda possuem e deixam seus próprios cavalos ali.

De qualquer forma, existe um grande terreno desocupado ao redor de toda a escola, em uma região na qual largamente não existem extensões tão grandes assim não-edificadas.

A razão do terreno ao redor da escola ser essa gleba vazia extensa é extremamente nebulosa. Os funcionários da EMEF me afirmaram ser um lote reservado para construção de habitação popular pelas Companhias de Habitação Popular (COHAB), um investimento municipal, portanto. Porém, meus esforços para contatar algum servidor desse campo na PMSP não foram de todo frutíferos - parece não haver informações sobre qualquer tipo de ação futura nesse local por parte dessa instituição.

O fato da implantação da escola gerar tanto espaço residual tem duas implicações.

Primeiramente, essa grande região possui ocupações fugidias, como traçado por Careri - crianças empinando pipa, caminhos de passagem para as comunidades ao

redor da escola, mas também o tráfico de drogas e o desmancho de carros.

Depois, a escola, em sua espacialidade, teve que se adequar para sua disposição não-ortodoxa: os professores me descreveram como a COHAB deveria ter sido responsável pela criação de um traçado viário para a gleba, que colocaria o acesso principal do colégio passando pela administração, mas como isso nunca veio a ocorrer, a entrada dos indivíduos costuma ocorrer pelo pátio, atravessando diretamente as atividades das crianças. O projeto veio antes da escola, teoricamente.

A escola hoje tem todas as suas aberturas gradeadas, mesmo mantendo-se as quadras abertas aos finais de semana. A razão de ser disso é devida às pedras que as crianças costumavam jogar nos vidros das janelas e devido ao furto de equipamentos escolares.

Atualmente, não possui tabelas de basquete, só cestas infantis móveis.

Um problema recorrente relatado foi o roubo das lâmpadas das quadras.

Contou-se que as traves dos gols já chegaram a ser roubadas e colocadas em um terreno baldio próximo à escola. A equipe responsável optou por simplesmente comprar novas, para assim permitir que houvesse mais uma quadra de futebol no Grajaú, mesmo que fosse fruto de um roubo.

Seriam o conjunto de problemas que conseguiria analisar com mais tempo e atenção. As peculiaridades do lugar acompanhavam meus interesses temáticos quase perfeitamente. Entrei em contato com a diretora, [Sônia](#), e agendei uma visita.



Fig.17. Fora o tratamento pouco usual das suas quadras externas, a EMEF já abrigara uma rádio estudantil, agora inativa. Existe ainda uma Imprensa Jovem. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.18. A implantação da escola gerou extenso terreno residual, que, sem fiscalização, é ocupado por entulho. (Fonte: acervo pessoal).

4.4. VIVÊNCIA

EXPERIÊNCIA

O período de vivência no Cocaia foi extenso e colocou em prática toda a minha capacidade da ação de projetar e re-projetar, a qual me referi nas primeiras provocações. No decorrer das discussões com os alunos e com a equipe do colégio minha visão em relação aos produtos que procurava desenvolver com a pesquisa foi modificada e influenciada inúmeras vezes. A experiência colocou em evidência a fatalidade do corpo - cedo ou tarde ele sempre aparece, as circunstâncias colocam nossa condição humana à prova.

Durante o processo como um todo a minha luta era contra meu próprio autoritarismo. Tive que conciliar a vontade e necessidade de planejar e concretizar uma parte das minhas propostas com o cotidiano acelerado e, por vezes, improvisado com o qual a escola estava acostumada. Lidando com tantos alunos, não era incomum, ao chegar, ver a equipe tendo imprevistos desagradáveis e incapaz de acompanhar as atividades. Colocaram confiança em mim como se fosse um professor da casa e eventualmente foi preciso coordenar as oficinas sem o auxílio dos dirigentes em classe. Nesses dias, nos debates com os alunos, era preciso criar sempre acordos entre meus pré-conceitos como técnico e os ideais dos estudantes que surgiam e assim ora tinha que ser resiliente com eles e ora comigo mesmo.

A crença dos envolvidos em que eu era competente e que tinha a capacidade de dar forma efetivamente as minhas propostas se provou uma faca de dois gumes. Por um lado foi um convite e desafio para fazer o meu melhor. Me fez colocar mais energia e esforço na ação projetual, tornando-a mais excepcional e completa que qualquer

outra que já tinha realizado na FAU USP. Em uma outra ótica, o planejamento participativo requiriu uma intensa experimentação, um grau de retórica e uma competência de comunicação com o qual não estava habituado de maneira alguma. O corolário da grande volatilidade dos exercícios na EMEF foi um grande desperdício - de material, de energia e de tempo - que se tornavam mais e mais necessários para atingir o nível de complexidade ideal que gostaria com essa diligência.

Comecei a frequentar o Parque Cocaia, como já explicado, devido a uma aproximação completamente técnica. Percebi uma aparente carência, e como a faculdade já havia me habituado, tratei de criar contatos para conhecer o local de interesse e pensar em bases de maneira a espacializar dados que fornecessem a leitura utilitarista, funcionalista do lugar.

Sempre morei em Santo Amaro, na Zona Sul de São Paulo, e estava acostumado a viver entre o centro e a região dos mananciais, pensando que já conhecia as dicotomias entre estas duas zonas. O cotidiano que tive a chance de conhecer no Grajaú, entretanto, me surpreendeu em diversas esferas. As pouquidades e os problemas que suspeitava encontrar estavam, de fato, presentes, mas ali nesse cenário havia insurgentes a possibilidade e o nascimento de grande força motriz, potência de vida de uma população que buscava não só melhores condições de comodidade, mas colocar sua identidade e suas vontades.

Me surpreendi ao ver que, sobretudo entre os adolescentes, muitos dos ensejos eram consideravelmente diferentes dos meus - porém havia principalmente vários que eram idênticos. Na escola, embora as músicas que os estudantes escutassem, os assuntos que estudassem,

os esportes que praticassem e os passatempos que cultivassem fossem outros, o maior zelo era pela capacidade de expressão. O desvelo pela mudança, por criar um lugar no qual pudessem ser tranquilamente eles mesmos.

Foi nessa percepção que, com alguma labuta, construí meu projeto pouco a pouco.

INÍCIO

Como mencionado, a minha primeira impressão do Cocaia foi abstrata, baseada num parecer técnico, uma visão de urbanista embasada numa cartografia pragmática. Minha primeira aproximação se deu através da [Sônia](#), como também já explicado, em um final de semana. Previamente não possuía nenhum vínculo com o bairro e nenhuma instituição.

Marquei uma conversa com ela sem muitas pretensões ainda de consolidar o lugar como objeto de estudo. No dia 23/04, um sábado chuvoso, tomei um ônibus perto da minha casa e após uma hora me encontrei com ela na José Pegoraro.

A recepção calorosa da [Sônia](#) e seu interesse pelo tema do corpo rapidamente me cativaram e logo minha vontade de vivenciar aquele sítio aumentou.

O primeiro conselho da diretora foi que frequentasse o Sarau do Grajaú, que acontecia no último sábado de cada mês, numa rua próxima, onde morava. Logo entrei em

Fig.19. Sarau do Grajaú. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.20. Prato de macarrão oferecido. (Fonte: acervo pessoal).



contato com a [Prof^a. Edilene](#), responsável por organizar o evento e marquei de conhecer.

Nos meses de abril e maio frequentei a festa. Foram duas ocasiões reveladoras sobre a identidade daquela periferia.

Realizado num bar pequeno, com poucas cadeiras, o sarau era humilde, mas estava sempre cheio. Quem não conseguia sentar nas cadeiras, assistia de pé. A dona do estabelecimento servia cerveja gelada no balcão.

Todas as performances eram aplaudidas, sem exceção. Com cunho ativista, muitos traziam poemas contra o racismo, contra a misoginia, contra o classismo. Defendiam com afincos uma cultura assumidamente periférica.

Além de poemas autorais, os frequentadores traziam composições originais, livros e desenhos próprios e projetos fotográficos.

As falas se alongavam sempre até a madrugada, impossibilitando nas duas vezes que eu ficasse até o fim. Mesmo assim, foi uma grande inspiração para mergulhar enfim na realidade daquele bairro.

Conforme o primeiro semestre de 2017 passava, segui os conselhos da diretora e prossegui entrando em contato com outros membros da equipe da José Pegoraro. Em pouco tempo, entrei em contato com o assistente de direção, [Carlos Amorim](#).

Ele me indicou os projetos que tinham sido realizados no colégio anteriormente. Entre eles, me recomendou a dissertação de mestrado de [Angélica](#) que foi citada previamente.

Foi nesse período que soube também do pequeno documentário filmado ali, citado anteriormente.

Tornou-se evidente o engajamento da comunidade do bairro. A dedicação dos habitantes dali para com os movimentos políticos formais e informais da cidade. A lucidez e consciência sobre o seu estar no mundo.

Eventualmente, ao comparecer a EMEF no dia 13/05, durante a Festa do Macarrão, conheci o professor de literatura, [Diego](#).

Na festa, celebravam o prato preferido do padre homônimo. Comia-se macarrão e discutia-se a alimentação com apresentações musicais de todas as turmas. Observar um uso possível do espaço durante os finais de semana despertou novamente meu interesse na comunidade e sua grande disposição e vontade de celebrar.

No dia 31/05, após uma discussão com os três docentes que tinha conhecido, o [Diego](#) ainda me levou para conhecer um projeto atual do colégio. Alguns alunos estavam apresentando um Leituraço. Tratava-se de uma representação dramática de um texto lido pelos alunos mais velhos, que era apresentada para as crianças mais novas. De acordo com o professor, procura-se escolher textos fora dos cânones da literatura brasileira para se expor dessa maneira.

Mais uma vez, encontrei uma nova perspectiva naquele lugar que provava grande potência de vida. Para além de todos os desprovidos ali, havia uma sabedoria extraordinária, um corpo sem instituição, como Lina colocava.

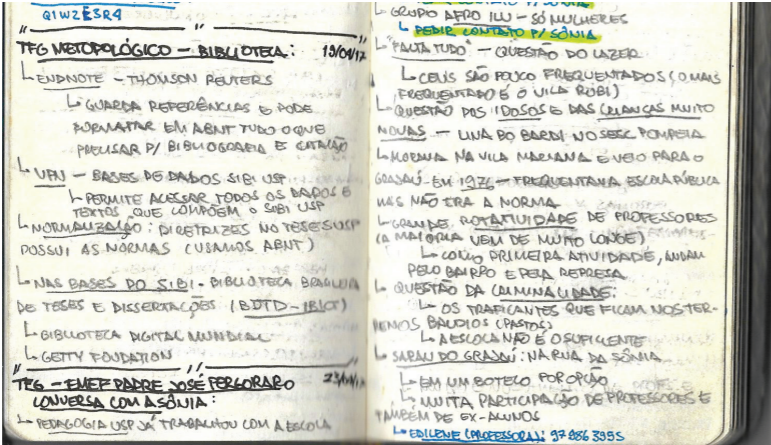


Fig.21. Festa do Macarrão na EMEF Padre José Pegoraro. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.22. Leituraço na EMEF Padre José Pegoraro. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.23. Primeiro caderno de anotações mostrando as anotações dos primeiros encontros com a diretoria. (Fonte: acervo pessoal).



Tudo isso seria perdido se prosseguisse a aproximação do território como tinha feito até então.

Pensei, portanto, em adentrar no cotidiano da escola. Tentar vivenciar de maneira planejada cuidadosamente as idiossincrasias daquele colégio.

Decidi incorporar aquele espaço à pesquisa e torná-lo, afinal, um ponto nodal também de qualquer desenho que fosse propor.

Nos capítulos a seguir se encontra uma síntese das vivências com os alunos e equipe de profissionais na José Pegoraro.

DIÁRIO

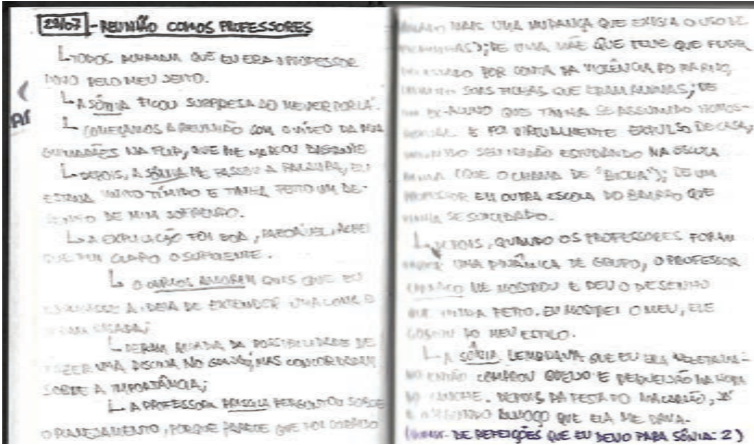
Rapidamente, era preciso colocar como foi realizada a documentação do processo.

Em um primeiro momento, nas conversas primordiais com a diretoria, anotava os tópicos de importância em um caderno qualquer. Ainda não havia a certeza de que fixaria aquela localização como ponto focal. Resultado foi que são escritos basilares e erráticos.

Conforme frequentava a EMEF, contudo, tornou-se necessário tornar mais claras e mais concentradas as constatações que realizava.

Decidi escrever um diário de campo, que preenchia com tópicos que me despertavam interesse. Com histórias que me contavam na escola. Com falas pertinentes de alunos e

Fig.24. Diário de campo que eu estabeleci quando decidi incorporar a escola e o Cocaia ao trabalho definitivamente. (Fonte: acervo pessoal).



professores. Esse diário se tornou o elemento primordial da construção do relato da minha presença no Cocaia.

Tanto o meu caderno fundamental quanto o diário de campo são retratados na página anterior.

Posteriormente, segue um carômetro que mostra as personagens principais dessa história.

Nota-se que os nomes de todos estão **destacados em azul** nessa pesquisa. Tal escolha não é apenas uma decisão estética para destacar as palavras, mas também foi feita para evidenciar a construção coletiva do trabalho, feito do diálogo entre diversas vozes, opiniões, corpos.

O carômetro foi uma tentativa de fornecer uma imagem para cada uma das reivindicações que escutei no Cocaia, embora infelizmente não tenha conseguido registrar de fato absolutamente todos os rostos que compuseram o meu período no colégio.

CALENDÁRIO

A minha intenção com a escola era realizar diversas atividades, com auxílio dos coletivos da FAU USP que eu conhecia na busca de usos alternativos para os espaços da escola com os quais os estudantes já estavam afeitos.

A partir de toda a crítica tecida em prol da libertação dos corpos, elas possuíam um caráter experimental - poderiam ser realizadas por qualquer um e frequentadas por todos sem grandes restrições e burocracias.

O material produzido nesses dias seria então catalogado e interpretado junto com os participantes em um

momento posterior, de maneira a traçar um panorama do corpo da população local.

Com a realização dessa leitura, poderíamos prosseguir para desenvolver um projeto participativo com algum grupo da escola que estivesse interessado em participar no cerne da atividade projetual.

Por moção da equipe escolar, parte do projeto, uma marca material, deveria ser realizada no espaço do colégio para justificar a abertura que estavam me fornecendo como um próprio professor da casa.

Aproveitei as exigências para tecer a minha crítica - a minha pequena intervenção na José Pegoraro seria um exemplo do que o planejamento com participação da população poderia ser. Seria um exemplar modesto - talvez nada - mas ao mesmo tempo seria tudo o que o meu corpo, eu como indivíduo, poderia fazer.

Ao mesmo tempo, ao final do trabalho, utilizaria os mesmos levantamentos como base projetual para a arquitetura que pretendo propor para o Cocaia. Agora teríamos o protótipo do que poderia ser realizado com a participação de um Estado que atua tomando consciência da diversidade dos corpos marginalizados.

Segue, então, o calendário de atividades realizadas como ocorreram ao longo do tempo que é descrito nessa etapa da pesquisa.

Como o próprio caráter do que estava propondo era o de experimentar, o calendário foi uma construção empírica. Como já descrito, partia da intersecção entre discursos cruzados - o dos coletivos, o da equipe docente, o dos estudantes e o meu próprio, cada qual procurando garantir a concretização de seus anseios.



SÔNIA MARIA VIEIRA DOS SANTOS
DIRETORA



CARLOS AMORIM
ASSISTENTE DE DIREÇÃO



DIEGO NAVARRO DE BARROS
PROFESSOR DE LITERATURA



LETÍCIA GRISOLIO
COORDENADORA



MARCELO SENA
COORDENADOR



ALESSANDRA MACENA
PROFESSORA DE GEOGRAFIA



(GRAZI) GRAZIELA REGINATO
PROFESSORA DE 1° E 4° ANOS



PROFESSOR CIRIACO
PROFESSOR DE ED. FÍSICA



(DAGO) JOÃO ROBERTO
FOTOFAU



(MA) MARINA RIGOLLETO
FOTOFAU



HANNAH CAMPOS
ESTUDANTE FAU USP



LUENNE ALBUQUERQUE
ARQUITETA



RUGBY FAU USP
TIME DE RUGBY FEMININO



(PIRATA) DIEGO SILVEIRA
ARQUITETO | FOTOFAU



(BE) BEATRIZ CHAMIE
ESTUDANTE FAU USP



GIOVANNA FLUMINHAN
ESTUDANTE FAU USP



ALESSANDRA GOMES
8º ANO | 14 ANOS



ANA CLARA
7º ANO | 13 ANOS



CLEBERSON VINÍCIUS
8º ANO | 14 ANOS



(DUDA) EDUARDA DIAS
8º ANO | 14 ANOS



GABRIEL SANTOS
8º ANO | 14 ANOS



(GABI) GABRIELLY ALMEIDA
8º ANO | 14 ANOS



GUILHERME ROCHA
8º ANO | 13 ANOS



KAILANY DOS SANTOS
8º ANO | 14 ANOS



(PEPE) JOÃO PEDRO CUSTÓDIO
8º ANO | 14 ANOS



(MADU) MARIA EDUARDA ARAÚJO
7º ANO | 13 ANOS



OSVALDO ALVES
8º ANO | 14 ANOS



VITOR MOURA
8º ANO | 14 ANOS

JULHO	<div> <div> 20/07 PASSEIO COM A SÔNIA 28/07 REUNIÃO COM OS PROFESSORES 29/07 CARTAZES </div> <div> PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES </div> </div> <div> <div> 31/07 OFICINA RUGBY </div> <div> SEMANA APROXIMAÇÃO </div> </div>	SETEMBRO	<div> 14/09 APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS DESENVOLVIDAS 23/09 OFICINA DE INFLÁVEIS “TRANSFORMER” </div>
AGOSTO	<div> <div> 01/08 OFICINA PINHOLE E SILKSCREEN 02/08 DOCUMENTÁRIO “DA CASA À LUTA” 03/08 OFICINA PINHOLE, CARTOGRAFIA E SILKSCREEN </div> <div> SEMANA APROXIMAÇÃO </div> </div> <div> <div> 10/08 REUNIÃO DIRETORIA 14/08 OFICINA ESPAÇO 18/08 OFICINA CIDADE 21/08 OFICINA BAIRRO 25/08 OFICINA ESCOLA 29/08 PROPOSTAS </div> <div> OFICINAS COM O GRÊMIO </div> </div>	OUTUBRO	<div> 06/10 OFICINA “CAMINHO DA ESCOLA” 20/10 CONSOLIDAÇÃO PROPOSTAS DO GRÊMIO </div>

20/07
28/07
29/07

4.4.1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES



APOSTA

Quando decidi envolver a escola de fato no meu trabalho estava realizando um verdadeiro tiro no escuro. Apostei nos coletivos da FAU USP e que a participação deles seria efetiva sem ter o compromisso definitivo acordado com nenhum.

De certa forma, acredito que a equipe da escola também não contava com a minha presença tão enfaticamente no local.

No dia 20/07 marquei uma reunião com a diretoria (Sônia, Diego e Carlos Amorim). Na estação Granja Julieta, perdi o meu trem, causando um atraso considerável. Chegando lá já escutei ao longe as reclamações do Diego. Entrei mesmo na secretaria mesmo assim. A Sônia ainda não havia chegado. Apresentei a versão mais inicial do meu calendário. Logo depois, com a chegada da diretora, tive que apresentar tudo de novo. Era uma quarta-feira. Até sexta-feira daquela semana eu conseguiria marcar, por sorte, quase todas as atividades iniciais que tinha me proposto a realizar.

PASSEIO

Nesse mesmo dia, Sônia me levou para um passeio pelo bairro e pela primeira vez tive uma dimensão de fato da proximidade da população do bairro da Represa Billings e como ela se relacionava com as águas do reservatório.

Notei claramente que os dois tipos de equipamentos mais prevalentes do Parque Cocaia eram as igrejas e as escolas.

Logo saindo da escola no carro da Sônia passamos pela Igreja dos Mórmons. Contrastante por ter uma quadra espor-



Fig.25. Igreja dos Mórmons, nas proximidades da escola. (Fonte: acervo pessoal).



- Terreno da EMEF
- Ponto de interesse

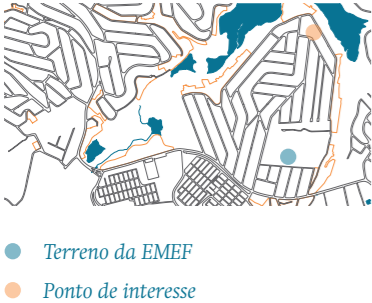


Fig.26. Parque da Sede. Ponto de encontro importante para os moradores do bairro. (Fonte: acervo pessoal).



- Terreno da EMEF
- Ponto de interesse

Fig.27. EMEI Dr. Aristides Nogueira. (Fonte: acervo pessoal).



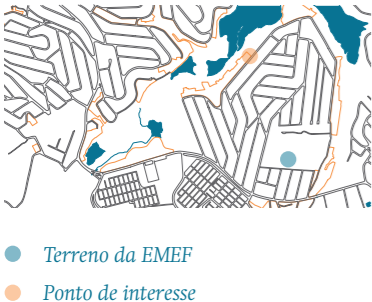
tiva dentro do seu lote, configuraria um acesso muito mais amplo e democrático ao terreno da escola.

Outro ponto interessante de conhecer foi a praça no interior do bairro (Parque da Sede). Nas minhas visitas posteriores à escola eu descobri que se tratava de um ponto importante de encontros para o Cocaia. Vi que surgia nas conversas com os alunos recorrentemente como um local nevrálgico para a rotina destes. Conta com uma quadra externa (que, segundo [Sônia](#), trata-se de uma obra financiada por um acordo entre um vereador municipal da região, dono de uma companhia de gás natural, e o tráfico, embora não tenha nenhuma confirmação dessa constatação) além de equipamentos de recreação infantis e uma doceria muito frequentada.

Discutimos a questão do tráfico enquanto passávamos pela EMEI Dr. Aristides Nogueira. Parece que é um personagem cada vez mais presente conforme se aproxima da Represa Billings, caminhando-se pelas ruas do Cocaia. Descendo a Rua Santo Antônio de Ossela, ao se acercar da escola infantil, já é possível enxergar o horizonte e a represa pelas frestas do muro. Diversos estudantes da Padre José Pegoraro já estudaram ali mais novos - alguns ainda têm irmãos que são alunos da EMEI. Trata-se de uma construção muito menor que a escola na qual desenvolvi o projeto, e aparentemente os problemas de segurança também são maiores, dado que é um edifício mais fácil de se invadir.

A Rua Dr. Nuno Guerner de Almeida atravessa toda a península da represa que delimita o Cocaia. Nela se encontram a entrada para os assentamentos mais precários do bairro. O acesso ao reservatório é feito por uma série de vielas estreitas e labirínticas que marcam a Favela

Fig.28. Viela “vigiada” na Rua Nuno Guerner de Almeida. (Fonte: acervo pessoal).



Cocaia. Ao sair do carro vi que várias dessas vias eram vigiadas, de certa forma. Fiquei temeroso de fotografar a partir desse ponto, embora **Sônia** me insistisse que não havia problema nenhum. Paramos em frente a uma viela guardada por um senhor de idade. Cumprimentamos e seguimos em frente.

Seguimos adiante pela viela. Saudamos os moradores que atravessavam para rua e que nos observavam dos batentes das janelas. O caminho era tortuoso e estreito. Andamos alguns minutos e era possível observar como - conforme nos aproximávamos da represa, afinal - as construções se tornavam mais recentes e melindrosas.

Finalmente, chegamos à represa Billings. Paramos um momento para observar. Enquanto eu fotografava os arredores, **Sônia** me contava que estávamos sobre os escombros de algumas moradias que tinham sido removidas recentemente devido à proximidade perigosa do reservatório. Isso nos possibilitava enxergar até o outro lado da represa. Na outra margem vê-se a favela Nova Grajaú. Olhando para o leste é possível ver as casas do outro lado da Billings ao longe. Muitas não dão as costas para a represa.

Enquanto conversávamos e eu fotografava, passou por nós uma criança empinando pipa. **Sônia** perguntou a ela quantos anos ela tinha - respondeu que tinha 5 anos. Enquanto olhávamos para o garoto um homem aproximou-se e perguntou o que estávamos fazendo. **Sônia** disse que era um projeto para a escola. Depois ela me disse que era comum enviarem alguém para verificar qualquer atividade estranha que acon-



Fig.29. Favela Nova Grajaú, Represa Billings e remoções na Favela Cocaia. (Fonte: acervo pessoal).



- Terreno da EMEF
- Ponto de interesse



Fig.30. Trecho canalizado do Córrego Reimberg Cocaia. (Fonte: acervo pessoal).



- Terreno da EMEF
- Ponto de interesse

Fig.31. Construção abandonada na Av. Dona Belmira Marim. (Fonte: acervo pessoal).

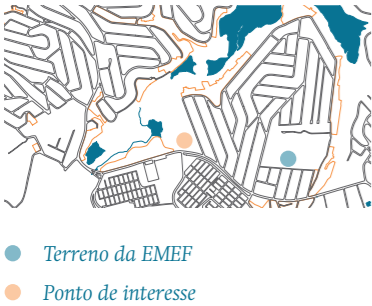
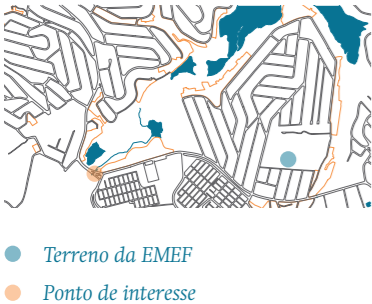


Fig.32. Represa Billings vista da Av. Dona Belmira Marim. (Fonte: acervo pessoal).



tecida na comunidade. O sujeito agiu com desinteresse e logo fomos embora.

A **Sônia** me ofereceu uma carona até a Estação Primavera-Interlagos da Linha Esmeralda da CPTM e eu aceitei. No caminho para a Avenida Dona Belmira Marim passamos por um trecho aflorado de um canal. A **Sônia** comentou que obras com esse foco na drenagem pública na região costumam ser decididas e impostas pelo tráfico após tragédias na região. Essa canalização em si tinha sido um projeto da prefeitura, mas as demais entradas mais largas para a represa não foram pensadas por um órgão público. No caso, o córrego que ali se encontra é o Reimberg Cocaia. A maior parte de sua extensão está aterrada sob a Rua Álvaro do Carvalhal. A própria equipe da escola não tinha conhecimento desse fato. Eu mesmo só descobri o dado após pesquisa posterior. Por esse corpo d'água se realiza toda a drenagem do bairro inteiro em direção ao reservatório. A canalização dele seria uma forma inteligente de garantir tanto que as águas cinzas do Cocaia fossem devidamente tratadas até a chegada na Billings. Também seria uma forma prática e eficiente de conscientizar a população local sobre os cursos d'água da região e criar uma relação de respeito para com eles.

A água no Cocaia é vista como uma vilã, aparecendo somente no caso de enchentes ou solapamentos. Nas oficinas posteriores com os alunos a questão da água no bairro foi muito pertinente, como será demonstrado posteriormente nesse trabalho. O ressurgimento do Reimberg Cocaia seria um passo importante na criação da proximidade sadia com esse elemento.

No caminho até a estação de trem ainda cruzamos um terreno baldio. No fundo, uma construção abandonada.

De acordo com a [Sônia](#), trata-se de uma obra pública de uma creche que fora esquecida. No mesmo terreno hoje ainda funcionaria uma creche feita pela população. Não chegamos a entrar, mas vi que diversos transeuntes circulavam livremente entre as árvores, mostrando que tratava-se, de fato, de uma grande área livre com circulação moderada, podendo ser agregada a um desenho urbano mais coerente na região.

Por fim, tive a oportunidade ainda de fotografar o vale que me chamou a atenção no momento que descobri o Parque Cocaia. A [Sônia](#) me contou que toda a extensão daquele terreno e a avenida já chegaram algumas vezes a ficarem inteiramente alagados. Geralmente em períodos de estiagem o número de assentamentos precários e de barracas espalhadas por esse terreno aumentava, mas os moradores sabiam que era uma área de risco. Efetivamente, foi visível como o número dessas ocupações aumentou conforme frequentava o local. A construção de um píer ou ponte indicaria o uso público da represa, facilitaria o acesso à água e poderia desincentivar o avanço de um uso inseguro do solo.

O passeio com a [Sônia](#) foi deveras importante para entender em um primeiro momento os caminhos e as dinâmicas do Cocaia. Diversos pontos e percursos, posteriormente, no trabalho com os alunos, foram mencionados e identificados efetivamente como lugares de interesse e então puderam ser agregados ao desenho urbano proposto.

São locais que são materialmente parte do cotidiano e do corpo da população daquela região, então sua resignificação e requalificação a partir do fornecido por esses cidadãos pôde ser assim justificável. Sem esse trajeto o

reconhecimento dessa capacidade de despertar fascínio (até mesmo por ser ermo ou precário) dos espaços teria muito provavelmente sido incipiente.

APROXIMAÇÃO

Após conhecer o bairro com a [Sônia](#), me encantei com as possibilidades de conexão e costura urbana que vi no percurso. Me comprometi a comparecer a uma reunião de professores no fim de semana seguinte. Também passei a procurar mais enfaticamente quem se interessaria em apresentar a minha faculdade à comunidade da escola.

A ideia inicial era, antes de se colocar como projetista em qualquer instância, procurar alguma maneira de buscar a desinstitucionalização do corpo nos espaços do colégio como eles já se encontravam. Apresentar vivências diferentes do local para incentivar a busca dos estudantes pela liberdade do seus corpos de maneira sugerida, e não imposta. Ensinar a partir do que já estava dado, não de modelos preconcebidos.

Para tal, pensei, em conjunto com a escola, em realizar uma semana de oficinas, com ajuda dos alunos da FAU USP. Como mencionado, já estava procurando grupos interessados em atuar na José Pegoraro. Seria uma maneira eficiente e rápida de se realizar um panorama da comunidade. Para tanto, qualquer atividade era interessante.

Partilhei a ideia entre meus times e amigos e logo tinha um número considerável de interessados. A grande dificuldade de organizar a semana foi ter o comprometimento de fato dos coletivos da FAU USP e também encontrar horários favoráveis para estes e para os estudantes no Grajaú. Ao longo dos dias seguintes ao passeio, consegui

• SEMANA APROXIMAÇÃO • FAU USP

	9H - 11H	12H - 13:30H	15H - 17H
SEGUNDA-FEIRA 31/07		OFICINA DE RUGBY PARA MENINAS (12H - 13:30H) NÚMERO DE ALUNAS: Aberto IDADE: Fundamental 2	
TERÇA-FEIRA 01/08	OFICINA SILKSCREEN – DESENHO (MANHÃ) (9H - 11H) NÚMERO DE ALUNOS: 15 alunos IDADE: 10 - 12 anos	OFICINA FOTOGRAFIA PINHOLE (12H - 13:30H) NÚMERO DE ALUNOS: 20 alunos IDADE: 8 - 10 anos	OFICINA SILKSCREEN – DESENHO (TARDE) (15H - 17H) NÚMERO DE ALUNOS: 15 alunos IDADE: 10 - 12 anos
QUARTA-FEIRA 02/08		DOCUMENTÁRIO “DA CASA À LUTA” + CONVERSA SOBRE FEMINISMO (12H - 13:30H) NÚMERO DE ALUNOS: Aberto IDADE: Fundamental 2	
SEXTA-FEIRA 04/08	OFICINA SILKSCREEN – ESTAMPA (MANHÃ) (9H - 11H) NÚMERO DE ALUNOS: 15 alunos IDADE: 10 - 12 anos	EXPOSIÇÃO FOTOS PINHOLE (12H - 13:30H) OFICINA CARTOGRAFIA (12H - 13:30H) NÚMERO DE ALUNOS: 20 alunos IDADE: 8-10 anos	OFICINA SILKSCREEN – ESTAMPA (TARDE) (15H - 17H) NÚMERO DE ALUNOS: 15 alunos IDADE: 10 - 12 anos

fechar um calendário, um resumo das atividades e uma lista de materiais.

Fizemos um cartaz (ao lado) e no dia 28/07 passei na escola para comunicar as crianças. Eu e o [Carlos Amorim](#) passamos em todas as salas mostrando o calendário. No mesmo dia, escolares de diferentes idades já se aproximaram de mim para saber mais sobre a semana.

PROFESSORES

O próximo passo foi discutir a pesquisa com os professores.

Evidenciei pessoalmente como a [Sônia](#) e o [Carlos Amorim](#) tinham calma e tranquilidade para gerir uma escola tão populosa no dia 29/07, um sábado. Compareci ao local para assistir uma reunião de professores.

Ficou claro que, mesmo com meu esforço organizacional, todos os professores ali eram profissionais extremamente ocupados e, por isso, souberam do projeto de supetão. Mesmo assim fui bem recebido por todos, que me cumprimentavam pensando que eu era um recém-contratado.

[Sônia](#) ficou surpresa de me ver ali também. Como descrevi, acho que, ao início, a equipe tinha ainda pouca fé na pesquisa. Nesse dia, porém, acredito que a confiança dos docentes em mim tenha aumentado, visto que estava disposto a frequentar a escola nos finais de semana.

Na reunião em si foi discutida uma miríade de pautas. Entre elas situações muito delicadas, de alunos que se afastavam do corpo hegemônico escolar - o aluno homos-

sexual, a aluna que teve que fugir da cidade por causa do crime organizado, entre outros.

Ao escutar sobre assuntos tão sérios, fiquei visivelmente embaraçado quando **Sônia** me passou a palavra. Tentei explicar da maneira mais enxuta o possível as minhas ideias e o calendário de ações, que ainda não tinha sido definido e passaria por grandes modificações.

Evidentemente, tive que resumir o plano em uma síntese que fizesse sentido, mas foi possível cativar os professores. A maior dúvida deles seria se precisariam auxiliar nas atividades e de onde viria a verba necessária para as ações projetuais.

Contei como planejava articular os coletivos da FAU USP e, no mais, não pretendia que a escola fornecesse o capital necessitado para meu trabalho. O aporte financeiro de grupos na faculdade não ocorreu, então o preço das oficinas acabou sendo pago por mim e pelos interessados. A tesouraria da José Pegoraro proveu apenas o plástico usado para construir os infláveis, que permaneceram no colégio.

Posteriormente, ainda foi fornecida uma pequena refeição. Nesse ínterim, aproveitei para conhecer um pouco as procedências dos funcionários. A maior parte não é morador da região. Um grupo de professoras era, inclusive, proveniente da Zona Leste de São Paulo, enfrentando longuíssimas comutas diariamente para chegar ao trabalho. Após esse dia, me tornei um pequeno frequentador da copa da escola, onde sabia que seria bem recebido.

Tendo me apresentado para os docentes e tendo sua autorização, iniciamos, então, as atividades.



Fig.33. Cartazes da Semana de Aproximação e Oficina de Rugby Feminino colados na escola. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.34. Reunião de professores na EMEF Padre José Pegoraro. (Fonte: acervo pessoal).

EMEI ASTRIDES NOGUEIRA

ENTRADA FAVELA COCAIA

DELTA CÓRREGO REIMBERG COCAIA

SARAU DO GRAJAÚ

CONSTRUÇÃO ABANDONADA

IGREJA DOS MÓRMONS

EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO



31/07 **4.4.2. OFICINA DE
RUGBY FEMININO**



TESTE

Iniciar a aproximação com esporte foi uma forma muito proveitosa de chamar a atenção das crianças da José Pegoraro. Felizmente o time de Rugby feminino da FAU foi desde o início o coletivo mais solícito com o qual me comuniquei. Combinamos a oficina para a segunda-feira (31/07), como inauguração da minha presença efetiva na escola. O ato foi incrivelmente proveitoso, dado que foi uma atividade marcante.

Explica-se: encontrei as meninas na Estação Pinheiros da Linha Esmeralda da CPTM. Algumas representavam a FAU USP como time e outras, já formadas, eram da Seleção LAAUSP. Estava receoso sobretudo pela quantidade de equipamentos que estavam levando, mas conseguimos com certa dificuldade tomar um ônibus no Terminal Grajaú e eventualmente chegamos intactos no colégio.

Chegamos cedo e eventualmente, após sermos recebidos com um café, nos alocamos na quadra. Aprendi nesse dia que trata-se de um espaço que está sempre ocupado - geralmente por meninos - na José Pegoraro. Tivemos que pedir auxílio a um professor de educação física que estava ali para vacarmos o lugar.

A [Sônia](#), por sorte, convidara a ex-atleta da seleção brasileira, [Mariana Ramalho \(Mari\)](#), filha da diretora anterior, para comparecer. Pouco antes de iniciarmos, ela adentrou a escola. Muitas das participantes já a conheciam, então foi criado um ambiente de familiaridade. O sentimento geral de vontade de explicar o esporte para as alunas me acalmou substancialmente.

Uma coisa, porém, logo ficou clara - reunir estudantes interessados para qualquer projeto externo era trabalhoso



Fig.35. Mari conversando com as meninas. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.36. Produção de cartazes após a oficina. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.37. Cartaz produzido pelas meninas participantes. Possui os dizeres: “Como eu nunca descobri esse jogo?”. (Fonte: acervo pessoal).

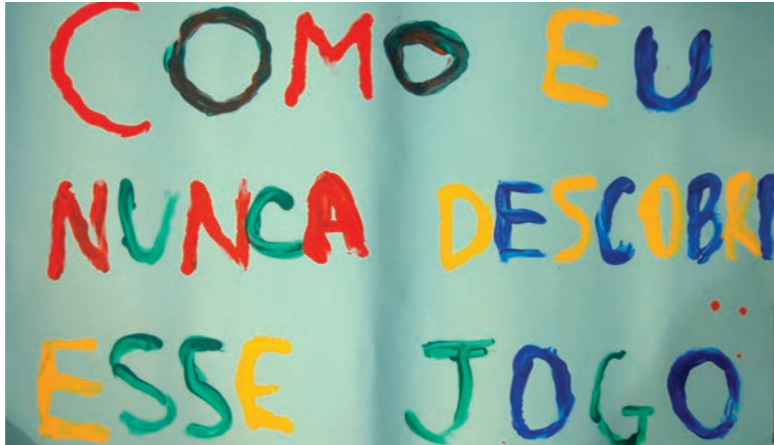


Fig.38. Mais um cartaz, com os dizeres: “Eu adorei”. (Fonte: acervo pessoal).



e dificultoso. Tive que percorrer os corredores em busca de quem quisesse aprender o esporte. Eventualmente, com ajuda do [Carlos Amorim](#), conseguimos reunir mais de 10 alunas, o que se provou uma quantidade ideal.

Me apresentei rapidamente, embora estivessem todos ansiosos para jogar. Logo vi que a equipe do colégio estava assistindo, professores e coordenadores. Percebi que era uma atividade experimental tanto para mim quanto para o corpo docente.

RUGBY

Não penso que caiba descrever cada um dos exercícios desenvolvidos pelo time com as meninas. Basta colocar que tratava-se de um esporte extremamente exótico para todas as alunas, que acabaram se divertindo não só por estarem utilizando a quadra que lhes acabava sendo renegada mas também pelo valor de descoberta.

Até os professores que assistiam se entretiveram tentando desvendar as regras do Rugby, que também mal conheciam.

Fiquei contente com a disposição das alunas - algumas das quais nem sequer estavam vestidas com roupas atléticas. A equipe da Imprensa Jovem também registrou os acontecimentos, criando expectativas para as oficinas que prosseguiriam.

Ao fim, pedimos que as meninas relatassem de maneira resumida o que sentiram em cartazes coloridos. Ao lado, vê-se alguns. Penduramos eles no corredor térreo para serem vistos pelos estudantes.

**01/08 4.4.3. OFICINA
DE SILKSCREEN
(DESENHO) + OFICINA
DE PINHOLE (LATA)**



PERÍODOS

As oficinas de *silkscreen* foram realizadas por duas colegas minhas, a **Giovanna** e a **Beatriz**. Elas não possuíam experiência prévia com esse tipo de atividade, mas se interessaram pelo meu trabalho e se disponibilizaram a participar.

O processo teria duas etapas. Primeiro apresentariamos como funciona uma tela de *silkscreen*, desde a fabricação até a estampagem, e pediríamos para os alunos realizarem um desenho para queimar em um quadro. Seria uma pequena competição, cada um faria um esboço e todos votariam no seu preferido. Posteriormente, na sexta-feira (04/08) voltaríamos para estampar o vencedor na camiseta de todos.

Os horários da **Beatriz** ainda fizeram necessário que fizéssemos a mesma atividade duas vezes. A maior parte das ocupações da semana foram agendadas para o contra-turno, para que os alunos dos períodos da tarde e da manhã pudessem comparecer. Essa escala não era possível para a **Beatriz**, então acordamos que forneceríamos a dinâmica tanto para os estudantes matutinos no turno vespertino e vice-versa.

A diversidade dos rascunhos e do caráter das ações nas diferentes horas provou, contudo, que fora um desmembramento benéfico. Entretanto, a consequência foi o cansaço e a repetição.

MANHÃ

Durante a manhã o atendimento foi exclusivamente para meninas, em prevalência dos 7º anos. O professor **Diego** nos auxiliou para nos acomodarmos na sala de

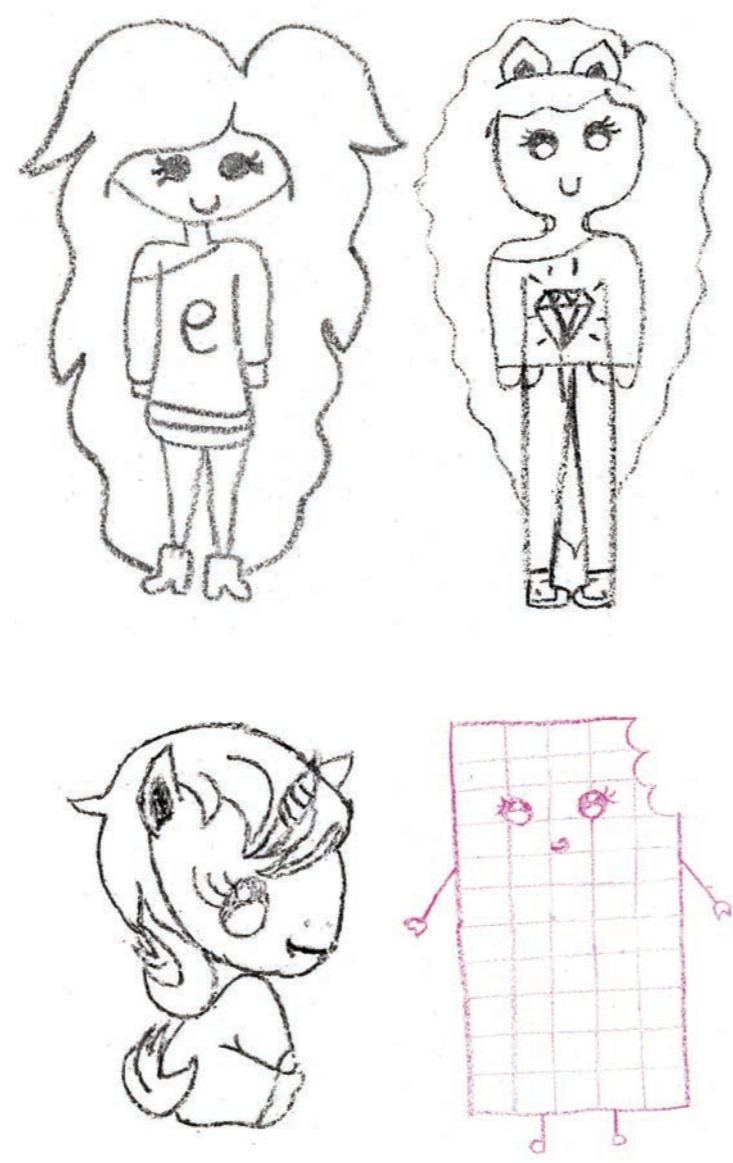


Fig.39. Giovanna mostrando uma tela de *silkscreen* para os alunos da José Pegoraro. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.40. Beatriz pendurando os desenhos que os alunos submeteram para a votação. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.41. Na oficina da manhã surgiram diversos desenhos que remetiam ao delicado e ao paradigma do feminino. (Fonte: desenho anônimo).



artes. Acompanhou também o início das atividades. No geral, a ocasião foi calma e silenciosa.

A nossa sugestão foi que desenhassem um mascote para a escola em seus escorços. Preponderantemente se ativeram ao tema proposto, desenhando símbolos ou personagens carismáticos e de reprodução relativamente fácil.

Comentou-se que o mascote da José Pegoraro deveria ser um pombo, pois na própria janela da sala de artes há um ninho da ave. A figura não apareceu entre os produtos entregados, por infelicidade.

Com a atmosfera de concentração, foi possível inclusive permitir que elas submetessem mais de um desenho para a votação.

O material utilizado foi simples: folha sulfite e giz de cera. Foi fornecido pelos funcionários.

Foi possível até escutar música enquanto desenhavam. O que gostavam de ouvir eram artistas como Katy Perry e Pablo Vittar. Foram referências musicais muito diversas daquelas que surgiriam com os alunos no período da tarde.

Em grossos termos, pode-se considerar que foi um experimento sem grandes surpresas. Foi curioso assistir as aulistas tão compenetradas durante um intervalo tão extenso. Talvez o fato de que as duas responsáveis pela realização da tarefa fossem mulheres jovens tenha contribuído para tranquilizar as garotas. Considero que criamos um círculo no qual se sentiram seguras para demonstrar sua feminilidade, como se vê nas ilustrações que recebemos.

A votação foi largamente unânime. A figura vencedora foi uma rede de sonhos, como retratada adiante.

Infelizmente, não mantive o contato com a artista. Ela não chegou a frequentar mais nenhuma prática ulteriormente.

No próximo período teríamos uma situação diametralmente oposta a que vimos, para nossa surpresa.

TARDE

Ao nos avizinhar do horário marcado para receber a turma vespertina já notamos um problema, na medida em que os corredores se esvaziavam, nenhum interessado se dirigia à sala de artes.

Aguardamos por um tempo substancial e admitimos que não teríamos nenhum participante espontâneo naquela tarde.

Notou-se mais uma problemática da escola: os alunos que a frequentavam durante a manhã preferiam prevalentemente participar de atividades extracurriculares em outras instituições. Assim, as atividades marcadas para as tarde costumavam ser mais esvaziadas.

Pedi auxílio à equipe da casa. O [Carlos Amorim](#) me contou que havia uma sala de alunos mais velhos na qual o professor designado estava ausente. Era um grupo do 8º ano, que estava em classe com o [Diego](#).

Foi nessa ocasião que travei o primeiro contato com muitos estudantes que já estavam interessados em formar um Grêmio na José Pegoraro. Tive sorte de encontrar alunos tão solícitos, mas, no caso, a sala toda se mostrou disposta a realizar a oficina na ausência de participantes. Fui, dessa forma, levado a liberar a inscrição para o exercício. Tal feito posteriormente se revelaria como uma serendipidade, mas naquele momento tivemos uma



Fig.42. Durante a manhã, a figura humana e o gesto de carinho foram temas mais retratados. (Fonte: desenho anônimo).



Fig.43. Os desenhos da manhã costumaram ser mais coloridos e detalhados, posto que foi uma oficina mais calma. (Fonte: desenho anônimo).

Fig.44. Alguns dos alunos me desenharam. (Fonte: desenho anônimo).



experiência consideravelmente menos acolhedora do que aquela que tivemos de manhã,

Juntamos mais de 30 estudantes, de ambos os gêneros. Todos entraram na sala de artes em uma enorme cacofonia. Poucos estavam realmente dispostos a realizar a tarefa dada. Uma quantidade significativa procurava apenas uma escusa naquele dia para abandonar a sala de aula fechada.

A atenção dos alunos para com a explicação da Giovanna foi extremamente limitada. A ideia de desenhar também não era agradável para eles. Resultado disso foi que entregaram um contingente de desenhos grosseiros, mal-acabados.

A proposta de desenhar um mascote foi sumariamente ignorada. Essa recusa permitiu, no entanto, que a diversidade do conteúdo das figuras fosse maior.

Mais de um adolescente tentou me desenhar (ao lado). Vê-se a imagem deles do meu corpo. O foco é nos cabelos bagunçados e na barba espessa. Confirmava a teoria já aparente na caricatura minha que o Ciriaco fizera (mostrada na introdução da pesquisa): denotava como deveria ser peculiar o meu semblante, minha identidade como arquiteto, para a população do Cocaia,

Alguns diziam não saber absolutamente desenhar. Tive que fazer alguns esboços com parte dos estudantes para incentivar que pelo menos tentassem.

Em certo momento, permitimos aos participantes que então escrevessem alguma mensagem, caso fosse impossível ilustrar. Isso abriu mais uma oportunidade para representações curiosas. Uns viram esse canal como

forma de exaltar músicos que gostavam, outros escreveram frases desconexas.

As referências musicais foram trazidas por garotos dessa vez. São diferentes daquelas que foram elogiadas na manhã. Agora temos grupos de *rap*, ligados, por alto, a uma identidade mais masculina. O grupo Racionais foi mencionado. Traz letras que tratam de temas como a violência urbana e o racismo. As cantoras as quais escutamos naquela manhã não tiveram espaço.

Também foi dramática a ausência da figura humana e de meneios de delicadeza e carinho, que foram ostensivos previamente. Ao revés, tivemos fantasmas, monstros, foguetes. Alguns esboçaram corações, mas acredito que foram gestos preguiçosos e desanimados que buscavam simplicidade pela simplicidade.

Com a presença do sexo masculino foi possível notar uma grande dicotomia na performatividade de gênero entre as duas reuniões, conclui-se. Essa diferença iria ser discutida no dia seguinte pela [Luenne](#).

A votação agora não se deu pela unanimidade. Tivemos que lidar com uma gama de opções muito maior e com um número grande de atendidos. Viu-se, prosseguindo, que com a vinda masculina e com uma maior quantidade de alunos, as disputas e as alianças na competição por votos apareceram. De qualquer forma, o desenho vencedor foi revelador.

A vencedora foi a [Duda](#), com o logo de uma âncora. Comparado à rede que vencera na manhã, a divergência era irrefutável. De um lado tinha-se a tranquilidade, sutileza e leveza. De outro, um objeto usado para o recalque,

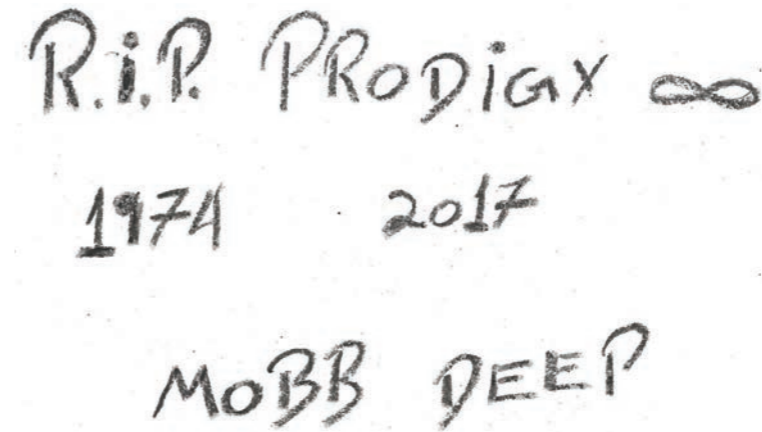
A handwritten epitaph in black ink. At the top, it says 'R.I.P. PRODIGY' followed by an infinity symbol. Below that, the years '1974' and '2017' are written. At the bottom, the group name 'MOBB DEEP' is written in a stylized, blocky font.

Fig.45. Um dos alunos escreveu um epitáfio para o rapper Prodigy do grupo Mobb Deep, que morreria aquela semana. (Fonte: desenho anônimo).

A handwritten logo in green ink. The word 'RACIONAIS' is written in a large, stylized, blocky font. Below the word, there are several horizontal lines and a small anchor-like shape at the bottom, which is part of the logo design.

Fig.46. Outro aluno escreveu o nome do grupo de rap Racionais. (Fonte: desenho anônimo).

Fig.47. Uma das participantes escreveu apenas “Mais amor, por favor!”. Provavelmente era uma pequena brincadeira, mas a mensagem é preocupante. (Fonte: desenho anônimo).

MAIS AMOR,
POR
FAVOR!

SONHAR
VIVER E
TODO DIA
AGRADECER.

Fig.48. Após liberarmos que os alunos escrevessem, frases banais começaram a surgir. (Fonte: desenho anônimo).

Fig.49. Os desenhos dos alunos do período da tarde eram menos elaborados e não apresentavam figuras humanas. (Fonte: acervo pessoal).

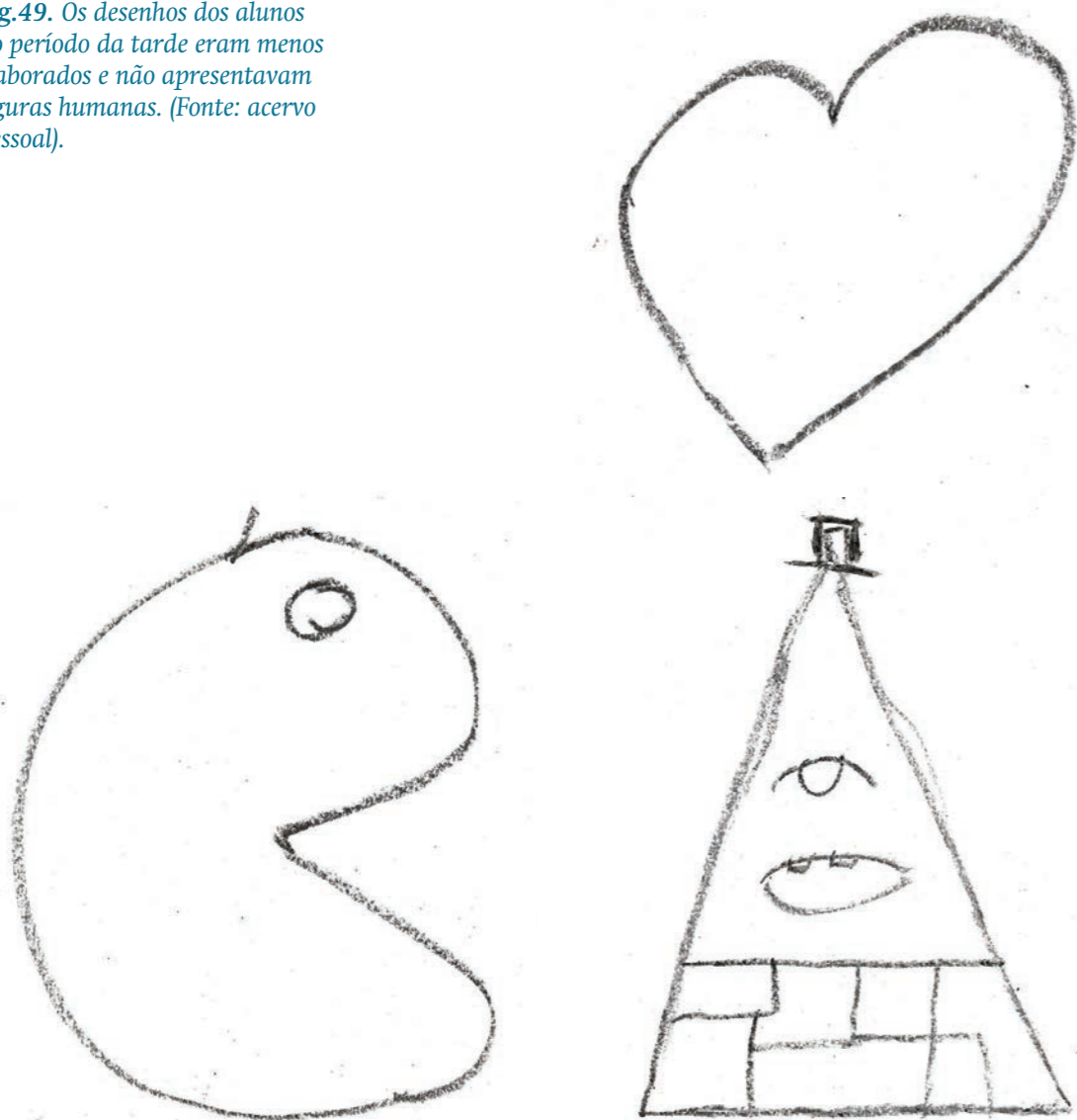


Fig.50. Mais desenhos dos estudantes durante a tarde. Vê-se novamente como eram mais rudimentares e a ausência da figura humana. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.51. Desenho vencedor na oficina da manhã. (Fonte: acervo pessoal).

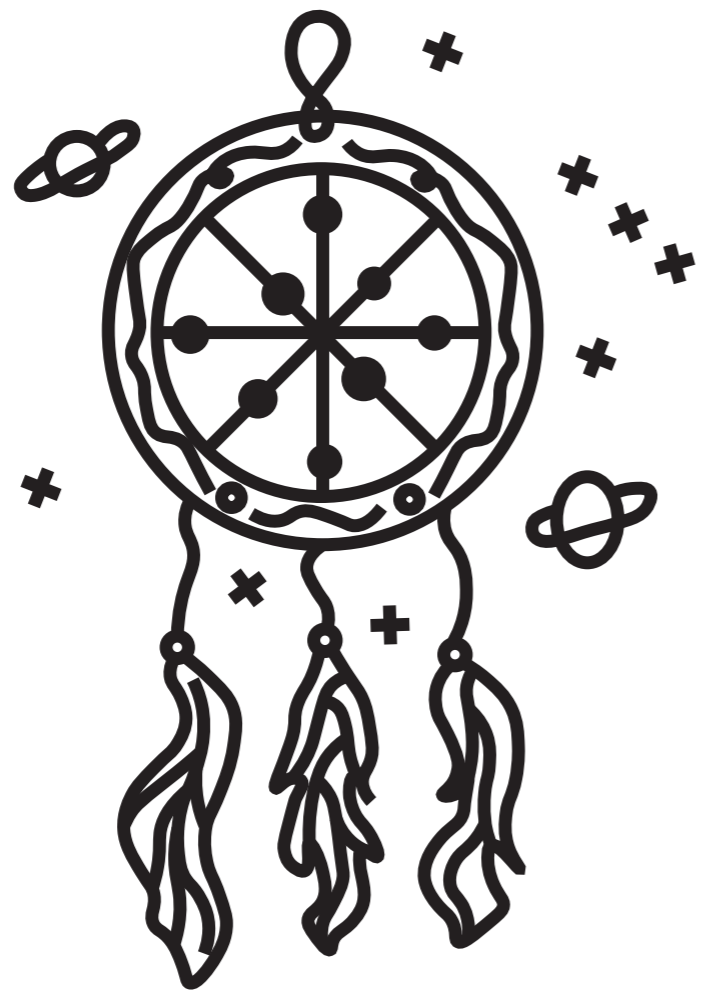


Fig.52. Desenho vencedor na oficina da tarde. (Fonte: acervo pessoal).

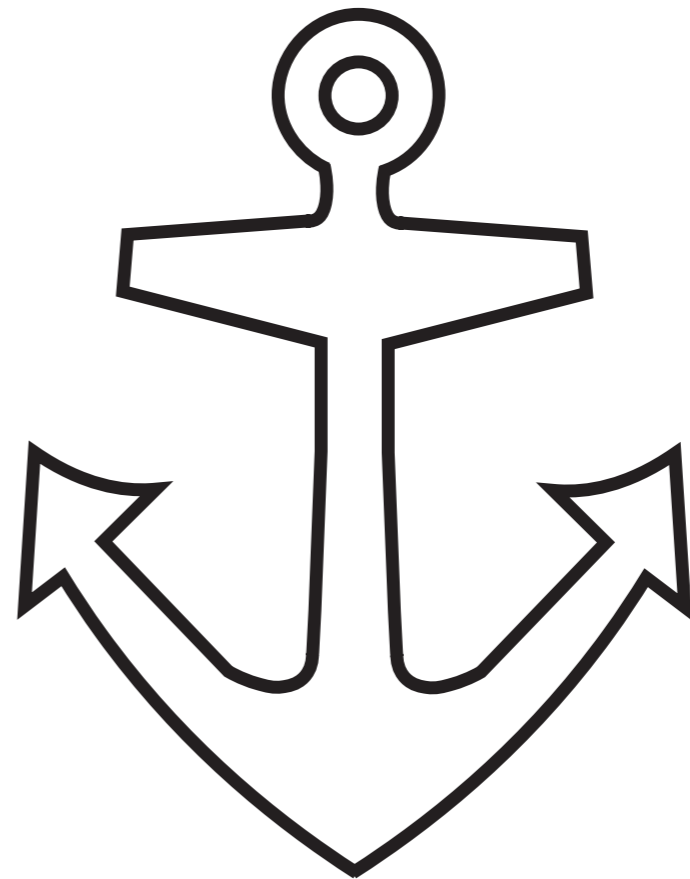


Fig.53. Pirata explica sobre o processo de fabricação e funcionamento da pinhole. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.54. As crianças pintam as latas de leite em pó. (Fonte: acervo pessoal).



pesado, masculino - embora tenha sido uma garota que o confeccionou.

Encerramos as atividades cansados, mas satisfeitos com os resultados. Na quinta-feira eu conseguiria queimar as telas na Galeria do Rock, próxima ao local onde fazia um estágio.

Levamos os estudantes de volta para a sala de onde tínhamos os buscado. Aproveitamos para convidar todos para assistir o documentário da [Luenne](#), que exibiríamos no dia seguinte.

LATA

Nessa mesma terça-feira, no contraturno, um grupo de alunos do FotoFAU também compareceu a José Pegoraro. Queriam ensinar os estudantes a construir um tipo básico de câmara escura, o *pinhole*. Feita a partir de latas de leite em pó, fita isolante e papel fotográfico, que seriam considerados resíduos mundanos em outros contextos.

Também esse coletivo queria realizar suas atividades em duas etapas. No dia em voga, queriam ensinar sobre os princípios físicos funcionando na captura de imagens no objeto e fabricar algumas câmeras com eles. Na sexta-feira (04/08) retornariam para revelar as fotos no próprio espaço da EMEF.

Já tinha vasculhado o colégio procurando por locais onde pudessem revelar as fotos. Mesmo assim, era uma oficina que exigia uma quantidade maior de materiais.

Estava preocupado em fornecer todos os itens que pediram na semana anterior para possibilitar a fabricação dos itens. Mesmo assim, os funcionários tiveram

que fornecer diversos artifícios para que pudéssemos completar as *pinholes*.

Faltaram pincéis e ainda precisamos improvisar um método para furar as tampas das latas com um prego.

Ainda tivemos alguns outros percalços. O grupo se perdeu no caminho para a José Pegoraro, resultando em um pequeno atraso. Isso já causou um certo desinteresse entre quem aguardava.

Enquanto fabricávamos as câmeras, percebemos ainda que os papéis fotográficos tinham sido esquecidos no carro em que vieram. [Dago](#) foi buscá-los, apressado.

Os empecilhos em série levaram os presentes progressivamente a abandonar o oficina. Usavam um truque que depois aprendi que era comum no cotidiano de aulas: diziam em grupos precisar ir ao banheiro e não retornavam mais.

Eventualmente conseguimos preparar nossas próprias *pinholes*. Em um primeiro momento reunimos mais de uma dezena de interessados. Quando prontas as câmeras, só restavam cerca de 5 jovens.

As primeiras fotos tiveram que ser feitas rapidamente. A sala na qual estávamos trabalhando tinha que ser liberada para o turno da tarde

Tanto naquele dia quanto na sexta-feira daquela semana, as crianças todas decidiram fotografar vistas da área externa do colégio.

Como já colocado, a EMEF Padre José Pegoraro se localiza no terreno que contém o cume do bairro. Dado as circunstâncias completamente peculiares da implantação do edifício, os arredores da instituição conformam um

verdadeiro mirante, do qual é possível ver as ocupações da Rua Dr. Nuno Guerner de Almeida até as árvores na várzea da Represa Billings.

A arquibancada da quadra também é um ponto focal para os estudantes. Um local para se sentar e observar a vida do bairro, onde as crianças mais novas aguardam a saída das aulas e as mais velhas brincam e jogam nas quadras, sempre abertas.

Com o Grêmio, posteriormente, o potencial de reunir dos locais que foram fotografados foi um tópico de discussão pertinente.

[Sônia](#) nos levou para comer após nos debandarmos dos participantes. Conversando, contei da situação do [Pirata](#), morador da Zona Norte da cidade. A diretora ficou surpresa com a distância que ele percorrera para vir à escola.

**02/08 4.4.4. EXIBIÇÃO DE
DOCUMENTÁRIO “DA
CASA À LUTA”**



FEMININO

A próxima atividade marcada era o documentário da **Luenne**. Quando sugeri à equipe, na semana anterior que alunas assistissem e discutissem a película, pensava justamente em complementar a oficina do time de Rugby Feminino, com seu foco em ocupar a quadra e criar empoderamento.

O trabalho da **Luenne** consistia em um breve documentário, desenvolvido em seu Trabalho Final de Graduação na FAU USP.

Intitulado *Da casa à luta*, é composto por entrevistas com mulheres oriundas de dois movimentos sociais distintos: o de mobilidade urbana e o de moradia social. Com as falas das manifestantes, traçamos paralelos entre suas ações e vemos a importância das intersecções de gênero dentro do ativismo político.

Considere que os depoimentos principalmente das mulheres ligadas às ocupações de moradia eram relevantes para as estudantes da EMEF. Elas traziam frases de coragem e pró-atividade, que incentivam as meninas a colocar seu corpo no espaço para assim garantir sua voz.

Grande parte dos alunos do colégio são provenientes, afinal, das comunidades ao longo da rua marginal à represa, a Rua Dr. Nuno Guerner de Almeida. Nas primeiras aproximações com a **Sônia** chegamos a caminhar pelo local, como já descrito.

De qualquer forma, estava definitivamente preocupado com a forma com a qual o conteúdo poderia impactar as meninas. Na noite anterior, ao assistir o curta-metragem, manifestei a minha preocupação a **Luenne**: eram falados



Fig.55. As meninas da Padre José Pegoraro assistem o documentário da Luenne. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.56. Após o filme, tivemos uma discussão. Contamos com a presença da Sônia para nos auxiliar (ao fundo). (Fonte: acervo pessoal).

alguns palavrões e comentava-se a triste realidade da constante ameaça do estupro na grande cidade de São Paulo. Ela me tranquilizou. Ao chegar na escola, ainda perguntamos para a [Sônia](#) se essa temática era aceitável. A diretora não mostrou a menor hesitação.

Novamente, reunir as alunas não foi uma tarefa tranquila e tive que pedir auxílio para a equipe. Com algum esforço, conseguimos juntar uma dezena de estudantes para assistir e comentar o vídeo.

A presença da [Sônia](#) na apresentação do filme foi extremamente relevante. Viu-se que principalmente ressonaram nela as cenas em que as representantes dos movimentos de moradia comentavam sobre a importância das ocupações como ferramentas de pressão. Uma das entrevistadas dizia que tratava-se do momento mais importante de sua vida e comparava-o a um parto.

“É... como um parto mesmo!” ¹, [Sônia](#) comentou, rindo.

ALHEIO

Assistimos o filme e iniciamos um debate sobre o conteúdo apresentado. Aqui a presença da [Sônia](#) foi fundamental, visto que a discussão foi mediada quase inteiramente por ela.

As jovens estavam tímidas no início. A [Sônia](#) perguntou se alguma delas vivia na Rua Dr. Nuno Guerner de Almeida - uma única respondeu que sim. Prosseguiu questionando se elas por um acaso sabiam que muitas das casas na rua eram ocupações irregulares. Unanimemente, retrucaram que não conheciam esse dado. Acordaram entre elas

1. Comentário feito por Sônia Vieira em 02/08/17.

que muitas das garotas em vivendas como tal pode ter vergonha da sua condição, por isso o fato era largamente desconhecido.

Para a maioria, as militantes pela moradia lembravam a elas suas respectivas mães. Muitas delas no documentário tinham filhos, de fato. Uma era mostrada inclusive com o filho ao colo.

As estudantes, quando interrogadas, afirmaram ainda que suas mães eram responsáveis, nos seus lares, pela maior parte das atividades domésticas. Todas também afirmaram que era preciso que ajudassem suas mães com esse tipo de demanda. Para completar, comentaram que em suas casas, seus respectivos irmãos costumavam não possuir tamanha responsabilidade, ou não eram cobrados da mesma maneira pelos seus parentes.

Depois de colocar todas essas afirmações, as alunas estavam mais dispostas e abertas.

Foi nesse momento que comecei a notar a quase completa ausência de uma figura paterna. Quando perguntamos a elas se moravam com os pais, a maior parte retorquiu que tinha os pais separados e morava com a mãe.

Elas ainda acrescentaram que na escola, embora as meninas e os meninos costumassem brincar juntos, sobretudo nas quadras, havia uma clara divisão entre “brincadeiras de menino” e “brincadeiras de menina”. O fato de que apenas nas ocasiões de esportes competitivos, tipicamente associada com estereótipos de masculinidade exagerada, que a barreira de gênero era superada indicava um ponto sintomático, ao meu ver.

Nesse dia conheci a [Gabi](#), uma aluna um pouco mais velha que posteriormente auxiliou com os projetos do

Grêmio. Ela comentou, despretensiosamente, que se um menino fosse visto brincando fora das quadras com as garotas, provavelmente teria sua masculinidade questionada. Eis mais uma fala que indica relações desiguais de gênero.

Percebemos, portanto, que as alunas da José Pegoraro só se sentiam confortáveis de confraternizar com os seus colegas do sexo masculino em um ambiente já dominado por eles, como já havia notado com a primeira oficina.

A colocação da Gabi só confirmava a hipótese de uma reprodução entre as crianças e adolescentes de uma desigualdade de gênero que invariavelmente viviam, com menor ou maior consciência, nas próprias casas. A diretoria já havia me antecipado sobre tanto.

O corpo da mulher é um corpo marginalizado e precisa se fazer sempre presente para não ser apagado pelas estruturas de poder, como o trabalho da Luenne coloca muito bem. Na EMEF não se tinha grandes diferenças, infelizmente, embora se trabalhasse para minimizar essas condições.

Essa constatação foi uma ideia persistente, que retornou a mim sobretudo quando discutimos com os alunos do Grêmio sobre os caminhos que percorriam para ir para a escola.

Me dei conta de como essa discussão não falava sobre o meu corpo, mas sim sobre um que era alheio ao meu. Sou um homem branco, afinal. A disponibilidade da Luenne e da Sônia foi, portanto, imprescindível para poder eviden-

ciar assuntos perniciosos que se colocam sobre o corpo da mulher na cidade de São Paulo.

Era contra a destruição e o descaso para com essa alteridade que precisaria projetar, enfim, quando fosse agir no Grajaú.

Os problemas de ser uma estudante no Cocaia, entretanto, e como agir para remediá-los, só seriam precisados depois.

No final, a partir de uma proposta da Sônia, as garotas decidiram tentar escrever algum texto que pudesse descrever a discussão que havia acontecido ali para poder passar a mensagem que o documentário procurava transmitir adiante.

Pressuponho que caibam as palavras de Teresa Caldeira:

"A grande maioria dos protagonistas de todas as formas de intervenções artísticas e culturais originadas nas periferias são jovens do sexo masculino. Embora as mulheres tenham sempre estado presentes nessas produções, não há dúvida de que formam uma pequena minoria operando em universos dominados por homens, nos quais enfrentam muitos obstáculos e preconceitos. Assim, embora as mulheres participem da esfera pública de incontáveis maneiras, elas geralmente não são produtoras de intervenções artísticas e culturais oriundas das periferias". (CALDEIRA, 2014, p.86)

**04/08 4.4.5. OFICINA
DE SILKSCREEN
(ESTAMPAGEM) +
OFICINA DE PINHOLE
(REVELAÇÃO)
+ OFICINA DE
CARTOGRAFIA**



CANSAÇO

Para o último dia de prática da primeira semana de aproximação, programamos atividades para ao longo de todo o dia.

Muito provavelmente não foi a decisão mais sagaz. Ao chegar ao final do calendário proposto, já estava fatigado. Não encontrei tempo para sistematizar o conteúdo produzido. Esse aspecto seria pertinente no restante da minha estadia no Cocaia.

Naquele dia teríamos duas oficinas concomitantes no horário do almoço e a finalização das oficinas de *silkscreen* durante a tarde e a manhã.

SILKSCREEN

Anteriormente, na terça-feira (01/08), pedimos aos alunos que trouxessem camisetas - de preferência uniformes antigos - para que pudéssemos realizar as estampas sem se preocupar em estragar as roupas escolares deles. A *Sônia* me dissera que tinham recebido uniformes novos naquele mês de julho e que não seria muito bom marcá-los.

Depois do clima, poderíamos dizer, caótico da última oficina de desenho, desde o momento em que tomei o trem na Estação Granja Julieta com a *Giovanna*, já estávamos discutindo como faríamos tantas estampas em um íterim tão limitado.

Tinha duas telas em mãos. Acordamos que os estudantes poderiam optar por gravar o símbolo da rede de sonhos ou da âncora independente de quando participaram da atividade na terça-feira (01/08). Cada criança ou adolescente deveria, no entanto, de fato marcar sua própria peça



Fig.57. Be ajuda um aluno a marcar seu antigo uniforme. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.58. Giovanna aguarda enquanto secam as camisetas recém-estampadas. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.59. Giovanna com as alunas e seus uniformes estampados. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.60. Os jovens posam com seus novos uniformes. (Fonte: acervo pessoal).



de roupa. Nós auxiliávamos apenas na colocação da tinta e posicionamento das telas.

Durante a manhã, tivemos uma sala mais esvaziada. Embora para minha surpresa, os alunos não tivessem esquecido de trazer cada um sua própria vestimenta, muitos, dessa vez, optaram por vir durante a tarde, o que deixaria esse período ainda mais dificultoso.

Decidimos que seria então melhor, naquela tarde, que trouxéssemos os alunos aos poucos, para não superlotar o ateliê. A possibilidade de escolha de estampa também permitia a nós que usássemos as duas telas concomitantemente. Conseguimos, por sorte, estampar mais de cinquenta trajes naquele dia.

Foi curioso frequentar nos meses seguintes a escola e ver os alunos com os quais havia trabalhado usando essas indumentárias. Havíamos criado uma pequena identidade para a escola.

CARTOGRAFIA

A Hannah havia sido a primeira colega a se aproximar de mim procurando se envolver com a escola. Também graduanda da FAU USP e também no processo de realizar seu próprio Trabalho Final de Graduação, estava interessada em trabalhar com oficinas com crianças. Já estávamos trocando referências bibliográficas e conselhos antes das aproximações no Cocaia, então convidei ela para se arriscar a trabalhar com os alunos da José Pegoraro.

Ela foi uma peça-chave do processo. Com seu conhecimento prévio sobre processos participativos de planejamento com

crianças que organizaríamos as futuras aproximações com os jovens do Grêmio.

Sua primeira ideia era a de trabalhar a percepção do espaço da cidade sob a ótica das crianças. Para tanto, uma dinâmica que gostaria muito de consolidar era a de mapeamentos de lugares de interesse.

Na ocasião, queria discutir com estudantes de cerca de 7 a 8 anos de idade sobre os locais de lazer e brincadeira. Sendo o jogo um aspecto nevrálgico da minha pesquisa, pressenti que seria muito proveitoso assistir essa experiência, tanto para analisar a prática da cartografia afetiva quanto para se aproximar dos alunos mais novos.

A equipe da escola realizou inscrições para o caso, dado que procurávamos participantes muito jovens. Mesmo assim, não obtivemos muitas respostas.

No dia em voga, havia uma sala de primeiro ano na qual o professor residente não estava presente, por isso conseguimos reunir um grupo de 15 alunas. Optamos por serem apenas meninas para dar continuidade a o que já fora discutido com o time de Rugby e com a [Luenne](#).

A [Alessandra](#), que havia sido incumbida de zelar pela turma me ajudou a levar as crianças para a sala de artes, onde nos apresentamos e começamos as ações.

O intervalo que possuíamos foi o suficiente para realizar três práticas.

Primeiramente, perguntamos a todas quais eram seu tipo de refeição preferida.

Era uma pergunta simples, para conhecer as participantes e para chamar sua atenção. Também foi um meio de ensinar a elas como gostaríamos de organizar as falas



Fig.61. As alunas pintam seus lugares preferidos de brincadeira com auxílio da Hannah. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.62. Crianças mostrando seus desenhos e explicando que lugares estavam retratando para a Hannah. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.63. Grande parte da diversão se dá intramuros. A moradia era um lugar para se brincar, mas o foco da ação é na amarelinha, que ocorre no externo. (Fonte: desenho anônimo).

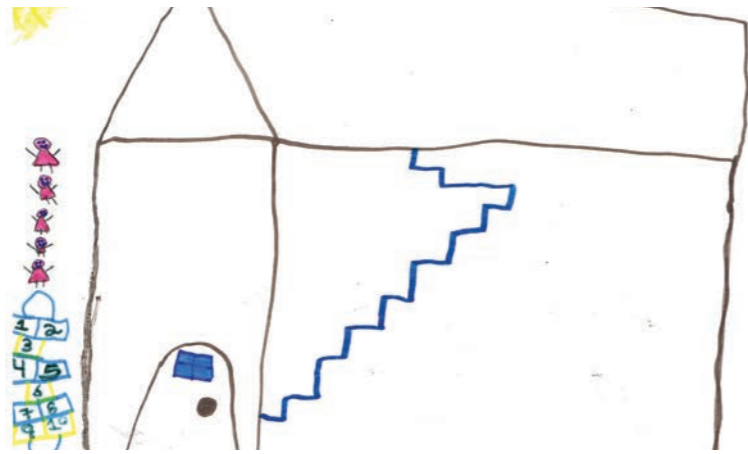
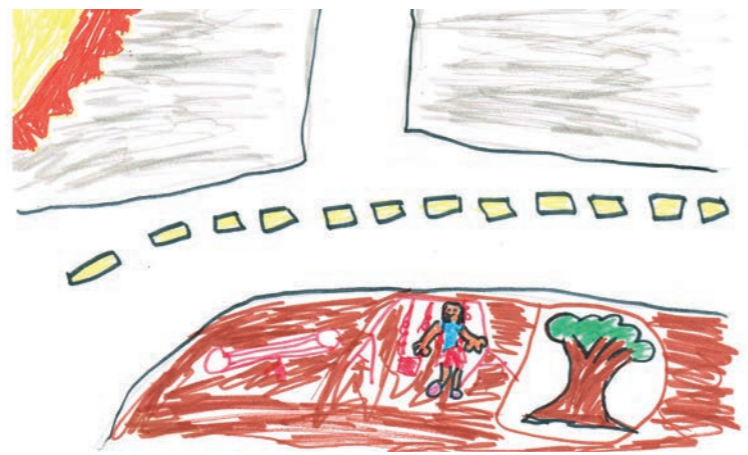


Fig.64. Uma das meninas desenhou uma praça. Quando mostrei a ela minhas fotografias do Parque da Laje, a garota confirmou ser o mesmo local. (Fonte: desenho anônimo).



de cada uma para termos uma discussões tranquilas - para tal, a Hannah simulava um microfone que indicava que a pessoa portadora deveria ser escutada.

Foi um recurso importante para dar prosseguimento na oficina, visto que a idade mais reduzida significava que muito provavelmente os tempos de atenção seriam mais curtos - e, de fato, foram.

Na segunda parte da oficina, dividimos as participantes em grupos e pedimos a elas que desenhassem então seus lugares preferidos para brincar.

A facilidade delas para imaginar esse local e representá-lo foram extremamente contrastantes em relação aos alunos mais velhos. Na terça-feira (01/08), quando trabalhamos com jovens de idades um pouco mais avançadas o que percebemos era uma grande relutância em demonstrar suas capacidades criativas, o que não ocorreu de maneira nenhuma dessa vez.

As figuras produzidas retratavam características importantes do cotidiano do Cocaia. Todas as presentes habitavam o bairro, logo, a maior parte dos pontos mencionados já me era conhecida.

Em terceiro lugar, sentamos em roda e cada garota teve a oportunidade de falar sobre o seu desenho. Essa etapa foi certamente a mais penosa para a Hannah, que estava tentando gravar a fala de cada um delas. Muitas queriam solicitude ininterrupta e não deixavam suas colegas terem vez. Eventualmente, conseguimos ouvir todas.

O objetivo final teria sido pontuar esses locais em um mapa do bairro, porém o tempo não fora o suficiente. A

Hannah conseguiria criar esse tipo de mapeamento posteriormente com as crianças, por sorte.

Chegando à hora do recreio, o professor **Ciriaco** teve de levar as meninas ao pátio, e foi preciso encerrar a atividade.

Entre as ilustrações o que percebi foram alguns elementos inconspícuos em comum. Percebe-se um grande apreço das meninas pelas brincadeiras em áreas externas, o prazer da amplidão, do jogo e da liberdade do corpo. Pareado a isso, também percebia o foco em lugares protegidos, fortificados. Locais iluminados, dos quais é possível observar os arredores e se sentir seguro.

Viu-se, assim, casas de familiares, praças tranquilas, a quadra da escola.

Penso que a gravura de maior impacto tenha sido a de **Fernanda**, que pintou um castelo. Quando **Hannah** perguntou o que era aquilo, a criança insistiu que tratava-se de um castelo. Perguntamos como era possível chegar a este lugar. Respondeu, sem hesitar: “brincando”.

A alegoria do castelo representa de maneira extraordinária o conceito de heterotopia. Não poderíamos de fato erguer um castelo medievo no Parque Cocaia. Mas poderíamos criar um sítio escudado para essas meninas.

Podem parecer constatações até pouco surpreendentes, mas revelam, comprovam ensejos lancinantes entre indivíduos muito jovens, para os quais a cidade pode ser insuportavelmente hostil.

Hannah ainda voltaria diversas vezes para a José Pegoraro com outros objetivos. Uma das oficinas que realizou com a turma da professora **Graziela** da qual participei me foi



Fig.65. A Jennyfer desenhou a quadra da escola. (Fonte: desenho de Jennyfer).



Fig.66. A Fernanda desenhou, ao lado de sua família e sua casa, o castelo para o qual se pode ir “brincando”. (Fonte: desenho de Fernanda).

Fig.67. Alunos tiram fotos da vista da arquibancada com auxílio do FotoFAU. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.68. Mesmo com o dia chuvoso, os estudantes querem fotografar os arredores da escola. (Fonte: acervo pessoal).



interessante e será retomada por ter trazido à tona outras percepções do espaço que me serão úteis.

FOTOGRAFIA

Naquele dia, ao mesmo tempo em que [Hannah](#) realizava a sua oficina, o grupo de colegas do FotoFAU retornou para finalizar sua incursão na escola.

Retornaram para fotografar mais alguns pontos de interesse e para tentar revelar as fotos com os alunos interessados.

Infelizmente, não pude acompanhar o processo de revelação das fotografias, que precisou ser feito cuidadosamente na sala de almoxarifado da secretaria, simulando uma câmera escura.

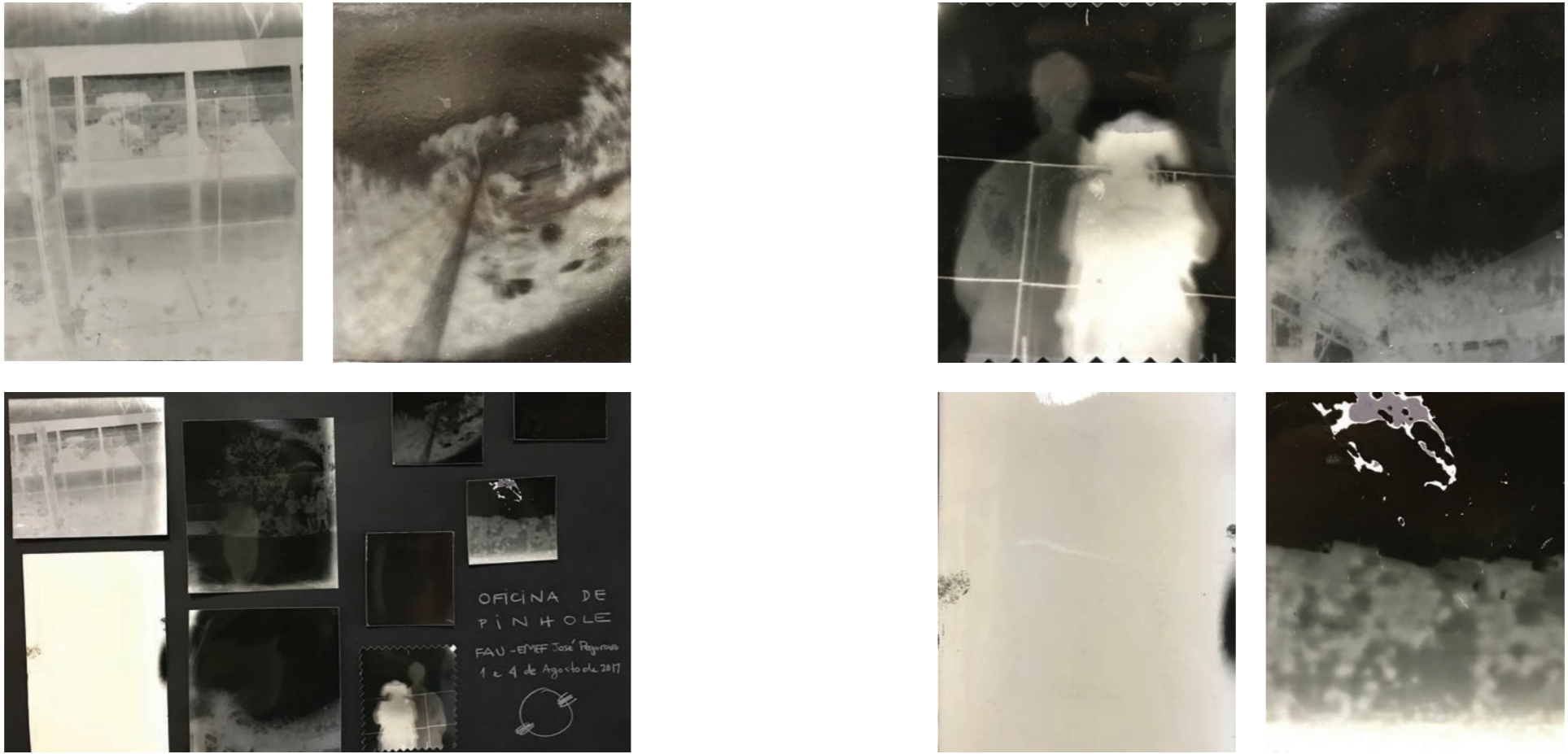
Foi prazeroso observar, de qualquer forma, que mesmo com um clima chuvoso, os participantes que frequentaram as atividades na terça-feira (01/08) estavam presentes novamente e queriam capturar seus lugares preferidos em imagens.

Novamente, assim como se viu na terça-feira (01/08) e com as crianças mais novas na mesma tarde, o interesse era pela amplidão das quadras externas do colégio, pela vista do Grajaú.

Seguem as fotografias realizadas nas duas ocasiões.

A equipe do FotoFAU ainda preparou um cartaz com cada uma das imagens produzidas, que coleí posteriormente nos corredores da EMEF para ser visto pelos alunos.

Fig.69. Aqui vemos o cartaz e as fotografias produzidas pelos estudantes. Mostram as quadras, as árvores nos arredores e o horizonte do Grajaú. (Fonte: fotografias anônimas).



10/08
14/08
18/08
21/08
25/08
29/08

4.4.6. OFICINAS DE ESPAÇO COM O GRÊMIO



REVISÃO

Após os sucessos da Semana de Aproximação, não obtive mais respostas de nenhum coletivo da FAU USP.

Com efeito, depois de me reunir com [Carlos Amorim](#) e [Diego](#), acordamos que seguiria trabalhando com o colégio por minha conta.

O professor [Diego](#) estava desde o início envolvido com a minha pesquisa por se interessar na minha temática de trabalho. Queria articular um Grêmio para o colégio, posto que se tratava de uma organização ainda incipiente naquele ambiente escolar.

Para ele, a minha proposta de ressignificação dos espaços e busca pela heterotopia poderia ajudar a criar essa entidade.

Muitos dos interessados nessa organização já participavam do projeto da Rádio e Imprensa Jovem da Padre José Pegoraro, tendo acompanhado diversas das intervenções durante a Semana de Aproximação. Foi então natural que eu procurasse estes alunos para continuar meu levantamento.

Desejava estudar o que seria o corpo desse grupo através de oficinas e aulas.

Seriam realizadas com o auxílio da [Hannah](#). Com algumas reuniões prévias, decidimos, analogamente ao meu método para se aproximar do Cocaia nas minhas constatações originais, estudar a escola percorrendo camadas de conhecimento e sucessivas escalas.

Assim, falaríamos sobre a epistemologia do conhecer e da consciência do corpo e seu espaço. Depois sobre o terri-

tório do Grajaú, sua paisagem e seu cotidiano. Por último assumiríamos uma postura propositiva e desenvolveríamos um projeto participativo para o lugar. Enquanto isso estaria usando os mesmos dados adquiridos para embasar uma proposição de desenho urbano para o Cocaia.

Seguiríamos também uma escala cada vez mais próxima do corpo propriamente dito dos alunos.

Primeiro trataríamos a questão do espaço em geral. Suas características e definições, sua ausência de neutralidade.

Em segundo lugar, conversaríamos sobre a cidade de São Paulo e seu contexto geral - nesse ponto já procuraríamos explicar as dinâmicas urbanas em sua relação com as águas, temática muito pertinente a uma população que vive tão próxima à represa e que já surgira em visitas anteriores, como no passeio com [Sônia](#).

Debateríamos as condições do bairro, então, e as vivências dos alunos ali até por fim chegarmos a EMEF Padre José Pegoraro, para a qual gostaria de pensar em um projeto urbano.

Além desses focos, pretendíamos ter uma participação cada vez maior dos alunos ao longo do tempo. No início, introduziríamos conceitos de caracterização do espaço de maneira mais catedrática e progressivamente forneceríamos maior lugar de fala para os estudantes até serem eles quem nos apresentassem a sua realidade.

Evidentemente, esses programas, em ofício similar ao de [Angélica Garcia](#), que ali estivera anteriormente, seguiam os preceitos estabelecidos por Paulo Freire. O trabalho de Mayumi Watanabe na escola João Kopke, explicado rapidamente durante a discussão sobre espaço,

foi também objeto de estudo para se pensar na aplicação desses compromissos.

Montei um calendário com a diretoria e no dia 14/08 estaria na José Pegoraro para o primeiro encontro com os alunos do Grêmio.

ESPAÇO

Talvez fosse na ocasião de discutir o espaço em grosso modo que estivesse mais preparado para interagir com os jovens. **Diego** deixara uma sala organizada para o acontecimento durante o contraturno, e os interessados compareceram sem delongas.

Nesse dia, havia 7 presentes além do acompanhamento do **Diego**. Eram eles **Oswaldo**, **Pepe**, **Cleber**, **Gabriel**, **Vitor**, **Alessandra** e **Ana**.

Estava portando uma caixa para que todos pudessem depositar mensagens anônimas e possuísem um canal de comunicação direto e sigiloso para a minha pessoa.

O objeto foi negligenciado inteiramente. Na minha visita seguinte, já havia sido perdido.

Percebi cedo, portanto, que minha presença pessoal e contínua incentivava os alunos a se abrirem e a participarem em cada vez maior contingente.

Pedi para reorganizarem as carteiras em semicírculo. Hesitaram, mas cederam após alguma insistência. Esse detalhe se mostrou importante para finalizar o meu argumento ao final da experiência.

Em todas as conferências aqui descritas, iniciava apresentando o tema que seria discutido, o calendário que



Fig.70. Oswaldo e Guilherme aguardam o início de uma das oficinas. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.71. A caixa de sugestões, que se provou um fracasso. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.72. Entrada da EEPG João Kopke quando Mayumi iniciou seu projeto. (Fonte: BUITONI, 2009, p.51).



Fig.73. Crianças da EEPG João Kopke cobrem as carteiras que os incomodavam de jornal. (Fonte: BUITONI, 2009, p.47).



estava sendo seguido e meus objetivos para o dia em questão e para minha estadia como um todo.

Quando afirmei que viera para debater sobre o que era espaço, logo fui recebido com risadas. Não parecia a eles um objeto de estudo muito digno.

Para inaugurar o assunto, questionei então o que deveras definiria um espaço para eles. Como imaginei, primeiro afirmaram serem aspectos físicos, materiais. Divisórias, paredes, portas e janelas. Conforme sondava-os, entretanto, as especificidades não pareciam tão mais claras - se eram os muros que definiam um lugar, o que fazia das quadras externas um local definido e reconhecível?

Seria o piso diferenciado? Mas então o que separaria uma rua de outra rua? As arquibancadas dali do pátio?

Assim, levantamos um amplo campo de traços que poderiam ser usados para definir a natureza de um sítio. Falamos de regras sociais permitidas ou não em diversos tipos de localizações. Descrevemos inúmeros usos para os quais o espaço poderia ou não se adequar. Diferenciamos os recintos públicos dos privados e suas nuances.

Naturalmente, estávamos criticando a concepção especular na erudição dos alunos, na sua interpretação espacial. Nos colocando em oposição ao entendimento de que apenas o que eles já entendiam como modelos

de espaço seriam o sinônimo, espelho de uma verdade unívoca, universal e incontestável.

Imaginamos lugares consentâneos ou não para as realidades que se propunham a modificar ou exaltar.

Quando interpelei sobre o que seria um ambiente apropriado então para o aprendizado, a educação, rapidamente levantaram que seria uma sala de aula.

Era um ponto que queria levantar - seria mesmo esta uma área cabível?

Vi então que se tratava de um bom momento para comentar a ação de Mayumi como arquiteta do setor público na Escola Estadual de Primeiro Grau (EEPG) João Kopke.

Em sua dissertação de mestrado, Cássia Buitoni explica o processo lá realizado:

"Em 1976, com a transferência da EEPG Caetano de Campos da Praça da República para a Aclimação, os alunos que eram moradores do centro foram transferidos para a escola mais próxima, no caso a EEPG João Kopke, no Bom Retiro, próxima à rodoviária e a Estação Júlio Prestes. Surgiu então a necessidade de ampliar a capacidade da escola para receber novos alunos. A EEPG João Kopke funcionava desde 1930 em um casarão antigo, construído em 1890, que havia sido morada de uma baronesa do café. Na época o estado do edifício era tão precário, devido à falta de manutenção, que era necessário substituí-lo. Previa-se a demolição do casarão e a construção de um novo edifício, sem interrupção das aulas por não haver outro local para funcionar como escola enquanto durassem as obras.

Mayumi, como Superintendente de Planejamento solicita autorização para realizar um estudo piloto envolvendo os alunos, tendo por objetivo 'estabelecer uma metodologia que assegurasse a efetiva participação dos usuários e a definição de suas necessidades. A abordagem buscava amenizar os efeitos do processo de obras e incentivar uma melhor apropriação do equipamento público pelos usuários, minimizando os problemas de manutenção decorrentes de vandalismo e outras formas agressão ao edifício escolar" (BUITONI, 2009 p.46).

Enquanto mostrava as fotografias da situação do colégio na época, Cleberson exclamou: "Parece um filme de terror" ¹.

Coloquei como, para levantar as informações que precisava, para definir a arquiteta não considerava a sala de aula congruente.

Contei como apenas cobrir as carteiras com jornal - muito menos ergonômicas na época do que as encontradas na José Pegoraro hoje - que os alunos se sentiram confortáveis para se abrir para com a equipe da planejadora.

Discorri sobre como Mayumi tinha realizado uma série de experiências de percepção espacial com as crianças do Bom Retiro. Sobre como ela ajudou os jovens a consolidar um lugar para o Grêmio escolar.

Confessei que estava lá para realizar um processo similar com os presentes, e que queria situar que, dado que os

1. Comentário feito por Cleberson Vinícius em 14/08.

espaços possuem características atribuídas, que poderíamos então, através do ato do projeto, ressignificá-los.

Assim que elucidei esses conceitos para os participantes, **Oswaldo** logo entendeu a perspectiva freiriana que tentara fornecer às oficinas da Semana de Aproximação. O que procurava naquele período era perscrutar o que definimos como o corpo da José Pegoraro. Intencionava demonstrar como era possível, através daquelas atividades, mudar a realidade apresentada, na busca pela autonomia.

Ao se recordar de realizar a estampa de sua camiseta no dia 04/08, ele imitou o gesto de correr o rodo sobre a tela de *silkscreen*. A reprodução do movimento mostra uma tomada de consciência sobre o corpo e a faculdade de transformação que existe neste.

Era justamente o que procurava.

CIDADE

Ao contrário da primeira ocasião, que havia sido extremamente tranquila e prazerosa, quando retornei no dia 18/08, num dia frio e chuvoso, não tive uma recepção tão ilustre.

O mesmo problema que já havia percebido no fim da Semana de Aproximação retornou - por ter agendado diversas atividades num intervalo curto de tempo, não houve um grande período para prepará-las completamente.

Além disso, a equipe estava ocupada com problemas burocráticos e não pôde me acompanhar. Esse aconteci-

mento, aliado ao tempo ruim contribuiu para que poucos viessem à oficina naquele dia.

Mesmo assim, conseguimos traçar algumas conclusões pertinentes, descritas a seguir.

Estavam lá **Gabriel**, **Alessandra**, **Pepe** e **Guilherme**. **Oswaldo** chegou um pouco mais tarde, pois estava representando os estudantes em outra reunião.

O objetivo, no caso, era introduzir a perspectiva foucaultiana e freiriana ao pensamento agora sobre o cenário urbano. Apresentar a figura do desenho como instrumento regulador. Inquirir sobre o papel das águas, rios e córregos em São Paulo. Averiguar suas perspectivas sobre a capital.

Começamos constatando a ausência de neutralidade também na cidade.

O que seria a cidade, afinal?

Passamos a definir as características do espaço citadino. Diferenciamos o urbano do rural. Comentamos sobre fluxos - de pessoas, de mercadorias, de informações. Falamos sobre as oportunidades que a urbe fornece aos indivíduos, a oferta de emprego e de moradia.

Considereei de extrema importância que todos afirmaram conhecer São Paulo plenamente. Na verdade, o amplo saber deles era sobre o cotidiano no Grajaú, o restante da cidade era ainda um cenário nebuloso.

Os presentes não conseguiram localizar São Paulo em uma fotografia de satélite do Brasil. Quando projetei o

mapa do Estado de São Paulo, também não foram capazes de indicar ali o município.

Averiguando se frequentavam o centro, o **Pepe** afirmou: "Costumo ir ao Parque do Ibirapuera". Desconhecia que o parque se encontra na Zona Sul de São Paulo.

Quando expus fotos das pontes sobre o Rio Pinheiros, não reconheceram a Ponte Estaiada e a Ponte Laguna.

Revelado o mapa contendo a hidrografia da cidade, também não souberam diferenciar o reservatório Billings do Guarapiranga.

Ficou claro que havia uma desconexão palpável entre a vivência deles no Cocaia e no restante da cidade. Era o indicativo de que ali havia um sentimento de identidade de bairro pungente.

Embora eles categoricamente tenham afirmado que entendiam as dinâmicas da cidade onde vivem, a maior identificação é com as particularidades do Grajaú. São Paulo era como uma personagem de uma narrativa distante, da qual faziam parte mas não inteiramente.

Curiosamente, os participantes não sabiam que o Grajaú se configura como um distrito da Prefeitura Regional de Capela do Socorro. Era uma compreensão técnica que não esperava que detivessem. O que sucedeu, porém, foi de suma relevância.

Indaguei o que seria, então, o Grajaú para eles.

"O Grajaú é uma favela" ². Disse **Pepe** sem escrúpulos.

A resposta definitivamente foi a mim marcante. Comprova o relacionamento de desunião que notara. São

2. Comentário feito por João Pedro Custódio em 18/08.

Paulo seria a cidade, o Grajaú seria a favela de São Paulo. Dentro, mas nas franjas, afastado, uma alteridade.

Há uma dificuldade de reconhecer os potenciais do lugar onde habitam, conquanto seja lá que estabelecem suas raízes, que definem seus corpos.

Essa averiguação só fora reforçada pelas ilustrações que pedi que realizassem do mapa de São Paulo. Sugeri que marcassem em seus mapas os rios Pinheiros, Tietê e o Grajaú.

Nenhum traçava de fato os limites administrativos do núcleo urbano. Nem seus corpos d'água, ou sua topografia.

O que recebi eram representações sentimentais da cidade em que imaginavam que viviam.

Mostravam sempre manchas amorfas, na qual o Grajaú era um ponto, uma centralidade no mundo. Lugar de grande destaque, mas diminuto na grandeza do sistema.

Um aluno chegou até a colocar uma face em sua gravura. Personificou a cidade.

Percebemos uma ambivalência, dois corpos distintos.

O de São Paulo, como uma metanarrativa, distante, errática, desconhecida, embora sempre presente.

O do bairro, que passava pelo processo contrário: perto, embora talvez seria preferível que estivesse alhures para os alunos.

BAIRRO

Talvez o momento de convivência no qual tenha produzido o maior conjunto de material que refletiu em critérios de projeto.

Finalmente, no dia 21/08, [Hannah](#) estava disponível para me acompanhar, o que permitiu que a preparação para a ocasião fosse mais cautelosa.

Nesse dia buscávamos realizar uma conversa muito breve no início do período e depois já nos focar exclusivamente em tarefas de mapeamento de rotas e lugares de interesse para aqueles indivíduos.

Estavam presentes [Osvaldo](#), [Gabriel](#), [Alessandra](#), [Kailany](#), [Gabi](#), [Guilherme](#) e [Ana Clara](#). Havia mais um garoto, [Allan](#), embora posteriormente, não retornaria a encontrá-lo. Sua contribuição, contudo, está aqui representada.

Como no dia 18/08, um de nossos focos era na questão das águas. Mais do que testar alguns conhecimentos, gostaríamos de ter mais impressões deles sobre esse recurso. Como a proximidade da Represa Billings afetava a visão que possuíam do papel da água?

À vista disso, indagamos os alunos se conheciam algum parente mais velho que havia nadado no Rio Pinheiros antes da sua poluição. Por unanimidade, afirmaram não ser possível. A reação foi ainda mais enfática quando perguntamos então sobre as represas, se as utilizavam.

Um deles chegou a comentar que praticara futebol de várzea durante alguns meses na beira do reservatório.



Fig.74. O mapa de São Paulo desenhado pelo Gabriel não se aproxima da topografia real da cidade, mas coloca o Grajaú no centro do mundo. (Fonte: desenho de Gabriel Santos).



Fig.75. Guilherme atribuiu um corpo não apenas figurativo à cidade. Desenhou um rosto. (Fonte: desenho de Guilherme Rocha).

Quando averiguamos, porém, percebemos que na verdade estava se referindo à Represa Guarapiranga.

A Rua Dr. Nuno Guerner de Almeida e as imediações da Billings eram escondidas, evitadas a qualquer custo. "Graças a Deus eu não moro por lá!" ¹, exclamou **Oswaldo**.

INTERMISSÃO

A fala de **Oswaldo** naquele dia fora muito significativa para pontuar enfim aspectos muito mais palpáveis para se modificar com projeto.

Falava de uma cisão entre a população dali e o bem público representado pelo reservatório, quase como se as grandes infraestruturas que abastecem a cidade estivessem ali mais como um incômodo, um entrave, um erro.

Já percebera essa separação quando passeara com **Sônia**. Ela retornara quando discutimos o caráter de São Paulo. Agora ganhava cada vez mais corporeidade.

Os poucos espaços de encontro eram conquistas duras, minguados (o Sarau do Grajaú, o Parque da Sede) ou ainda alvos de vandalismo (as quadras da José Pegoraro). No mais, o Estado era reticente, omissivo, permissivo. Quando pouco agia, aparecia de maneira autoritária e destrutiva - como fora o caso das moradias removidas na Favela Cocaia que analisei com **Sônia**.

1. Comentário feito por Oswaldo Alves em 21/08.

Essa relação insalubre com os órgãos administrativos da cidade gerava uma ausência de fruição pública, um clima de desconfiança e permitia ao corpo hegemônico prevalecer.

O desenlace desse proceder era uma cidade hostil para quem não se garantia nesse padrão supremacista. Já observara essa proeminência entre as garotas que eram expulsas das quadras, entre as crianças que sentiam falta da amplidão e a procuravam em ilustrações e fotografias.

Mesmo assim, dentre todas essas dificuldades, as escassas localidades de vida em grupo eram altamente frequentadas, e representavam potenciais de qualificação do bairro como um todo.

Simbolicamente, considero que o grande problema do usufruto ainda parco dos lugares coletivos tenha irrompido de forma indisputável no dia 06/10.

Hannah, que viria a trabalhar com as crianças mais novas do colégio, pedira a turma da professora **Grazi** para desenhar o caminho de cada um da sua casa até a EMEF Padre José Pegoraro.

Retrataram casas trancadas, grafites, veículos motorizados. Eram sinais que apontavam para um dia a dia pautado pelo automóvel e pelo transporte em massa através de ônibus. Uma exiguidade de locais de transição, uma vizinhança pouco agradável para se caminhar.

Mesmo assim, apesar das imagens de ruas sem calçadas, viam-se vias coloridas, demonstrando calor e vitalidade. Indicam como na falta de investimento em equipamentos

Fig.76. Este desenho mostra a rua como um lugar colorido e cheio de vida. As calçadas não são representadas, apenas o leito carroçável. (Fonte: desenho anônimo).

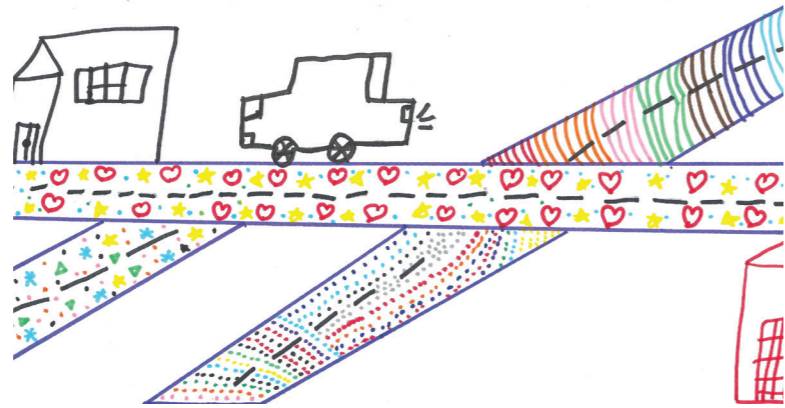
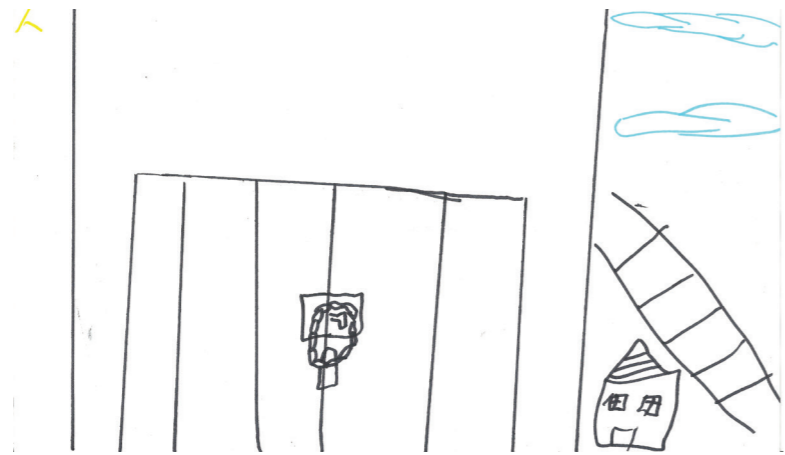


Fig.77. Aqui se vê uma casa com um portão claramente fechado por um grande cadeado. O que fica aparente é a ausência de fruição pública. (Fonte: desenho anônimo).



sociais, como todo e qualquer espaço pode se tornar um lugar da energia e da união.

O fato das crianças conferirem um uso civil a um espaço que não era de fato projetado para tal, resgatava a ideia da cidade subversiva de James Holston.

Essas qualidades justificavam o estudo mais aprofundado dos caminhos feitos pelos alunos e não foram percebidas somente pelos mais jovens.

CAMINHOS

Interpretando o caminho como uma narrativa, uma jornada, no resgate do preconizado por Careri, estendemos primeiro um mapa do Brasil.

Intentávamos extrair dos alunos o que seria o percurso primordial, as genealogias de suas famílias.

Marcamos com barbantes as cidades de origem dos progenitores dos presentes (nesse momento, lembrei que a figura do pai não é comum - muitos não tinham informações sobre as famílias dos seus pais).

O resultado foi enriquecedor dessa vez por comprovar algo sobre o que já havia sido informado.

Na obra de [Angélica Garcia](#) e como já mencionado nos primeiros itens desse trabalho, dizia-se que o Grajaú era

composto sobretudo por descendentes de nordestinos e mineiros (do norte de Minas Gerais).

Todos os ancestrais, de fato, eram oriundos desses estados. No mais, eram de cidades pequenas no interior de São Paulo.

Como próximo passo, pedimos a eles então que traçassem em um mapa simples os seus trajetos de suas casas até a EMEF Padre José Pegoraro, sinalizando seus locais prediletos.

Os produtos foram representados nas páginas a seguir.

Algumas particularidades foram cativantes:

1. Os alunos elencaram a maior parte de seus pontos de interesse na Avenida Dona Belmira Marin e na Rua Santo Antônio de Ossela. Nitidamente, são as duas vias mais atraentes do bairro. Todos os serviços indicados se encontram no perímetro entre esses dois eixos e a praça do Parque da Sede.
2. As vielas são evitadas. Alessandra, por exemplo, poderia tomar um atalho por uma escadaria que liga a antiga Pegoraro a Rua Santo Antônio de Ossela. Porém, confessou que não se sente segura ali. Guilherme também poderia fazer um itinerário mais curto, contudo, prefere andar pela via mais movimentada.
3. Osvaldo também evita atravessar o terreno residual nos arredores da escola, como é possível ver pelo seu percurso. Todos consideravam a passagem extremamente perigosa.



Fig.78. Mapa marcando as origens das famílias dos presentes. Vieram, no geral, da Região Nordeste e de Minas Gerais. (Fonte: elaborado pelo autor).

CASA DA ALESSSANDRA

LAN HOUSE

EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO



CASA DO ALLAN

BAR

"PEGORARINHO"

PET SHOP

EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO



CASA DO GUILHERME

EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO

SORVETERIA

AÇOUGUE

PADARIA



EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO

PONTO DE ÔNIBUS



- Corpo d'água
- Edifício notável
- Área construída
- Favelas
- Percurso

MAPA PERCURSO DA KAILANY E GABI

0 80 160

DOCERIA

CASA DO OSVALDO

BOB'S

SALÃO DE FESTA

EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO



4. As duas garotas que usam o ônibus para chegar ao colégio não conseguiram eleger muitos locais de destaque. De qualquer forma, a Av. Dona Belmira Marin continua sendo para elas a única forma de se chegar ao bairro.

5. Allan era o indivíduo que morava mais próximo a Rua Dr. Nuno Guerner de Almeida. No seu mapa, embora evidente que percorra um dos cursos mais longos e tortuosos, os marcos são esparsos e incomuns. A maior atenção é dada para os locais de encontro: o bar e as escolas. É como definimos anteriormente - as conquistas desse tipo de lugar costumam se sobressair.

Catalogados os levantamentos, pedimos a eles para que, se fosse possível, filmassem ou fotografassem seus roteiros. Duas estudantes me enviaram esse material: [Ana Clara](#) e [Kailany](#).

Kailany é uma das alunas que não habita o Cocaia. Mora, na verdade, no Jardim Shangri-lá, uma vizinhança lindeira. Todavia, seu depoimento foi antológico.

Fotografou o parque próximo a sua casa, e a via despa-
vimentada onde reside. Afirma gostar do cotidiano da região na qual é domiciliada.

O fato de valorizar o contato com o verde e com a natureza reitera o potencial da condição do Grajaú de reserva ambiental. Por enquanto, essa conjuntura se dispõe em oposição à elevada densidade populacional do distrito, gerando uma intensa ocupação irregular e irrestrita nos mananciais. Talvez agir diretamente sobre essa contra-



Fig.79. O trajeto de Kailany mostra uma completa ausência de calçadas e forte presença do verde. (Fonte: Vídeo de Kailany dos Santos).



Fig.80. Parque Shangri-lá, próximo à residência de Kailany. (Fonte: Vídeo de Kailany dos Santos).

Fig.81. Passagem para pedestres que os alunos costumam evitar. (Fonte: vídeo de Ana Clara).



Fig.82. A Rua Santo Antônio de Ossela é a mais movimentada do bairro. Mesmo com as largas calçadas, os pedestres preferem caminhar pelo leito carroçável. (Fonte: vídeo de Ana Clara).



dição poderia ser um meio proveitoso de se qualificar a urbanidade do Grajaú.

Ana Clara, por sua vez, é moradora do Cocaia.

No vídeo que me enviou, mostra a viela que Alessandra, sua amiga próxima, admitiu evitar. Afirma que não há grande movimento ali nem nenhuma casa que se volte para a passagem. Também há um problema de acúmulo de lixo, que tem como corolário, ainda, uma drenagem dificultosa. Existem relatos de uma festa de pagode que era costumeira nesse beco, porém, aparentemente, fora proibida. Há uma necessidade muito real por fachadas mais ativas, melhor iluminação, maior número de lixeiras e esgotamento mais adequado.

Em contrapartida, a Rua Santo Antônio de Ossela era exibida logo depois, mostrando intensa potência de vida. As calçadas dessa via, *sui generis* para o Cocaia, são melhor pavimentadas e amplas. Apesar disso, os transeuntes habituaram-se a se deslocar pelo meio da rua. Pois então, a implantação de uma via de uso compartilhado seria ali uma forma de incentivar ainda mais a apropriação do pedestre.

As análises aqui feitas serão retomadas para o projeto.

ESCOLA

A partir do dia 25/08, pretendíamos abandonar de todo a parte catedrática das oficinas.

Eu e Hannah, então, projetamos uma pequena maquete do terreno da escola. Tínhamos a idealização que monta-

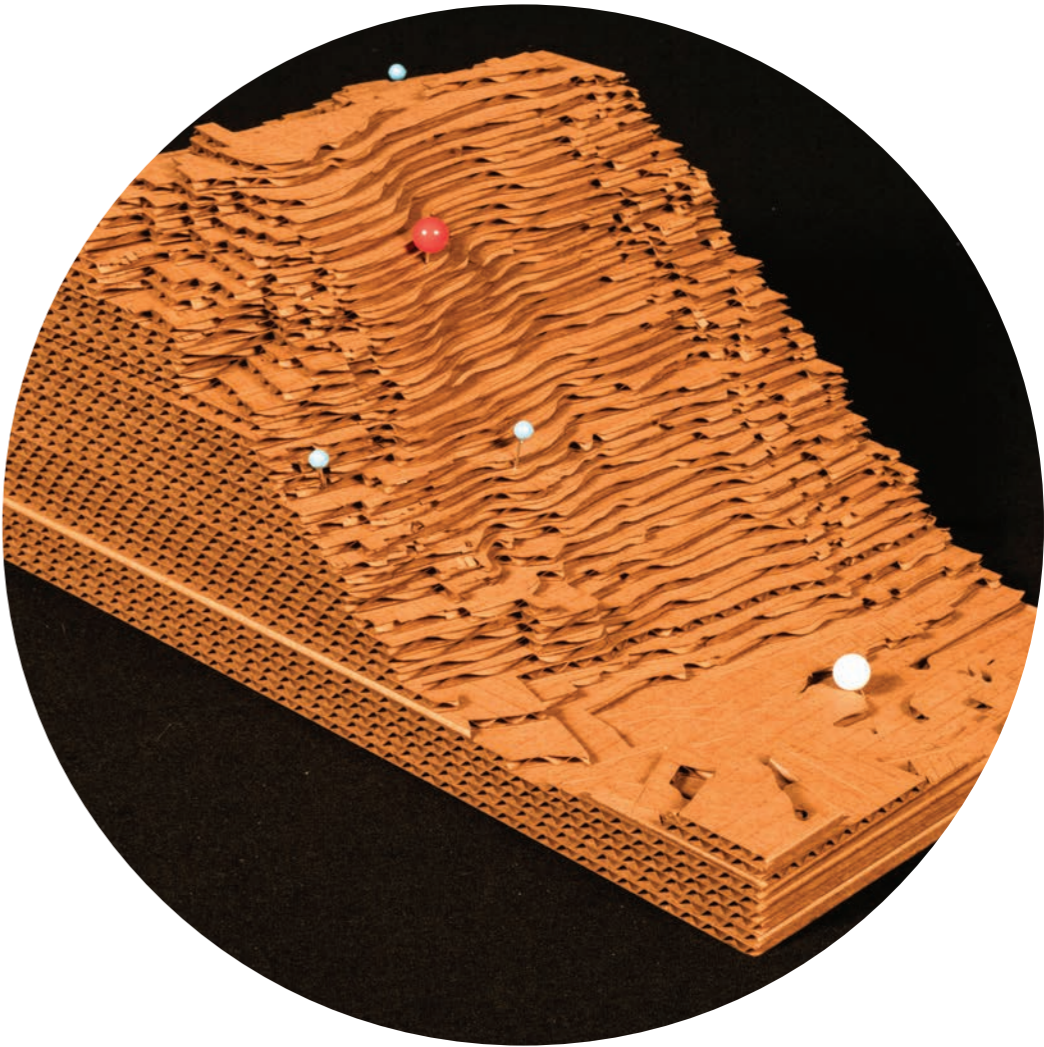
TORRE DE CELULAR

EMEF PADRE JOSÉ PEGORARO

CASA DO OSVALDO

ÁREA DE PASTO

REPRESA BILLINGS



MODELO DO TERRENO DA ESCOLA
FEITO NA ESCALA 1-2000

ríamos a maquete juntamente aos presentes, enquanto conversávamos sobre o suas vivências estudantis.

Dessa vez, contávamos com a presença de [Ana Clara](#), [Alessandra](#), [Gabriel](#), [Osvaldo](#), [Kailany](#) e [Gabi](#).

[Carlos Amorim](#) nos acompanhou por certo período também. Se interessara pelo método que tínhamos usado para cortar e marcar as peças do modelo. Usamos uma máquina de corte a partir de *laser*.

Como de costume, estavam relutantes perante o desafio de usar suas faculdades criativas. Com o tempo, no entanto, começaram a falar mais e se divertir com a brincadeira de montar o lugar onde passam a maior parte de seu tempo.

Nossa intenção quando propomos a construção de uma miniatura era bifacetada.

Desejávamos que os estudantes percebessem a enorme declividade do terreno que ocupavam. Que notassem o papel nevrálgico da escola como articuladora da drenagem do bairro. Que vissem como a EMEF Padre José Pegoraro está implantada como um mirante e que fornece o caráter de "castelo" que as crianças durante a primeira oficina de cartografia afetiva da [Hannah](#) já tinham reparado.

Quando terminada a montagem do exemplar, requisitamos que indicassem lugares que considerassem importantes com alfinetes.

Encontraram com facilidade o colégio, o pasto, a represa. Localizaram a casa mais próxima entre os adoles-

centes presentes. Lembraram até da torre de telefonia, que consideram a edificação com maior altura do Cocaia.

Como se pode ver na fotografia da maquete, a escola está no descampado entre todos os pontos articuladores.

Retornando aos nossos objetivos, queríamos, além disso, criar um ambiente de descontração e proatividade para facilitar o exercício que iríamos sugerir.

Para nossa próxima dinâmica, nos dirigimos à sala de artes, para termos maior grau de silêncio e privacidade. Solicitamos a eles que descrevessem, então, sem amarras, o que consideravam ser elementos fundamentais de uma instituição pedagógica.

Seguimos incentivando-os a escrever então sobre o que eram seus aspectos favoritos e os que menos lhe apete- ciam no dia a dia da EMEF Padre José Pegoraro.

Por último teriam que contar sobre aspectos no colégio que gostariam de modificar.

As respostas me asseguraram que talvez meus ideais de projeto que alimentei desde o início não fossem tão inadequados como imaginava. Para eles, uma escola já não era mais formada apenas pelas salas de aula, como pensavam na primeira conversa. Seus escritos mostravam como já estavam mais alinhados a uma perspectiva freiriana de educação, que o ensino está na construção da liberdade, e para tanto, os espaços podem ser mudados e desenhados e terem múltiplos significados.

Também atentaram em grande parte para os personagens que habitam os espaços das instituições de ensino. Deram importância para o espaço da vida e do corpo que

Fig.83. Os jovens escrevem o que compõe uma escola. Já não se trata apenas das salas de aula. (Fonte: desenho anônimo).

um local de aprendizagem, onde aprendemos, temos aulas para ter um bom conhecimento.

- Professores
- Funcionários Públicos
- Diretores (assistentes)
- Alunos

UM LUGAR IMPORTANTE PARA O NOSSO FUTURO, PARA NOSSA APRENDIZAGEM. CONHECER NOSSOS TALENTOS. A ESCOLA PRECISA DE ALUNOS, PROF, FUNCIONÁRIOS, PARA EVOLUIR, PARA CRESCER UMA ESCOLA IMPORTANTE PARA A SOCIEDADE

* Alunos, Professores, matérias, Sala de Aula, Quadro, diretoria, banheiro e Cozinha.

* PROFESSOR

* ALUNOS

* DIRETOR

*

Fig.84. Quando perguntados sobre o que gostavam mais na EMEF Padre José Pegoraro, a resposta foi unânime: projetos externos. (Fonte: desenho anônimo).

PROJETOS

*PROJETOS

PROJETOS QUE TEM NA ESCOLA.

PROJETOS.

Fig.85. Os estudantes escrevem aspectos que gostariam de melhorar na EMEF Padre José Pegoraro. Um deles comentou que gostaria de ter uma piscina. (Fonte: desenho anônimo).



-SEGURANÇA NA ESCOLA, EQUIPAMENTOS DE JOGOS

* O que eu queria que tivesse na escola PISCINA.

acontecia na José Pegoraro, sem se ater apenas ao que é estritamente material.

Foi especialmente o instante no qual comentaram o que transformariam ali que me tocou profundamente. Fiquei feliz de ver que a piscina era uma necessidade que apareceu espontaneamente, mostrando que o cerne do programa que viria a produzir não seria alienante para a população do Grajaú.

PROPOSTA

No dia 29/08, após nossas longas discussões que geraram uma quantidade exorbitante de material, finalmente compareceríamos a EMEF Padre José Pegoraro com o único intuito de traçar esboços de projetos de incentivo ao Grêmio em formação.

Com a mediação da [Hannah](#), sentamos junto com [Kailany](#), [Osvaldo](#), [Alessandra](#), [Madu](#), [Gabriel](#), [Guilherme](#) e [Ana Clara](#).

Imaginamos uma lista de ambientes no colégio que tinham o potencial de se tornarem locais de encontro dos alunos. Falamos sobre uma dezena de possibilidades. Decidimos estudar duas delas com mais afinco.

Uma das primeiras salas a ser citada fora a que antigamente pertencera a Rádio Pegoraro. Como se tratava de um local que já fora de apropriação estudantil, era natural que procurassem retomar essa vivência. Muito dos participantes dessas oficinas contribuem para a Imprensa Jovem da escola. Assim, tinham curiosidade imensa em



Fig.86. Com auxílio das constatações dos alunos, levantamos mudanças possíveis na escola. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.87. Caminhando com os alunos, pude escutar como gostariam que a escola fosse apropriada pelos estudantes. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.88. A sala da Rádio Pegoraro se encontrava em condições precárias de ocupação. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.89. Os estudantes me ajudaram a medir as dimensões do colégio. (Fonte: acervo pessoal).



imaginar como funcionavam os equipamentos de som e transmissão naquele recinto.

A repartição havia, porém, sido convertida em um depósito há anos. Se encontrava abarrotada de entulho.

Propusemos limpar o aposento em um esquema de mutirão, para que os alunos pudessem se reunir lá.

Conversando com [Diego](#) em outras ocasiões, soube que já há tempos procurava encabeçar essa arrumação, mas nunca conseguira organizar os alunos nesse esforço.

Outro âmbito que acharam importante que analisasse foram os fundos do prédio.

A implantação da escola é indisputavelmente árida, com alguns poucos canteiros de árvores. Assim, há poucas zonas de sombra. Nos recuos do edifício, entretanto, existem bancos de concreto e obscurecimento de ocasionais copas arbóreas.

Cria-se ali um pequeno refúgio, com penumbra agradável e mantendo a vista privilegiada que o terreno da EMEF possui do seu entorno.

Observando os locais sinalizados pelos estudantes, ficou claro que a carência era de uma arquitetura voltada para o encontro.

Tanto a sala da Rádio Pegoraro quanto a pequena ágora as quais gostariam que qualificasse tinham potenciais específicos - queriam criar nesses ambientes um sítio para realizar discussões, para debater em grupo.

Essa capacidade de condensamento social do espaço, de heterotopia, já havia sido denunciada anteriormente

nas gravuras das crianças com **Hannah** e pelas fotografias realizadas nos dias 01/8 e 04/08.

Não à toa, na área externa assinalada, eu e **Hannah** encontramos diversos jogos de amarelinha marcados no chão com giz. É mais um sinal que indica que há uma vontade pela comunidade da escola de ocupar esse lugar de maneira descompromissada e prazerosa.

Com auxílio dos estudantes, consegui traçar uma planta de cada um dos espaços retratados.

Nos sentamos e elencamos os pontos importantes que havíamos discutido.

Contei como, para mim, era claro que a verdadeira pouquidade não era necessariamente de um Grêmio ou de uma piscina propriamente dita, mas do encontro e da expressão do coletivo. Os alunos concordaram categoricamente com minha afirmação.

Tinham grande ânimo para projetos externos, como assinalado no que escreveram. Queriam comunicar a população da José Pegoraro e do bairro sobre as suas participações em atividades extracurriculares e aspiravam transmitir seu afeto pelo lugar onde estudam em um pedido para que o conservassem e fiscalizassem.

Nos comprometemos a concretizar duas ideias: realizaríamos a moção para liberar a sala da Rádio e torná-la um local de reuniões estudantis e montaríamos um painel de comunicação para que os estudantes pudessem expressar suas ideias e informar os transeuntes de sua narrativa.



Fig.90. Os jogos de amarelinha denotam que trata-se de um lugar bom para se brincar. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.91. Os poucos bancos que existem nos fundos do colégio conformam um dos locais favoritos dos estudantes. (Fonte: acervo pessoal).

23/09

4.4.7. OFICINA DE INFLÁVEL “TRANSFORMER”



INFLÁVEL

Desde a Semana de Aproximação já havia sido contado pelo Coletivo Infláveis. Especializadas na concepção de arquiteturas itinerantes, era um grupo de mulheres interessadas em erguer no Grajaú uma estrutura de lona.

Devido ao caráter taxante da primeira semana na EMEF Padre José Pegoraro e ao fato de que tal objeto requeria um grau maior de discussão e planejamento com as responsáveis, resolvemos implementar a instalação em um outro momento do semestre.

Me reuni depois com elas no dia 18/08, no SESC Pinheiros, assistindo os atletas na piscina do equipamento.

Decidimos, a partir da temática do corpo a ser explorada, conceber um grande brinquedo modular que pudesse ser modificado pelos alunos.

Ansiávamos realizar a atividade em um fim de semana, para podermos utilizar a quadra externa como local de implantação. Acordamos que montaríamos a armação no dia 23/09.

Utilizamos plástico azul e transparente como meio de remeter à água e à piscina. Queríamos referenciar o ideal de libertação do corpo, trazer um tanque d'água figurativo ao Parque Cocaia.

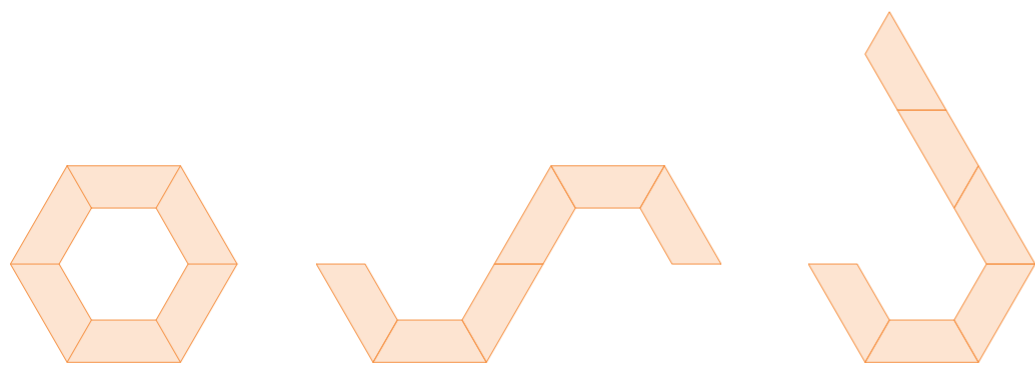
Construímos o arcaboço em dois dias. Primeiro fundimos os plásticos em 6 módulos de 10 metros de comprimento. Posteriormente, testamos o enchimento no Piso do Museu da FAU USP, quando já ligamos os módulos com o uso de fita adesiva. Nesse dia, os estudantes da faculdade puderam adentrar o inflável e auxiliaram na



Fig.92. Montagem dos módulos da estrutura inflável. Os pedaços de plástico são fundidos através do uso de ferros de passar. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.93. Estrutura sendo testada na FAU USP. Diversos estudantes se interessaram e auxiliaram em sua concepção. (Fonte: acervo pessoal).

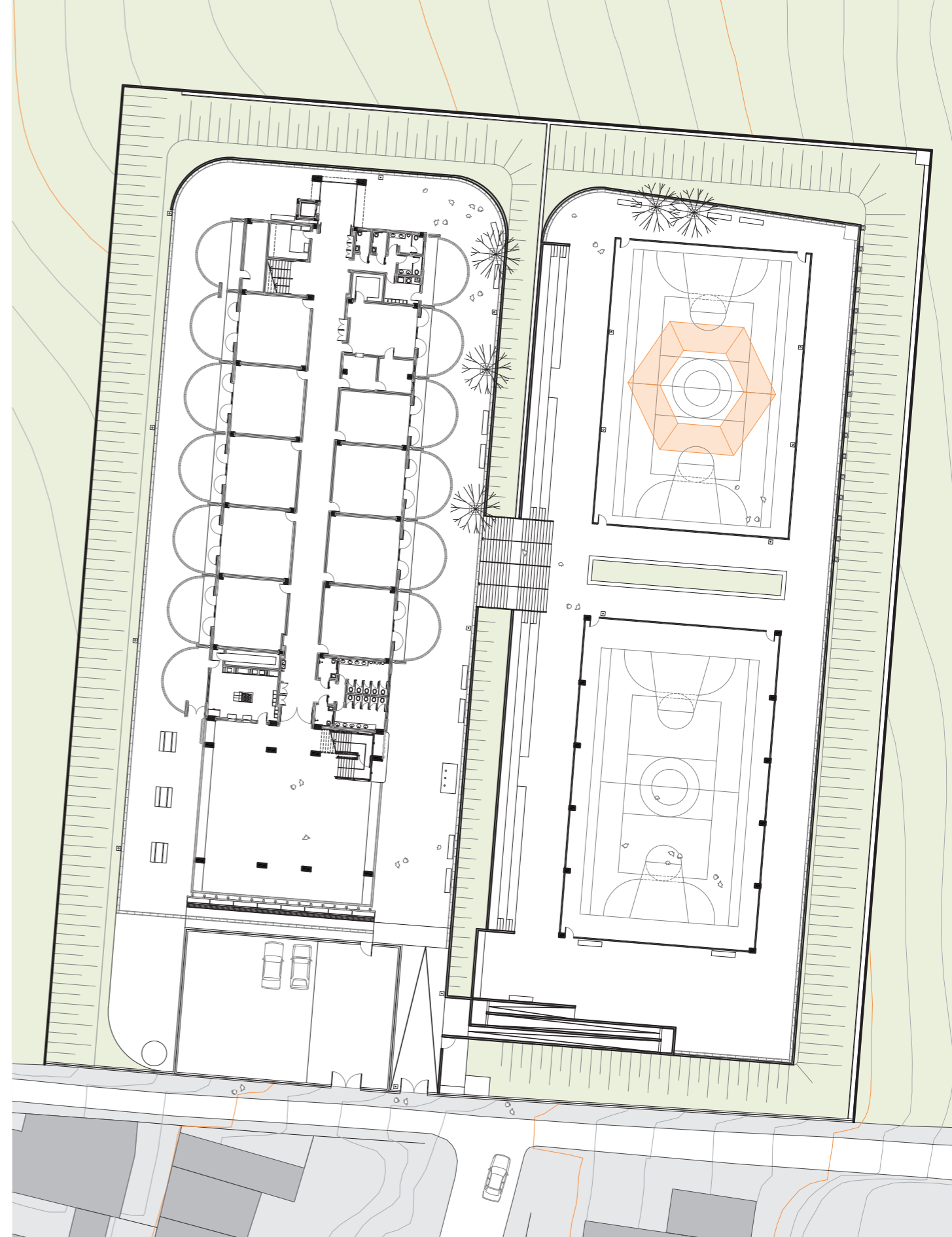


POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO
DO ESPAÇO



IMPLANTAÇÃO INFLÁVEL

0 5 10



sua montagem. Convidamos os interessados a comparecer à escola no final de semana em que estaríamos lá.

As membras do coletivo ainda prepararam um cartaz para a divulgação do acontecimento. Pedi aos alunos do Grêmio que ajudassem a informar sobre o evento entre seus colegas.

EUFORIA

No dia 23/09, afinal, nos encontramos na Estação Butantã da Linha 4 e nos encaminhamos a EMEF Padre José Pegoraro.

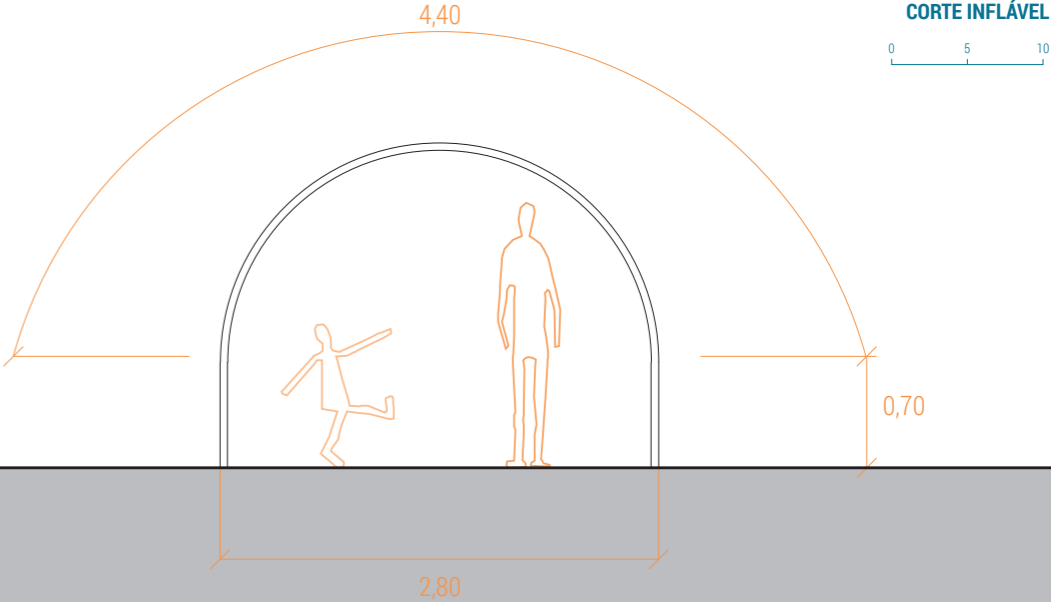
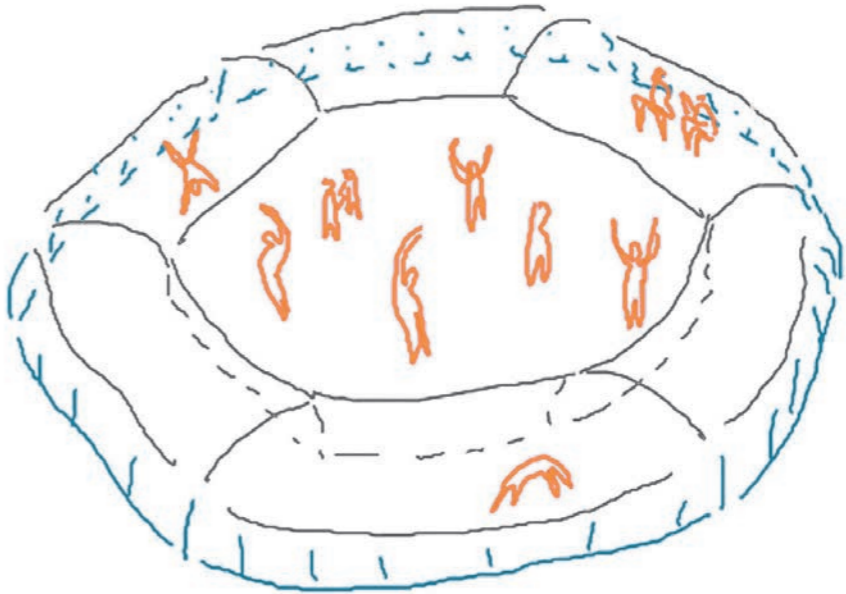
Felizmente, era um dia extremamente ensolarado.

Sônia nos recebeu chegando na escola. Tinha preparado um lanche para nós. Marcelo se sentou conosco. Ele apresentou a construção para o grupo.

Mostrei para as meninas a implantação pouco ortodoxa da edificação. Ficaram intrigadas com o uso de pasto que permanecia nas cotas menos elevadas do terreno. Marcelo chegou a comentar que havia relatos de abuso animal nos pequenos estábulos.

Sem demora começamos a montagem do nosso brinquedo. Precisamos amarrar cabos nas grades da quadra e colocar blocos de concreto dentro dos tubos para que o vento não arrastasse as lonas. Mesmo assim, as brisas movimentavam muito o inflável. Estávamos preocupados com o balanço do plástico, principalmente com a possibilidade que derrubasse os infladores ou que machucasse alguma criança.

Eventualmente, um grupo grande de jovens chegou à escola para poder adentrar o inflável. Prontamente se



TRANSFORMER

INSTALAÇÃO INTERATIVA
ARQUITETURA INFLÁVEL

SÁBADO, 23/09 A PARTIR DAS 10H

tornou impossível mantê-lo fechado, foi necessário liberar a brincadeira para todos.

Assim que **Sônia** abriu o tubo, uma multidão entrou correndo, dando piruetas e cambalhotas.

Em dado momento, **Sônia** forneceu aos usuários baldes para encher o brinquedo de água.

A empolgação dos jovens só aumentou. Imediatamente inundaram o inflável inteiro e passaram a escorregar e patinar por todo o seu comprimento. Jogavam baldes de água uns nos outros para se refrescar no calor intenso.

Sônia distribuiu picolés e lanches para os presentes.

Os pais assistiam enquanto seus filhos se lambuzavam de quitutes e deslizavam pelo plástico.

Não demorou muito para a primeira criança se voltar para mim e dizer: "Mas o que seria bom mesmo aqui seria uma piscina!", o que me satisfez imensamente.

Era a segunda vez que este programa aparecia espontaneamente como necessidade real da população local.

O nosso inflável cheio de água não era uma piscina, mas indicava a possibilidade que uma poderia ser estabelecida ali caso houvesse ação de um poder público que abarca a diversidade do corpo da sociedade para quem projeta.

Novamente, resgatava-se a ideia de um nada (inflável) que é tudo (piscina).

Os adolescentes do Grêmio também participaram da instalação. Documentaram as interações para a Imprensa

Fig.94. Instalação inflável montada na quadra da EMEF Padre José Pegoraro. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.95. Crianças escorregam na água dentro da estrutura inflável. (Fonte: acervo pessoal).



Jovem e, quando livres, também passaram a se envolver com as brincadeiras.

Algumas integrantes do time de Futsal Feminino da FAU USP, com quem chegara a conversar rapidamente, compareceram ao colégio naquele dia também. Estavam uniformizadas e portavam bolas.

Uma brincadeira levava a outra, e, uma vez desvelados os equipamentos esportivos, se apropriaram deles e montaram jogos na quadra e até mesmo dentro dos tubos. As atletas se meteram na euforia e logo estavam carregando baldes para encharcar o plástico com a turma.

Trouxemos também papel *contact* e canetas permanentes para que fosse possível desenhar e escrever nas paredes do tubo.

Em poucos instantes, o inflável estava inteiramente rabiscado. Corações, estrelas e nuvens marcavam toda a extensão do túnel, por dentro e por fora.

Algumas mensagens elogiavam nossa ação ali. Os alunos do Grêmio assinaram seus nomes na entrada do conduto.

Após a apropriação intensa da instalação, o forte calor fez com que a temperatura no seu interior ficasse insustentável. Temendo pelo bem-estar das crianças, foi preciso então esvaziar o brinquedo.

Infelizmente, não foi o suficiente para refrescar a longitude inteira do inflável.

Fomos forçados a encerrar a oficina mais cedo do que o esperado. Isso fez com que diversas famílias que chegaram no turno da tarde não pudessem tirar proveito da nossa

intervenção. Prometemos à diretoria que retornaríamos para poder realizar novamente a atividade.

Sônia preparou uma refeição para todos nós. Comemos cansados, mas satisfeitos.

As lonas foram deixadas no depósito da escola para uso posterior, como marca material para o colégio.

Acredito que tenha sido uma concretização de todo o pensamento que traçara nas minhas primeiras provocações. A natureza interativa do objeto erguido e sua relativa leveza, portabilidade e dinâmica refletiam o gênio de Abel retratado por Careri. O indivíduo que sabe que pode modificar o mundo que habita de forma efêmera e assim pode vê-lo como jogo.

Penso que todo o alvoroço visto naquele dia tenha sido uma enorme abertura para a liberdade do corpo, para a criação da heterotopia tão desejada.

Era minha piscina no Grajaú, finalmente.



Fig.96. Atleta do Futsal Feminino, Julia Amadio, joga entre os módulos da estrutura inflável. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.97. Crianças escrevem com canetas permanentes nos tubos inflados. (Fonte: acervo pessoal).

14/09
20/10

4.4.8. PROJETOS DO GRÊMIO



APRESENTAÇÃO

Paralelamente aos preparativos para a oficina com o Coletivo Infláveis, eu prosseguia dando forma às propostas do Grêmio.

Como já explicado, eram dois projetos: um painel de comunicação e a limpeza da sala da Rádio.

Após a última atividade de discussão no dia 29/08, reuni os contatos de todos os alunos participantes. Mantivemos um canal para que informasse os alunos do desenvolvimento do desenho.

Montei um caderno que reunia o planejamento das duas proposições. Explicava as ideias dividindo-as em três campos: "o que é?", "para quem?" e "como fazer?".

Após terminar o documento, estava de passagem pela escola no dia 14/09, para colar os cartazes do Coletivo Infláveis. Aproveitei para apresentá-lo aos alunos que participaram das oficinas.

Por sorte, os desenhos agradaram aos adolescentes. Consentiram que desse prosseguimento ao ato de materialização dessas ideias.

Concluída nossa intervenção com os infláveis, pude então agendar um dia para realizarmos a montagem do quadro e o mutirão de limpeza.

Após extensa negociação, decidimos que ambos os projetos seriam efetuados no dia 20/10, ao longo de todo o dia. Divulguei um cronograma para a diretoria e para os estudantes e foi, assim, possível que eles acompanhassem quase todo o processo de concepção.

PROPOSTA 1

"O que é?": Um quadro de avisos de 1,60 metros por 0,60 metro para comunicar não só as atividades dos alunos e do Grêmio, como também educar o transeunte sobre a situação do bairro, da cidade e da escola sob o ponto de vista dos estudantes.

"Para quem?": Para os alunos, professores e funcionários da escola principalmente. Também para toda a comunidade que frequenta direta ou indiretamente a escola.

"Como fazer?": Foi acordado que posicionaríamos o painel no patamar da escada na entrada da escola. Seria melhor deixar ele um pouco recolhido em relação ao portão, para o seu fechamento não interferir. Também seria melhor pensá-lo para economizar matéria e para ficar sempre ao alcance dos alunos.

Em relação às características materiais: painel de elástico (não usa tarraxa, nem fita para prender as folhas) com modulação a partir de uma folha A4 (a mais acessível e fácil de imprimir), para aumentar a autonomia dos estudantes que o utilizassem.

PROPOSTA 2

"O que é?": Limpar a sala da Rádio para que o Grêmio possa guardar seu material e poder se reunir caso o tempo esteja ruim.

"Para quem?": Para os alunos do Grêmio prioritariamente. Seria um espaço de vivência estudantil.

"Como fazer?": Precisaríamos fazer um mutirão um dia para recolher o entulho dentro da sala. O que for possível podemos aproveitar para equipar e qualificar o espaço. O

PROPOSTA 1

PROPOSTA 2



IMPLANTAÇÃO PROPOSTAS

0 5 10

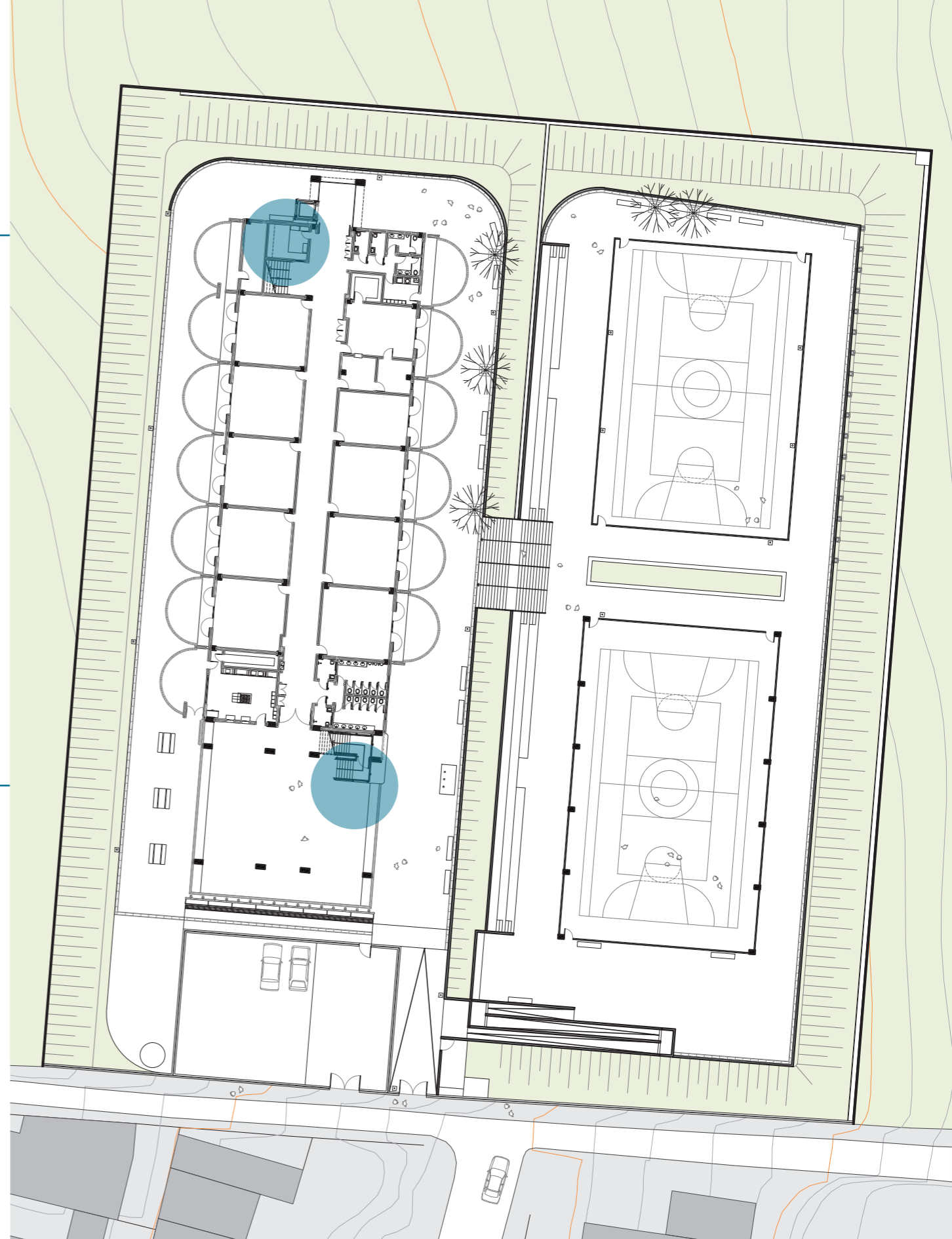
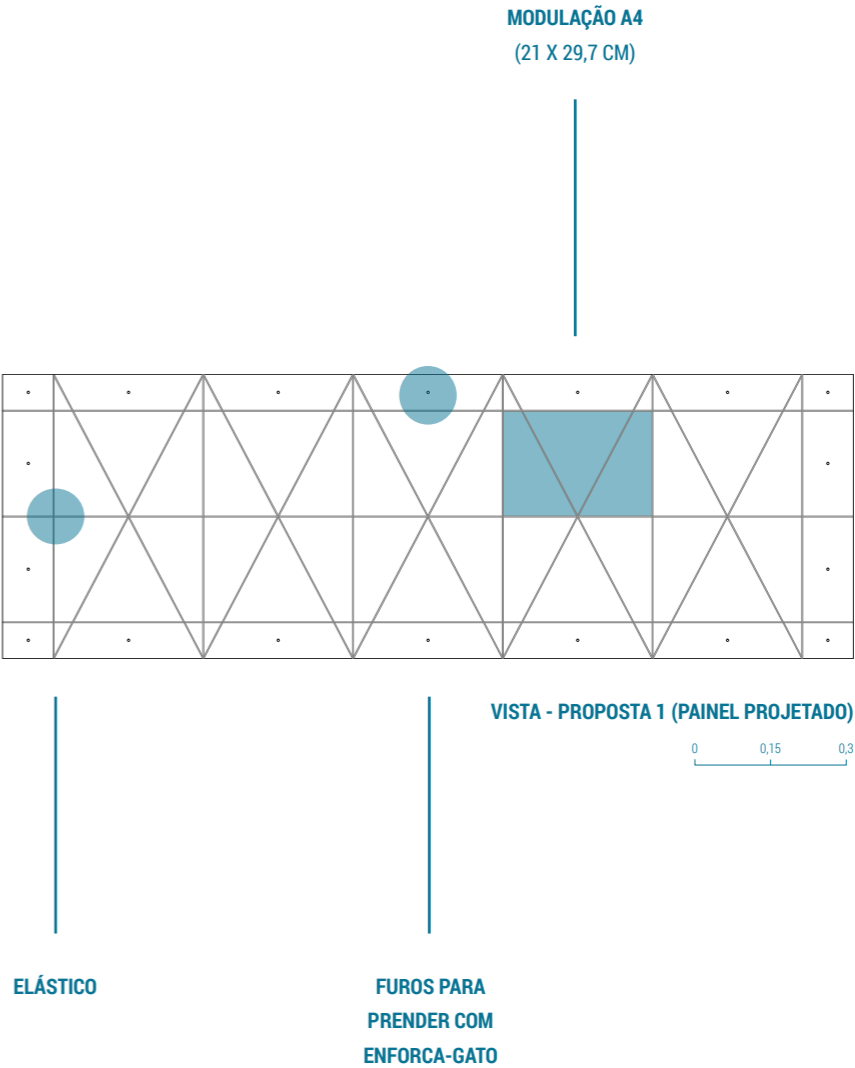
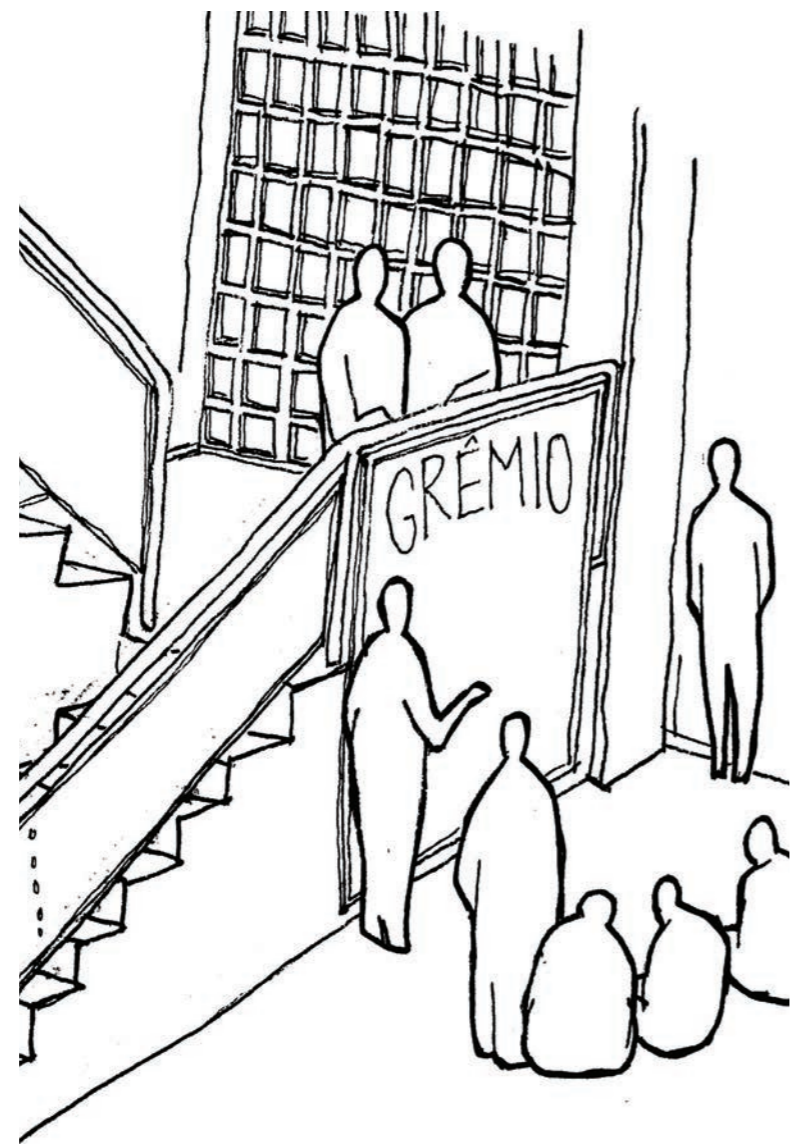
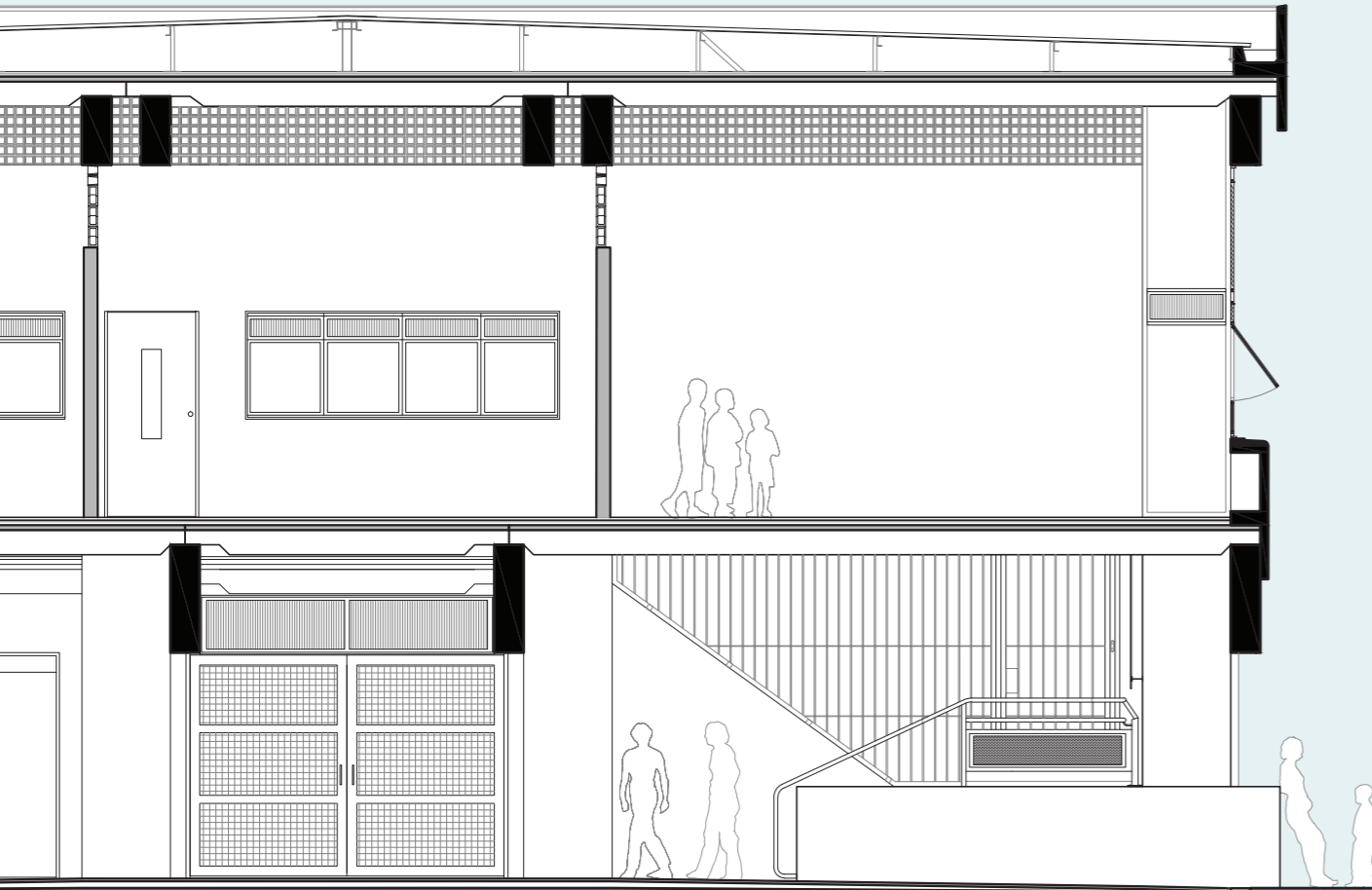
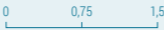


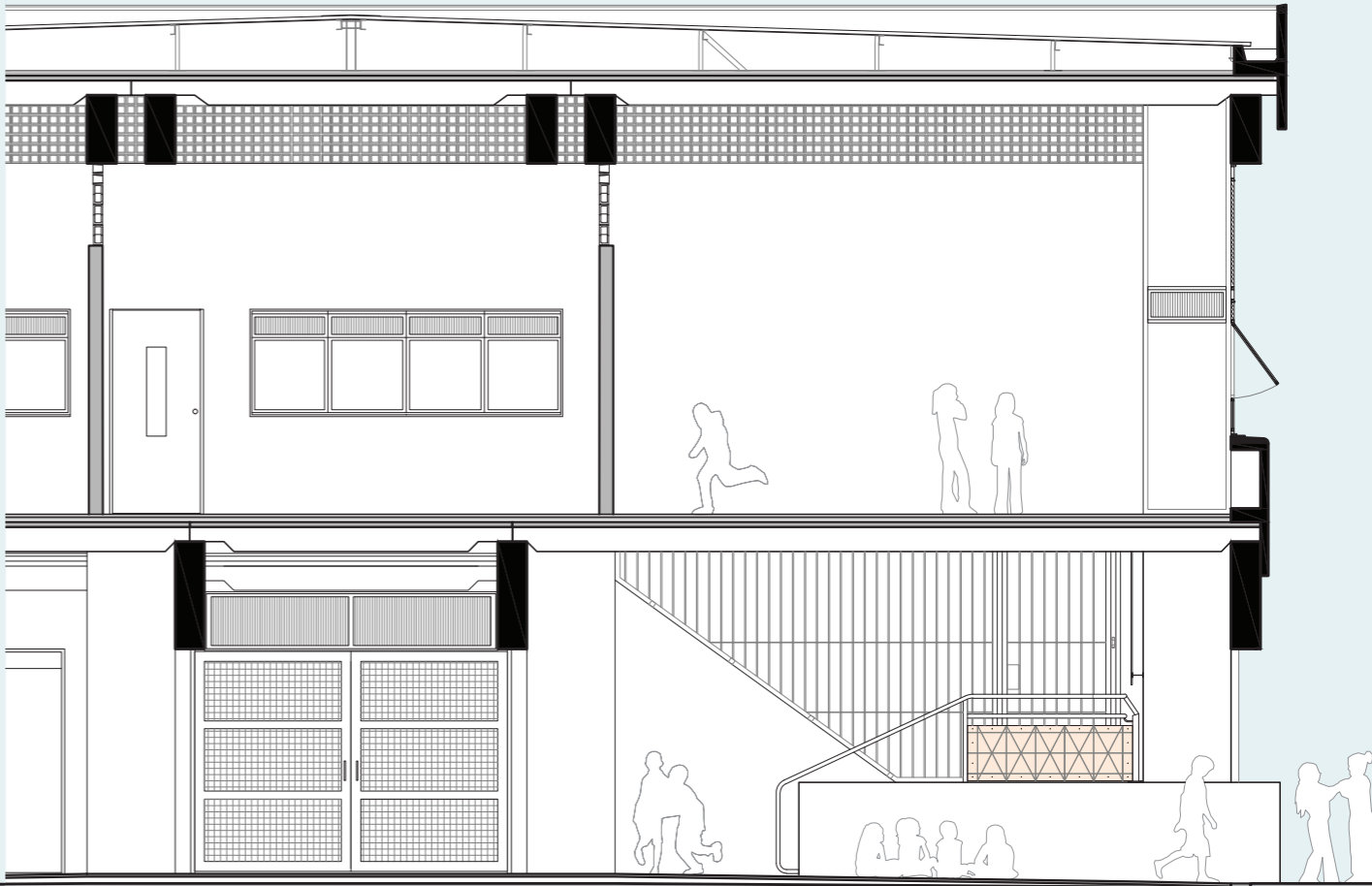
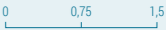
Fig.98. Croqui da primeira ideia de painel de comunicação para o Grêmio. (Fonte: elaborado pelo autor).



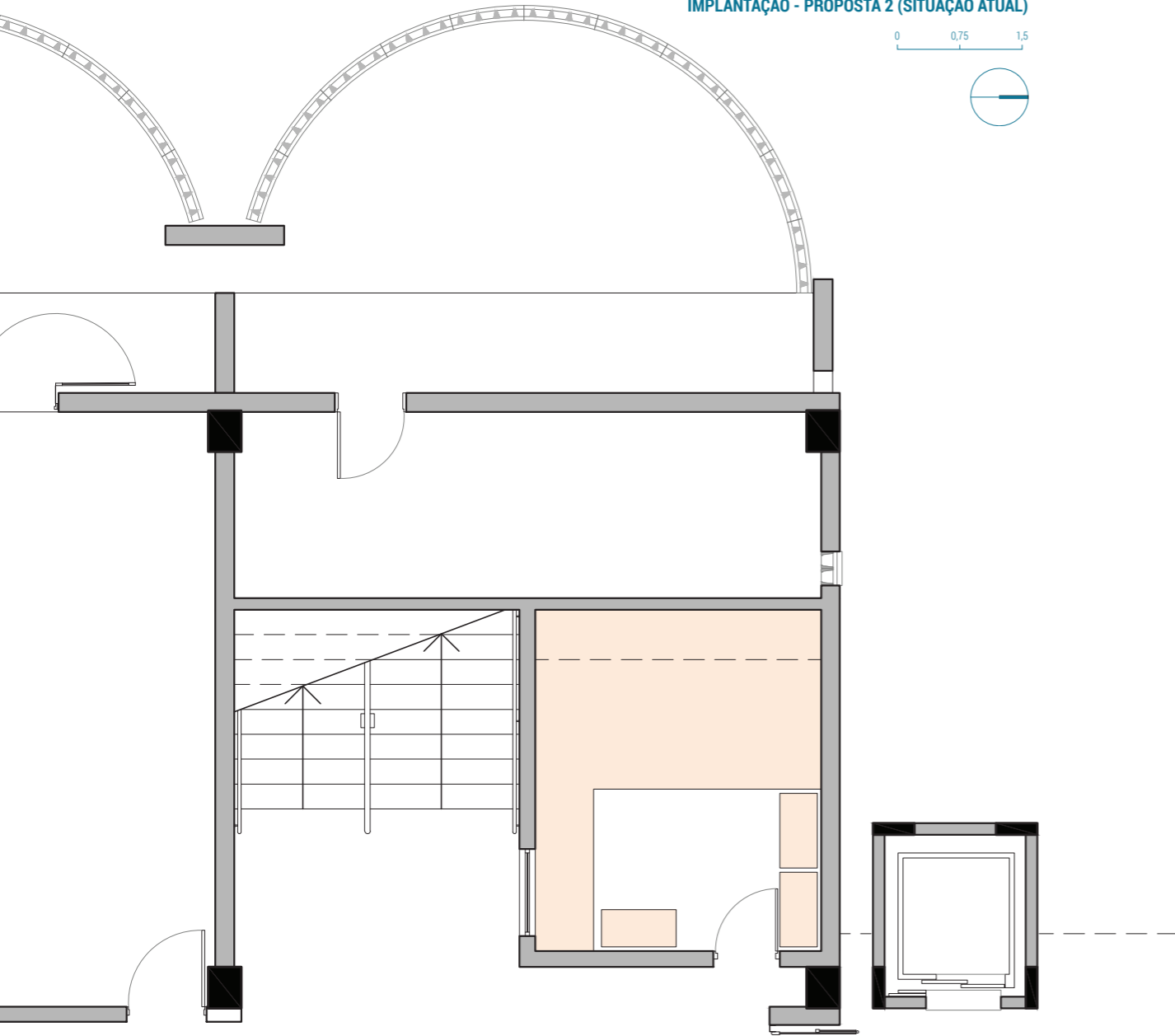
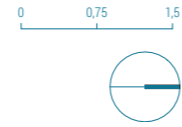
CORTE - PROPOSTA 1 (SITUAÇÃO ATUAL)



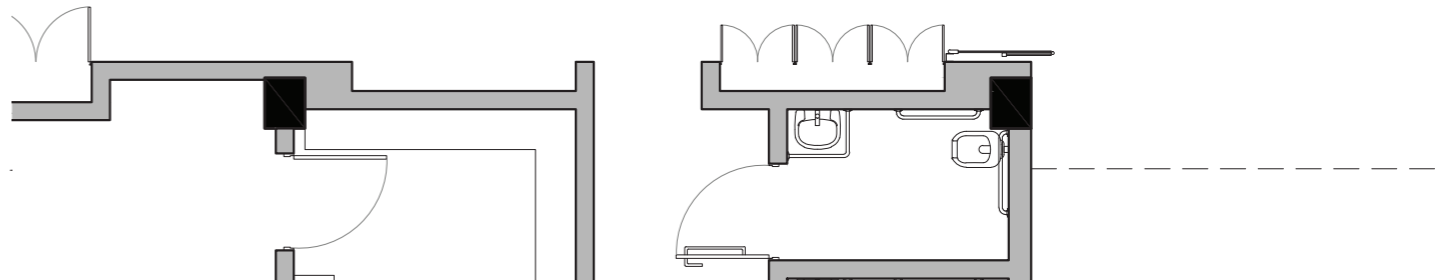
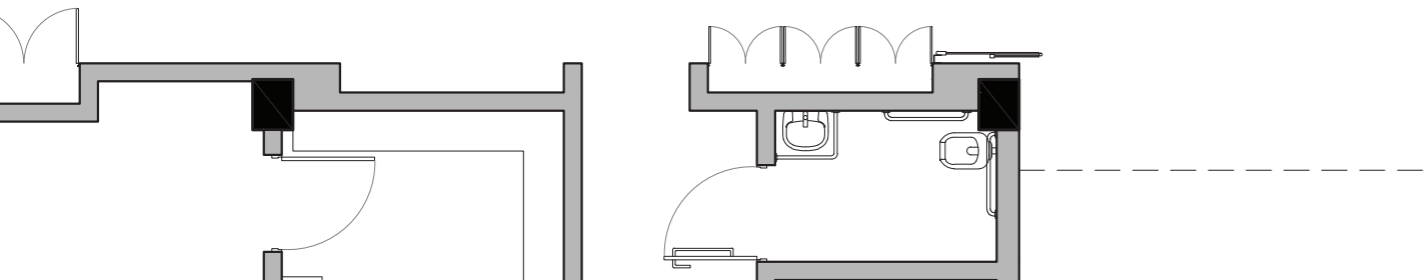
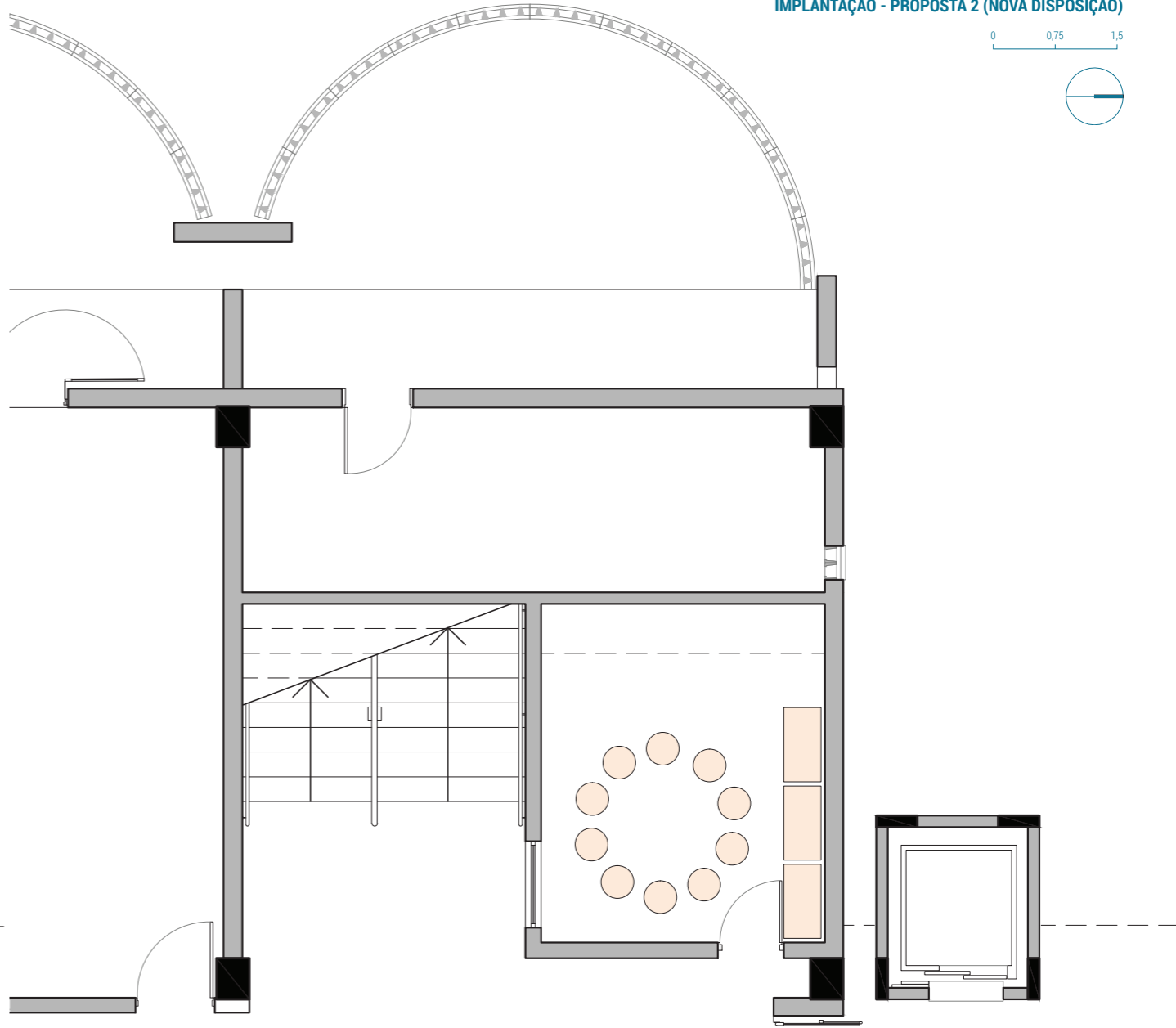
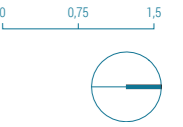
CORTE - PROPOSTA 1 (PAINEL PROJETADO)



IMPLANTAÇÃO - PROPOSTA 2 (SITUAÇÃO ATUAL)



IMPLANTAÇÃO - PROPOSTA 2 (NOVA DISPOSIÇÃO)



resto do material teria que ser movido para o depósito da escada na entrada do colégio.

RESULTADOS

Em relação às demais oficinas, esse momento de trabalho não foi produtivo no sentido de reunir material de pesquisa.

Foi extremamente necessário, no entanto, pois sinalizou uma finalização de todo um processo de aproximação que realizara com a população da EMEF Padre José Pegoraro.

A experiência em sua totalidade fora largamente gratificante. Principalmente no instante em que os jovens puderam sentir que possuíam um lugar para a vivência estudantil, considereei que havia deixado minha marca no colégio de maneira definitiva.

Era o primeiro momento em que efetivamente, na minha história dentro de uma faculdade de arquitetura, construíra algo.

Na minha concepção, fui capaz de demonstrar as vantagens do projeto de cunho participativo numa escala reduzida. Abarcamos o problema do corpo no Grajaú.

Eu, com meu corpo, tive a capacidade de articular uma movimentação, um espírito de insurgência que tomou forma com esforço de reunião, por mais insignificante que possa ter sido.

Assim, de certa forma, atingimos o que estava no cerne desse trabalho que era o nada que é tudo.

Provei como a apropriação do corpo da população pode ser realizada com ações simples, que podemos reduzir o autoritarismo tão vinculado à profissão de arquiteto e



Fig.99. Alunos lixam e amarram os elásticos do painel de comunicação. (Fonte: acervo pessoal).



Fig.100. Os adolescentes do Grêmio prendem seu painel com enforca-gatos no pátio. (Fonte: acervo pessoal).

Fig.101. Limpeza integral da sala da Rádio. (Fonte: acervo pessoal).



urbanista. Pude me redimir em relação às minhas inquietações que no início da minha pesquisa me paralisavam tanto, que me causaram uma enorme crise.

Eram duas ações diminutas e modestas que passaram pelo crivo de longas discussões e edições, representavam o "nada". Usaria, contudo, todo o conteúdo apreendido para planejar o "tudo", o projeto final, que demonstrava o que ainda poderia ser feito com aporte de um poder público focado em englobar um ideal de diversidade, autonomia e liberdade.

O contato com os alunos foi mantido, e prometi continuar realizando projetos e atividades conjuntamente ao recém-formado Grêmio da EMEF Padre José Pegoraro.

Estava pronto para desenhar piscinas.

Fig.102. Os alunos realizam sua primeira reunião do Grêmio no seu novo espaço estudantil. (Fonte: acervo pessoal).



4.5. CORPO APREENDIDO

ELES

Para garantir a heterotopia, o espaço de libertação do corpo no Cocaia, após a intensa pesquisa realizada, elenquei uma série de pontos a serem cumpridos.

Considero que esses sejam os nós vitais a serem tratados para se atingir um projeto de requalificação do urbano e do coletivo com um grau menor de autoritarismo e ao mesmo tempo evitando um individualismo puro.

Reitera-se que é de plena crença do autor que esse tipo de levantamento hodológico e participativo poderia ser traçado pelo poder público, como já fizera Mayumi Watanabe, mesmo que o poder institucional - representado pelo Estado-nação moderno e tradicional - esteja em vias de destruição, como Hardt e Negri já prescreviam em *Império*.

O Estado-nação como conhecíamos pode ser morituro, mas como Argan já afirmara, será ele mesmo que determinará as condições de sua morte e seu projeto até o derradeiro momento. Nesse planejamento, pode ou não abarcar as qualidades do corpo.

Os tópicos aqui levantados procuram resolver a temática da corporeidade no Cocaia. Não ignoram as problemáticas do território, mas também não enxergam o local como sendo o da carência total. Procurou-se valorizar o que aquela periferia tem de peculiar, de identitário.

Segue, então, uma lista de critérios a serem seguidos:

1. A implantação de vias de uso compartilhado poderia ser extremamente benéfica tanto como melhoria das condições de caminhada em ruas coletoras importantes do bairro, mas que são evitadas (como a Rua Dr. Nuno Guerner de Almeida,

por exemplo) como também maior atrativo para rotas já dominadas pelos pedestres (como a Rua Santo Antônio de Ossela).

2. Existem diversas vielas e passagens que representam atalhos vantajosos para os caminhos realizados pelo bairro. As quadras do Cocaia são muito extensas, o que resulta em caminhos mais longos percorrendo apenas as calçadas. Essas veredas não possuem grande uso, contudo, por representar perigos urbanos, sobretudo para as meninas. Seria preciso garantir a limpeza, iluminação e vitalidade nesses lugares.

3. A EMEF Padre José Pegoraro já possui um grande potencial de lugar de encontro, apesar de todas as complicações de projeto e de manutenção. As vistas fotografadas pelos jovens e a ideia do "castelo" revelam que a escola está assentada em local privilegiado. Sua implantação, no entanto, é problemática. O espaço residual gerado cria focos de entulho e áreas ermas e inseguras. Seria preciso garantir os pontos positivos da disposição da instituição e ao mesmo tempo mitigar esses imbróglios. A posição estratégica do terreno da EMEF nas cotas mais altas do bairro e seu uso sem precedentes na região torna imprescindível que toda a área seja transformada. Seria aqui o local onde poderíamos utilizar da melhor maneira o programa de piscinas públicas portanto.

4. A proximidade do bem público sempre foi no bairro uma conquista dura e há uma descrença palpável na eficiência da ação pública. Porém, nos poucos locais em que o coletivo adquiriu penosamente um espaço,

o uso democrático é intenso, como no Parque da Sede, nas muitas escolas e no Sarau do Grajaú. Assim, seria vantajoso ligar esses nodos a partir de um percurso. Trata-se de um bairro, afinal, no qual o caminhar é parte do cotidiano e instrumento de estudo da cidade.

5. A concepção da água como vilã afasta os moradores do bem público representado pela represa ao qual têm direito pleno de uso e também cria uma relação de desunião em relação ao resto da cidade. Resgatar o córrego Reimberg Cocaia e criar meios de costura urbana cruzando o reservatório e a Favela Cocaia seriam meios de qualificar a fruição pública e de revelar um pouco do grande bem coletivo e ambiental representado pela Billings. Prosseguindo, o uso de decks e pontes poderia ainda garantir maior proximidade dos corpos d'água, controle da ocupação irregular e estabelecimento de equipamentos sociais. Optou-se, de qualquer forma, por não trabalhar com remoções de moradia, mesmo em situação de risco, posto que reiteram a visão do projetista como ser autoritário e alienante.

6. Ainda sobre a questão das águas: a situação do Grajaú entre o rural e o urbano, em região de mananciais, pede que exista um cuidado especial para com a drenagem. O esgotamento das vias pode ser pensado para não se dar em detrimento do grande contingente populacional do distrito e vice-versa. Assim, pensou-se no uso de valas drenantes e de plantio de flora específica para o tratamento das águas cinzas no seu escoamento até a Billings.

EU

Talvez a conclusão maior que tenha aferido de toda a aproximação tenha se referido a mim mesmo.

Se iniciara o projeto em intenso e desgastante processo de crise, sinto que o trabalho tenha se mostrado em parte como solução para essa situação paralisante.

Quando me reuni com os adolescentes do Grajaú e pude vivenciar parte de seu cotidiano e paisagem, não me senti como um projetista autocrata, me senti um articulador de ensejos e desejos múltiplos.

Havia os ensejos dos meus mediadores, [Sônia](#), [Carlos Amorim](#) e [Diego](#), principalmente. Escutei as angústias dos alunos do Grêmio nas salas de aula. Ouvi frases soltas nos longos trajetos de ônibus que percorria até a EMEF Padre José Pegoraro.

Construí, assim, a minha deriva e fiz dela, como faziam os situacionistas, um meio de pesquisa.

Curioso foi perceber como minha figura aparecia diversas vezes ao longo do processo.

Era representado por todas as partes envolvidas, até por mim mesmo, que me entregava, mergulhava em uma realidade que não me pertence para que pudesse conhecê-la melhor.

Penso que esse trabalho só ocorreu por possuir a minha identidade, o meu corpo, à deriva em seu cerne.



5. ARQUITETURA

ANEXO

O caderno narrando minhas atividades no Cocaia aqui em mãos já estava bastante extenso quando surgiu a necessidade de representar o que se queria projetar no mesmo texto.

Assim, para descomplicar a visualização do que fora proposto, decidiu-se criar um livro anexo, que mostrasse de forma mais clara e em escala um pouco maior a proposta traçada para o bairro.

Dessa forma, dividiu-se a pesquisa em dois cadernos, um relatando o processo de levantamento de dados e a metodologia projetual e outro, de maiores dimensões de folha, retratando o desenho urbano que imaginei no local a partir da pesquisa meticulosamente traçada aqui.

6. CONCLUSÕES

NADA/TUDO

Após esse extenso levantamento, considero que a mais bela das conclusões tenha sido a forma na qual pude mergulhar numa realidade que desconhecia, para então congrega os ensejos dos que ali habitavam com os meus próprios em um exercício fundamentalmente projetual.

Todos nós - com nossa corporeidade - desejamos deixar nossas marcas. Por mais que elas estejam fatalmente vinculadas a mesma materialidade que nós. Por mais que não sejam perenes nem jamais absolutas.

Não atingiremos o fim da história de maneira alguma. O processo histórico não segue nenhum vetor específico. Possuímos cada um apenas um vislumbre altamente subjetivo da existência num curtíssimo intervalo de vida. O importante, entretanto, é que estamos sempre em movimento, escrevendo de diversas maneiras.

Nossos esforços individuais de escrita na paisagem podem, por fim, ser unidos de forma a modificar efetivamente nosso universo.

Isso pode ser feito de maneira positiva, justa, democrática, não-autoritária. Comprovou-se aqui essa constatação de diversas formas, podendo considerá-las até banais.

O projeto não é nada mais que esta possibilidade de editar a nossa narrativa histórica no mundo. Dada a complexidade infinita de todas as coisas que existem e também nosso tempo limitado como seres viventes, talvez seja o *único* modo que tenhamos para incidir - nunca permanentemente - sobre a terra que caminhamos.

É quase nada. Mas este nada significa a construção de nossos mitos. Significa tudo.

7. BIBLIOGRAFIA

LIVROS, ARTIGOS, COLETÂNEAS E PUBLICAÇÕES

ARGAN, Giulio Carlo. Projeto e Destino. São Paulo, Editora Ática, 2001.

BESSE, Jean-Marc. O Gosto do Mundo. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2014.

BO BARDI, Lina. "O Projeto Arquitetônico". In: RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (Orgs.). Lina por escrito. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.146-154.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

_____. Gênero continua a ser o campo de batalhas: Juventude, produção cultural e a reinvenção do espaço público em São Paulo. Revista USP, São Paulo, n. 102, junho/julho/agosto. 2014. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/97628/96491> >.

Acesso em: 28 nov. 2017.

CARERI, Francesco. Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética. São Paulo, Editora G. Gili, 2013.

DEBORD, Guy E. A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

_____. "Teoria da Deriva". in: JACQUES, Paola Berenstein (Org). Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas Sobre a Cidade. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, pp. 87-91.

DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano (Vol. 1: Artes de Fazer). Petrópolis, Vozes, 2014.

ECO, Umberto. Como Fazer uma Tese. São Paulo, Editora Perspectiva, 2012.

ELIAS, Norbert. O Processo civilizador (vol 1, "Uma história dos costumes"). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

FARKAS, Solange Oliveira. Joseph Beuys: A Revolução Somos Nós. São Paulo, SESC SP, 2010.

FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). João Figueiras Lima - Lelé. Lisboa, Editora Blau, 2000.

FOUCAULT, Michel. "De espaços outros". Estudos avançados [online]. 2013, vol.27, n.79, pp.113-122. ISSN 0103-4014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008> >.

Acesso em: 27 jun. 2017.

_____. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. O Corpo Utópico e as Heterotopias. São Paulo, SP : Editora N-1, 2009 (1ª edição).

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

_____. História da Loucura: Na Idade Clássica. São Paulo, Perspectiva, 2012.

_____. Vigiar e Punir. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009 (37ª edição).

FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014.

GEHL, Jan. Cidades para Pessoas. São Paulo, Perspectiva, 2013.

GOMEZ, Santiago. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro, Record, 2001.

HOLSTON, James. Cidadania Insurgente: Disjunções da Democracia e da Modernidade no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. “Apresentação”. in: JACQUES, Paola Berenstein (org). Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas Sobre a Cidade. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, pp. 13-36.

KOOLHAS, Rem. Nova York Delirante. São Paulo, Cosac & Naify, 2008.

LORENZI, Harri. Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas no Brasil. Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2002.

MAUSS, Marcel. “As Técnicas Corporais” (2003b). “Relações Reais Entre a Sociologia e a Psicologia ”(2003a). Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1934].

MONOLITO. 33. ed. São Paulo: Editora Monolito, 2016.

MOLLISON, Bill. Permaculture: A Designer's Manual. Sisters Creek, Tagari Publications, 2002.

PALLASMAA, Juhani. “A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura”. in: NESBITT, Kate (org). Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965 – 1995). São Paulo, Cosac & Naify, 2006, pp. 481-489.

PESSOA, Fernando. Mensagem, Lisboa, Bertrand, 2009.

REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. A Concepção Estrutural e a Arquitetura. São Paulo, Zigurate Editora, 2000.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO. Urbanização de Favelas: A Experiência de São Paulo. São Paulo, 2008.

TAFURI, Manfredo. Projecto e Utopia. Coleção Dimensões, volume v. 16. Lisboa, Presença, 1985.

TSCHUMI, Bernard. “O prazer da arquitetura”. In: NESBITT, Kate (org). Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965 – 1995). São Paulo: Cosac & Naify, 2006, p.573-584.

VAINER, André & FERRAZ, Marcelo Carvalho (Orgs.). Cidadela da Liberdade. São Paulo, SESC SP, 2013.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E TESES DE DOUTORADO

BUTTONI, Cássia Schroeder. Mayumi Watanabe Souza Lima: A Construção do Espaço para a Educação. Dissertação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FRANÇA, Elisabete. Favelas em São Paulo (1980-2008) Das propostas de desfavelamento aos projetos de urbanização: A experiência do Programa Guarapiranga. Tese – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

GARCIA, Angélica Gonçalves. Projeto Político Pedagógico na Escola Pública: Estratégia e Cultura Organizacional. Dissertação – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

MANETTI, Claudio. Um “Olhar” Sobre o Território: Análise Territorial e Estudo Prospectivo Sobre a “Grande Diagonal Paulista”. 203 f. Dissertação – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 2013.

WEBGRAFIA

Entrevista com Sônia Vieira:

MACHADO, Livia. “Mulheres do Capão Redondo e Grajaú relatam os desafios de viver em SP”. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mulheres-do-capao-redondo-e-grajau-relatam-os-desafios-de-viver-em-sp.ghtml> >. Acesso em: 27 jun. 2017.

Fotografias Parc de la Villette:

ARCHDAILY. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/01-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi/5037f5a728ba0d599b000690-ad-classics-parc-de-la-villette-bernard-tschumi-photo> >. Acesso em: 28 nov. 2017.

Fotografias SESC Pompeia:

ARCHDAILY. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52837518e8e44e524b0000c6-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Dados da construção da EMEF Padre José Pegoraro:

SECRETARIA MUNICIPAL DE SERVIÇOS E OBRAS DA PREFEITURA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO. EMEF Padre José Pegoraro. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/obras/empreendimentos/unidades_da_educacao/index.php?p=13240>. Acesso em: 27 jun. 2017.

Esquemas drenagem:

PHYTORESTORE. Traitement de l'eau. Disponível em: <<http://www.phytorestore.com/fr/coupes-de-principes/traitement-de-l-eau.html>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

PHYTORESTORE. Traitement des boues. Disponível em: < <http://www.phytorestore.com/fr/coupes-de-principes/traitement-des-boues.html> >. Acesso em 27 jun. 2017.

PHYTORESTORE. Traitement des sols. Disponível em: < <http://www.phytorestore.com/fr/coupes-de-principes/traitement-des-sols.html> >. Acesso em: 27 jun. 2017.

Sobre postes de iluminação Green Vision:

PHILIPS LIGHTING. Green Vision Full Family Sheet. Disponível em: < <http://www.assets.lighting.philips.com/is/content/PhilipsLighting/comf1248-pss-global> >. Acesso em: 28 nov. 2017.

“Um dia, na escola, um estudante desenhou uma piscina flutuante. Ninguém lembra quem foi. A ideia estava no ar. Outros desenhavam cidades flutuantes, teatros esféricos, planetas artificiais inteiros.

Alguém tinha de inventá-la. A piscina flutuante – um enclave de pureza num ambiente contaminado – parecia um primeiro passo, modesto mas radical, de um programa gradual para melhorar o mundo através da arquitetura”

(Rem Koolhaas, *Nova York Delirante*)